APRESENTAÇÃO DA SÉRIE
ORGANIZAÇÕES NÃO SINDICAIS

Esta série agrupa filmagens de atores sociais vinculados a luta pela terra e pela reforma agrária. Trata-se de grupos e movimentos que não possuem a forma clássica de associação sindical.

As gravações trazem registros de ocupações, situações dos acampamentos de sem terras, assentamentos em diversas regiões do país, bloqueio de estradas por trabalhadores rurais, encontro de jovens e de educadores do MST, manifestações e marchas a favor da reforma agrária, palestras e entrevistas com dirigentes do MST, depoimentos e registros de violência no campo, além de reportagens sobre esses temas.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Acampamento Fazenda Capela (RS, 1989)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Reportagem sobre a Fazenda Capela (Capela de Santana/RS), antiga Destilaria Capela S.A., sua atual produção, situação fundiária e o acampamento de colonos sem terra no local.
DATA: 1989
LOCAL: Capela de Santana, RS
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/au.rep NS.fazcap	01h15min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Acampamento rural
Badesul Desenvolvimento
Banco do Brasil
Capela de Santana (RS)
Carlos Bavaresco (agricultor)
Colono
Copersucar S.A.
Destilaria Capela S.A. (Capela de Santana, RS)
Fazenda Capela (Capela de Santana, RS)
Governo Sarney (1985-1989)
Hélio Morganti (produtor de açúcar)
José Felix Garcia (empresário agroindustrial)
Lavoura canavieira
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Pedro Odone Rodrigues da Silva (prefeito Capela de Santana/RS)
Proálcool – Programa Nacional do Álcool
Reforma agrária
Rio Grande do Sul

SUMÁRIO:

Jornalista – Questiona prefeito de Capela de Santana sobre ocupação dos agricultores.

Pedro Odone Rodrigues da Silva (prefeito Capela de Santana/RS) – Diz que se posiciona totalmente contrário à invasão de áreas no município; coloca que município dá a opção de empregos nas fábricas devido à pequena distância industrial; diz que área ocupada da destilaria Capela D´Água é uma área produtiva, que a parte alagadiça que corresponde a 500 hectares é altamente produtiva para o arroz e que a outra parte, de 1600 hectares, é altamente produtiva pela citricultura.

Jornalista – Diz que em Capela de Santana estava instalada uma destilaria de álcool, dentro do projeto Proálcool do Governo Federal que foi à falência; questiona como o prefeito vê a falência desse empreendimento.

Pedro Odone Rodrigues da Silva – Explica que foi prevista a plantação de 5 mil hectares com cana e só se conseguiu cultivar 2 mil hectares – a destilaria possuía produção para operar dois a três meses ao ano, motivo que a levou à falência.

Jornalista – Questiona como se deve solucionar o problema dos sem terra no estado; comenta que no estado se tem em torno de 14 mil famílias sem terra.

Pedro Odone Rodrigues da Silva – Diz que reforma agrária não deve ser vista somente pelo fator da terra, mas pela maneira como está o colono; afirma que se governos procurarem ajudar os pequenos agricultores a terem melhor produtividade e renda já se resolveria o problema da reforma agrária; opina que não é tanto o problema da terra, mas que o pequeno produtor não

sobrevive da sua produção e abandona sua terra, tornando-se um sem terra; defende que primeiro deve se propiciar ao pequeno e médio agricultor condições de melhorar a sua produtividade.

- **Imagens: estrada; povoação à beira da estrada.**

Jornalista – Identifica local de gravação; conta que em 1982 instalou-se uma destilaria de álcool, dentro do projeto Proálcool do Governo Federal – financiamento estrangeiro, desativação três anos depois por falta de cana de açúcar, falência, equipamentos investidos sucateados; diz que destilaria possui área de 2500 hectares agricultáveis; explica que depois de sua falência discutiu-se a implantação de um pplo cítrico para produção originária do Vale do Caí (concentrados de suco de laranja e derivados).

- **Imagens: equipamentos da antiga destilaria de álcool; (corte de gravação); vista de terreno; placa da Destilaria Capela S.A.;**

Jornalista – Identifica local de gravação: Fazenda Capela (município de Capela de Santana); apresenta empresário da produção de cana de açúcar; diz que, segundo o empresário, ele foi logrado pelas decisões governamentais por acordo feito entre o BRDE, Gasa e BadeSul; questiona o proprietário sobre como vê a falência da destilaria que pretendia implantar no município.

José Felix Garcia (empresário agroindustrial) – Diz que chegou a implantar a destilaria e que lidou com a falta de apoio dos governos não federais; afirma ter tido todo apoio do Governo Federal – principalmente do presidente Figueiredo; diz que Banco do Brasil atrasou cerca de 10 meses a liberação das verbas para compra de material e implantação da destilaria; explica que tinha acordo com acionistas firmado em ato público no Banco do Brasil (abril/1981) entre a Gasa, BadeSul e BRDE, que perfaziam 275 mil ORTNs, que até hoje não foi cumprido; diz que esse valor transformado em cruzados daria em torno de dois ou três milhões de cruzados novos; fala do insucesso do projeto; conta que foi obrigado a solicitar autofalência e que foram pagos todos os credores com exceção do Banco do Brasil; diz que teve a oportunidade de gerir uma agroindústria de alta produtividade de cana de açúcar, com mudas de cana selecionadas, ajudadas pela Copersucar e pelo doutor Hélio Morganti; afirma que seu insucesso foi parcial, que se sente beneficiado e realizado.

Jornalista – Questiona se o empresário compreende que a iniciativa de trabalhar na indústria foi frustrada e se sente frustrado para atuar em um novo investimento.

José Felix Garcia – Diz que na indústria está frustrado, que deixou de acreditar no governo estadual inclusive no que eles assinam com firma reconhecida; afirma que não se sente à vontade de abraçar outra agroindústria, mas hoje prefere fazer um semi-confinamento bovino, plantando uma quantidade razoável de arroz.

Jornalista – Questiona se a região do proprietário foi discriminada de investimentos do Banco do Brasil, privilegiando o plantio de acácia em pleno processo de implantação da antiga indústria de cana.

José Felix Garcia – Cita demora da montagem da destilaria; explicita tamanho do investimento feito nessa montagem; coloca que produziu quase seis milhões de litros de álcool, entregues às

distribuidoras de Porto Alegre; explica que inadvertidamente as áreas contínuas e contíguas à sua e arrendadas para o plantio da cana, foram financiadas para plantar acácia negra, ficando a destilaria com falta de matéria-prima; afirma que sua propriedade não era suficiente para alimentar uma destilaria; diz que sua meta era de 50 milhões de litros por ano.

Jornalista – Questiona se a Fazenda Capela é produtiva ou não; apresenta Omar Torriane (parceiro agrícola).

Omar Torriane – Diz que em 1984 foi decretada a falência da destilaria e da agropecuária Capela S.A.; conta que a partir de então passou para as mãos de um síndico; fala que equipamentos foram usados para o pagamento das dívidas: débitos levantados e pagos – retorno da gestão a José Felix Garcia; explica que posteriormente foi implantado um projeto para instalação da agropecuária – introdução do gado e estudo de um melhor aproveitamento de cana de açúcar; explica que ainda há 800 hectares de produção de cana; diz que o gado está comendo a cana; afirma que estão retirando gado para abate semanalmente/mensalmente; contrapõe a essa produção uma produção de 500 hectares de arroz; diz que possuem uma estrutura grande para esse cultivo – barragem com espelho d'água, possibilidades de irrigação sem investimentos; coloca que possuem roça de milho, mandioca; explica posse atual da terra - até três meses atrás o proprietário precisava pedir permissão ao síndico; afirma que a partir de então tem se investido na produtividade da Fazenda, dado sensível ao Incra que reconhece o atual incremento na ocupação e exploração da Fazenda.

Jornalista – Coloca que Omar Torriane é também advogado de José Felix Garcia, questiona como ele vê essa expectativa de desapropriação e permanência atual de alguns colonos sem terra na Fazenda.

Omar Torriane – Responde que essa é uma atitude de um ato político no sentido de pressionar as autoridades responsáveis pelo assentamento de colonos; diz que área havia sido cogitada e que foi descartada em função da retomada de sua produtividade e sua inadequação para assentamento; explica que local é da grande Porto Alegre, que não é área para assentamento; afirma que estão utilizando a fazenda para obter outras áreas; explica que existem 1300 hectares que inundam durante a chuva, questiona como vai se assentar colonos em áreas inundáveis; diz que, do ponto de vista técnico e jurídico, não há condições de desapropriação da fazenda; afirma que são vítimas de ingerências políticas e que por detrás dos colonos há pessoas que articulam essas manobras; afirma que podem provar que os colonos foram patrocinados pela Universidade do Vale do Rio de Sinos – pagamento do meio de transporte para transferência dos colonos para a cidade de Capela de Santana; afirma que são apenas "joguetes" na mão de governos e colonos.

Jornalista – Apresenta Carlos Bavaresco, responsável pelo cultivo agrícola retomado depois da falência da Fazenda Capela, para falar sobre as atividades desenvolvidas para o cultivo.

Carlos Bavaresco (agricultor) – Conta que, com a falência, foi feito um contrato de parceria para movimentar a fazenda como empresa rural; explica investimentos: construção de dois mil metros de cerca por mês, lavragem da várzea para plantio de arroz, revisão do campo todo dia para controle do gado; afirma que há em torno de 1500/1600 cabeças de gado;

(corte de gravação)

- **Imagens: área interna da Fazenda; entrevistados almoçando e conversando; área externa – vista do terreno, plantação de cana de açúcar, área de várzea;**

(corte de gravação)

Jornalista – Afirma que dentro do sonho de produzir álcool no Brasil, instalou-se em Capela de Santana a destilaria da Capela, construída em uma área de 14.000m²; conta que foram envolvidos 600 mil sacos de cimento e estruturas de aços inoxidáveis, além de 14.000m de área coberta; afirma que foi transportada de Piracicaba uma indústria de álcool em 310 caminhões e instalado um complexo que visava produzir cinco milhões de metros cúbicos de álcool por ano; coloca que a empresa chegou a contratar 600 funcionários no período de operação; conta que a destilaria funcionou de setembro de 1983 a março de 1984; identifica o proprietário da empresa como sendo José Felix Garcia;

- **Imagens: atual estado da destilaria; gado no pasto;**

Jornalista – Diz que toda a obra da destilaria envolveu 16,5 milhões de dólares buscados no estrangeiro; coloca que em março de 1983 foi dada a abertura de falência e nomeação de interventor do Banco do Brasil; diz que interventor fez a hipoteca de todos os bens da destilaria; mostra saco de cimentos e adubos apodrecidos durante comando do interventor; mostra cofre vazio que deveria guardar o dinheiro da produção; afirma que o Banco do Brasil que havia se tornado a entidade para guardar todo esse patrimônio, deixou esses bens em abandono; afirma que destilaria funcionou por cinco meses e que, pelos problemas já nomeados pelo proprietário, não houve a continuidade da empresa que poderia produzir álcool para a frota de carros do país;

- **Imagens: situação atual da destilaria; jornalista mostra vista do refeitório e dormitório para trabalhadores da destilaria e fala sobre depreciação dos bens por abandono desses locais pelo interventor do Banco do Brasil;**

Jornalista – Diz que um dos investimentos da destilaria, foi a construção de uma barragem utilizada como meio para obtenção de água; mostra área de 600 hectares da barragem; (corte de gravação); conta que a destilaria chegou a empregar 600 pessoas, das quais 300 moravam no alojamento coletivo em que se encontra; afirma que alojamento está abandonado desde 1985; mostra colchões e beliches abandonados (corte de gravação).

- **Imagens: vista da fazenda, prédios abandonados da destilaria;**

Jornalista – Apresenta "prova do desperdício das coisas públicas do Brasil": refeitório dos trabalhadores da destilaria; mostra fogões depenados e situação interna do refeitório; (corte de gravação); mostra área que foi ocupada por 101 famílias do Movimento dos Sem Terra, em 04 de agosto de 1989, vindas em três ônibus e quatro caminhões, procedentes do Rincão do Ivaí (Salto do Jacuí/RS); saída dos colonos quatro dias depois devido a uma liminar da justiça e ocupação na beira da estrada; (corte de gravação); mostra local de acampamento das famílias na estrada; reapresenta situação da antiga destilaria; diz que Rio Grande do Sul possui 140 mil famílias sem terra; apresenta sem terras que ocuparam a Fazenda Capela; conversa com crianças; pergunta ao colono sem terra, Sadi, se já foi agricultor.

Sadi (colono sem terra) – Responde que sim, em Rodeio Bonito (RS); diz que o que o motivou a ir parar no barranco em Capela de Santana foi a situação de trabalho como peão em Rodeio Bonito; diz que entrada para o MST foi para buscar uma sobrevivência melhor para a família, que seu trabalho era quase escravo e que não tinha condição nem pra comprar um pacote de açúcar; diz que não dá para ficar parado, que sem lutar ninguém vence; conta que já é o décimo acampamento que estão enfrentando; diz que com a graça de Deus vai conseguir seu pedaço de terra para produzir, para não precisar receber alimento do governo e para vender produtos mais puros nas cidades; diz que o próprio estado poderia ter mais renda com a produção das terras que estão ocupadas por bois na Fazenda, que a própria quantidade de bois não justifica o tamanho das terras.

Jornalista – Entrevista Teresa, colona sem terra.

Teresa (colona sem terra) – Diz que estão procurando terra para dar alimento para os filhos; conta que é de Rodeio Bonito; acha que governo poderia dar um pedaço de terra para dar sustento aos filhos.

Jornalista – Entrevista Leri da Silva (colono sem terra).

Leri da Silva (colono sem terra) – Diz que vem de Palmitinho; conta que está em seu décimo acampamento; diz que luta é uma luta que o homem enfrenta porque a necessidade manda, que o trabalho de salário mínimo não dá para o homem viver, que conquistar um pedaço de terra para sustentar os filhos é melhor.

Jornalista – Entrevista Neusa (colona sem terra)

Neusa (colona sem terra) – Diz que vem de Palmitinho e que está no acampamento para ter um pedaço de terra e dar sustento para os filhos; opina que é melhor ter um pedaço de terra porque na cidade o salário mínimo não é suficiente para viver; diz que sabe produzir quase tudo que é necessário para o sustento dos filhos.

Jornalista – Dirige-se aos colonos sem terra e diz para ele darem um grito forte sobre aquilo que eles mais querem hoje.

Crianças – Respondem: "terra".

Jornalista – Resume demanda desses colonos; fala sobre lema criado no encontro nacional do MST "Ocupar, resistir, produzir"; opina que não é sem sentido que este lema se reflete na realidade do acampamento da Fazenda Capela; entrevista Geraldo Lorenzi (colono sem terra).

Geraldo Lorenzi (colono sem terra) – Diz que é de Seberi (RS), que está em seu décimo acampamento; opina sobre romaria de acampamentos: quanto mais acampamento, mas se cansa, mas não deixa de criar mais coragem para enfrentar a luta e desmascarar a "cara do governo" que só promete; acredita que existem muitas terras para serem assentados; diz que não conhecia a área de terra da Fazenda Capela, mas que chegaram e estão ali para ver a vergonha em dizer que essa terra é produtiva; afirma que só há na área poucas cabeças de gado magro, um monte de cobra; diz que o governo deixou que o juiz assinasse o despejo e os colocasse na estrada; diz que essas terras são suficientes para as 101 famílias tirarem seu sustento e que ajudariam muita gente que está morrendo de fome na cidade.

Jornalista – Diz que algumas pessoas os consideram agitadores, bandoleiros, pessoas de má fé que querem tumultuar o próprio processo de reforma agrária.

Geraldo Lorenzi (colono sem terra) – Diz que essa é a "verdade" no Brasil, mas que eles estão atrás de um direito que Deus deixou, que eles não estão a procura da anarquia, mas da terra, do direito; diz que possuindo a terra eles não vão incomodar mais ninguém; afirma que governo acha que povo que está se organizando é o povo que quer anarquia no Brasil.

Jornalista – Entrevista Horestote de Trindade de Bairos (colono sem terra).

Horestote de Trindade de Bairos (colono sem terra) – Confirma que nunca votou para presidente da República; diz que situação no Brasil está "braba", que reforma agrária está difícil de sair; conta que está no décimo acampamento; diz que o governo não faz reforma agrária então o movimento tem que fazer; fala da importância em poderem produzir; diz que Fazenda Capela é uma terra produtiva e que só tem "meia-dúzia" de gado magro e cobra; mostra situação do acampamento à beira da estrada, tentativa de fabricação de pão e ferimento em criança por causa de fogão improvisado; entrevista Maria (colono sem terra).

Maria (colono sem terra) – Conta que nasceu na colônia, que são de Alpestre (RS) e que está em seu décimo acampamento; diz que luta é triste, que dá vontade de desistir, mas que continuam por causa das crianças; conta que tem quatro filhos, que veio sem o marido, que não podia perder quase dois anos de luta; diz que antes de ingressar no MST trabalhavam como agregados, dando parte da produção para o patrão; diz que esperança é ficar na área em que se encontram.

- **Imagens: cartazes reivindicatórios; varal de roupas do acampamento, bandeira do MST; barracos de lona; colonos sem terra; momento de lazer entre colonos.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Acampamento Fazenda Itati (RS, 1987)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Ocupação da Fazenda Itati, em São Nicolau (RS) e retirada para acampamento provisório em Caaró – Santuário dos Mártires, Caibaté (RS).
DATA: 25-27/11/1987
LOCAL: São Nicolau (RS)
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Há 4 DVDs sobre Acampamento Fazenda Itati (RS), mas a referência é que de há 5 gravações de fitas; dois DVDs possuem o mesmo conteúdo. Um dos DVDs deixa de rodar no início.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.fazitati	DVD1 – 1h40min DVD2 – 2h DVD3 – 2h	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Acampamento rural
Adão Pretto (deputado estadual/RS)
Antônio Prestes (presidente PT/Ibirubá)
Caibaté (RS)
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Fazenda Itati (São Nicolau, RS)
Governo Sarney (1985-1989)
Ibirubá (RS)
Iranir Müller (deputado estadual/RS)
Luta pela terra
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
CPT – Comissão Pastoral da Terra
Pedro Simon (governador RS)
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
Rio Grande do Sul
Santo Anjo (RS)
São Nicolau (RS)
Títulos da Dívida Agrária
Trabalhador rural sem terra
Três Passos (RS)

SUMÁRIO:

DVD 1 – duração: 1h40

- **Imagens: Trova de peão (colocar a terra em plena atividade; muitos saíram de suas terras e deixaram de ser honrados; fala sobre importância da caminhada que ocorre em todo país – não é para anarquizar autoridade, mas para mostrar que a maior parte do povo é lutador, que precisa ter apoio).**

Adão Pretto (deputado estadual/RS) – Diz que ocupação de terra serve para perder espaço na Assembleia Legislativa, mas que esses deputados nunca ajudaram na pratica, só no discurso; afirma que luta do povo traz clareza; fala sobre propostas de projetos: diz que Projeto de Seguro Agrícola foi o de mais peso e que já foi aprovado, mas falta parecer favorável de Pedro Simon; cita atuação do deputado Iranir Muller; cita Projeto do Calcário para recuperação da propriedade do pequeno agricultor – financiamento a longo prazo com juros subsidiados e dois anos de carência, empréstimo para agricultores que tenham até três módulos de terra.

Discurso de Adão Pretto (deputado estadual/RS) – Diz se sentir à vontade e triste entre trabalhadores rurais sem terra, porque vê imprensa desqualificar pessoas do MST; diz que povo descobriu que tem parte na terra perante Cristo e perante a lei, através do Estatuto da Terra; afirma só faltar tomarem conta da terra; comenta descoberta de não só ter o direito, mas o dever sobre a terra; afirma que quem invadiu essas terras são aqueles que nunca trabalharam; explica porque não adianta dar terra para alguém se não existe política agrícola; afirma que o colono

hoje está pagando para trabalhar e que mesmo assim continua trabalhando; diz que Brasil é o segundo país do mundo na produção de alimentos; defende que luta é pela terra, mas também para mudar o sistema; afirma que a liberdade existe para quem tem dinheiro e que para o povo ter dinheiro é preciso mudar o sistema; fala sobre necessidade de dividir a riqueza; diz que na hora que mexer na terra, vai se começar a tomar o poder político, e o poder político dá o poder das armas e que tendo o poder das armas pode-se até jogar as armas fora.

Entrevistador – Pergunta ao deputado Iranir Muller como foi a negociação em Porto Alegre na Assembléia Legislativa.

Iranir Muller (deputado estadual/RS) – Fala sobre derrota da proposta feita pelo deputado Fortunati para criação de uma comissão interparlamentar, interpartidária, para ir às três áreas ocupadas; diz que viu muitos deputados que no palanque dão apoio, retirarem esse apoio; cita deputados do PDT; diz que ele e Adão Pretto viram que a ocupação foi um sucesso, mobilizou o Brasil e o exterior; afirma que é preciso que a mobilização continue porque a reforma agrária está no papel; diz ter conversado com o ministro da reforma agrária – promessa de que irá levar os 500 milhões de TDAs prometidos para se adquirir algumas áreas; afirma necessidade da reforma agrária; responde que PMDB é um leque de opiniões e ideologias – apoio integral dos setores progressistas; crítica ao governo do presidente Sarney.

- **Imagens: Adão Pretto participa de trova – criticas aos governos e políticos, luta pela reforma agrária e melhoria de vida; acampamento a noite – conversa sobre chegada ao acampamento; acampamento pela manhã – homens arrumam objetos em caminhão; preparação para saída do acampamento; mulheres e crianças.**

Entrevistador – Pergunta a trabalhador rural sem terra para onde estão indo.

Trabalhador rural sem terra - Diz que ele mesmo não sabe.

- **Imagens: chamada para se reunirem e rezar antes de saírem do acampamento; trabalhadores rurais sem terra reunidos cantando e rezando; gritos de guerra; citação sobre símbolos do MST (terra, cruz); homens arrumando objetos em caminhão; - movimentação para retirada do acampamento bandeira MST e Brasil;**

Comunicação ao vivo com o rádio – espera de informações para saber o destino aos acampados da Fazenda da Itati, possibilidade de ida para o Caaró; pedido de de caminhões aos STR de Santo Angelo (RS), São Nicolau (RS), para transporte de pessoas – questionamento de quantos iriam e a que horas.

- **Imagens: caminhada do grupo acampado pela estrada acompanhada de grupamento policial; chegada de comandante e oficial de justiça; aviso de chegada de dois caminhões para transporte (corte de gravação).**

- **Imagens: discursos (falas cortadas); música sobre "mulher da terra".**

<u>DVD 2 – duração: 2h</u>

- **Imagens: trabalhadores rurais sem terra cantando; presença policial; oficial de justiça diz a jornalistas de que juiz vai orientar o que se deve fazer, ausência de uma negociação concreta, contato feito verbalmente – diz que negociações continuam e que prazo para permanência no local expira em 24horas; discurso pró-reforma agrária entre ocupantes da Fazenda Itati (RS); sem terra cantando; policial dá aviso aos agricultores que dentro de 24 horas eles serão retirados da fazenda; explicação sobre liminar de reintegração de posse e necessidade de saída dos trabalhadores rurais sem terra da Fazenda Itati; reação dos sem terra sobre liminar de reintegração de posse; depoimentos de sem terra sobre demandas do grupo que ocupa Fazenda Itati (RS) e falta de local para irem; pedido de releitura de documento sobre reintegração de posse pelos trabalhadores – falta de entendimento sobre o texto; discurso sobre falta de compreensão da situação dos colonos sem terra e ausência de apoio político à luta pela terra; ocupantes reunidos; bandeira MST; barracas de lona; trabalhadores rurais sem terra rezando "Pai nosso" e cantando; ocupantes reunidos: cantos, gritos de guerra, presença de apoio das comunidades vizinhas; presença da polícia militar; vista geral da situação do acampamento; informação passadas aos trabalhadores rurais sem terra: espera do coronel para negociação, pedido para manter movimento pacífico; entrada de crianças em caminhonete; saída de caminhões e caminhonetes com homens, mulheres e crianças; passagem dos transportes em perímetro urbano e estrada de terra; chegada em "Caaró – Santuário dos Mártires" em Caibaté (RS); conversa entre policiais e padre; informações passadas aos trabalhadores rurais sem terra: pedido de cuidado no espaço cedido para permanência durante negociações, presença da comissão da saúde; distribuição de comida feita por freiras; placa de entrada "Caaró - Santuário dos Mártires"; crianças cantando acompanhadas por sanfoneiro; panorama geral do acampamento.**

Entrevistador – Diz que algumas famílias saíram antes do despejo; questiona quem são essas famílias e porque saíram.

Liderança MST – Diz que eram famílias que há muito tempo estavam lutando por terra, mas de forma desorganizada; explica que, apesar da entrada no MST, próxima a data da ocupação, não possuem muita consciência de luta, e que ir para outro lugar era impróprio para eles; explica que essas famílias possuem uma pequena porção de terra e que com a mudança de local acharam melhor ficar naquela região.

Entrevistador – Pergunta média do tamanho de terra desses agricultores.

Liderança MST – Responde ser de um hectare, com casa de chão batido; fala que conseguem viver com essa terra e também trabalham na terra de outros proprietários (capina, tratorista, plantio); diz que grupo lamentou saída, que essas famílias vinham dando grande apoio; diz que vão continuar trabalhando com eles para que eles se organizem novamente, que desistência foi por ida a uma área provisória.

Imagens: bandeira CUT.

Entrevistador – Pergunta como se deu o apoio da CUT Missões na ocupação da Fazenda Itati.

Representante CUT Missões – Diz que se fez presente desde as primeiras discussões e quando começou a abrir para a participação de entidades; acompanhamento e apoio da ocupação desde

seu início; diz que proposta é de montagem de uma barraca junto aos acampados para ter permanência e dar auxílio.

Entrevistador – Pergunta como foi a participação da Pastoral da Terra na ocupação da Fazenda Itati.

Representante Pastoral da Terra – Diz que participação se dá em diversos níveis: na conscientização em torno dos direitos dos trabalhadores rurais (pequenos agricultores ou pequenos proprietários, peões ou agregados), através das comunidades – participação dos cristãos nos organismos e movimentos populares; diz haver uma ajuda ao MST, movimento autônomo, para que tenha recursos, através de campanhas; cita ainda apoio estrutural para o próprio movimento; diz que a Pastoral da Terra durante ocupação apoiou a decisão; critica atuação do governo diante da questão das condições de vida humana na área agrária; fala que próximo passo da Pastoral da Terra é a campanha de sustentação dos companheiros acampados para minorar as necessidades do grupo e a presença para as necessidades da fé; acredita que um próximo passo seria participar na pressão para a desapropriação de áreas, porque a terra ocupada não é ainda a terra para plantar.

Entrevistador – Diz que soube que uma casa de companheiro foi cercada; pergunta como se montou as barracas.

Trabalhador Rural Sem Terra (Roque) - Diz que casa do companheiro em que estava foi cercada por policiais por causa de sua presença; conta ter sentido muito não poder acompanhar os companheiros na saída do acampamento de Itati; explica que não acompanhou a montagem de barracas, que esse acampamento é provisório, mas que no próximo vão organizar a montagem de barracas de modo a não dar problemas com as entidades.

Entrevistador – Pergunta como se deu a ação da CUT.

Representante da regional CUT Celeiro – Diz que participação da CUT foi do começo ao fim: desde a organização a noite, caminhada para o local e permanecendo pelo menos dois dias no acampamento da fazenda; diz que hoje estão juntos no ato, trazendo a força da CUT para os companheiros.

Entrevistador – Pergunta como se deu a ação da CUT a nível estadual.

Representante CUT/RS (Elvino) – Explica política da CUT: generalização de ocupações para garantir a reforma agrária; conta que a CUT discute a atuação política antes das ocupações; expõe questões principais da CUT: presença política (propostas aos companheiros do MST), divulgação da bandeira da reforma agrária no movimento sindical e abertura de negociações junto ao governo para conseguir terras para desapropriação.

Entrevistador – Apresenta padre Fábio, coordenador geral da diocese; pergunta como se deu o apoio e a participação da diocese na ocupação da Fazenda Itati (RS).

Padre Fábio – Explica que realidade dos sem terra abrange todo Rio Grande do Sul; diz que muitos sem terra de sua diocese foram ocupar Itati; fala sobre apoio a reivindicação justa, de um povo que não tem como ganhar o seu sustento; diz que situação da Fazenda Annoni (RS)

não é um caso isolado, Itati mostra que a problemática é muito mais séria; acha que a sociedade deve olhar com atenção para essa situação.

Entrevistador – Apresenta Antônio Prestes (presidente PT/Ibirubá); pergunta qual foi o apoio e participação do PT na ocupação da Fazenda Itati (RS).

Antônio Prestes (presidente PT/Ibirubá) – Diz que apoio do PT é contínuo; explica que PT nasceu dentro desses movimentos (operário e sem terra); diz que se é um partido que se diz do trabalhador tem que conviver junto com o trabalhador; afirma que apoio é dado dentro da Assembléia e da Constituinte.

Entrevistador – Pergunta sobre trabalho de apoio das mulheres de Ibirubá (RS) na ocupação de Itati; questiona relação com os pequenos produtores da região.

Mulher sem terra 1 – Diz que apoio foi através da conscientização de que a mulher deve participar junto do marido, na luta pela sobrevivência da família; explica que é a mulher que pensa o que pôr nas panelas; defende não uma luta separada das mulheres, mas junto dos homens; explica que preocupação dos pequenos produtores era de saber o que realmente acontecia; diz que imprensa nem sempre mostra os fatos verdadeiros; diz que preocupação dos pequenos proprietários é a de apoiar e incentivar para acontecer a reforma agrária;

Entrevistador – Questiona como foi o apoio da Executiva Estadual dos Sem Terra e da Executiva Regional de Santo Angelo dos Sem Terra.

Liderança MST – Diz que a nível de estado e de regional tem o compromisso em organizar a regional de cada estado – explica última alternativa: formação e conscientização para ocupação de terra; diz que todos os trabalhadores rurais estão organizados para enfrentar o que der e vier; afirma que luta pela terra não vai parar com essas pequenas ocupações no Rio Grande do Sul; identifica ocupações como ato de pressão; diz que se sentem humilhados em ter que pressionar diretamente o governo; fala sobre necessidade de fermentar a massa de trabalhadores diante dos companheiros perdendo terra e aumentando a miséria.

- **Imagens: trabalhadores rurais sem terra cantando; início do ato público: citação das entidades de apoio, afirmação da necessidade da união da classe trabalhadora pela reforma agrária, crítica a ação do governo;**

Entrevistador – Pergunta como foi feita a montagem do acampamento provisório em Caaró.

Trabalhador Rural Sem Terra – Explica que montagem do acampamento provisório não separou a área por regional, mas que intenção é de organizar por regional; diz que estado possui seis regionais; fala sobre ocupação no município de São Nicolau: duas ocupações cada uma de três regionais; explica que ocupação em Itati foi feita pelas regionais de Ibirubá, Santo Angelo e Três Passos; diz que tentativa de organização interna do acampamento é por regionais de maneira que dê para fazer nucleação, onde existam representantes de ambas regionais para promover a integração do povo e não só regionalizar; diz que gostariam de permanecer o mínimo possível em Caaró, mas que previsão é de um mês, dependendo da abertura de negociações; afirma que, aparentemente, o governador não está a fim de abrir para negociações; diz que se não houver abertura, serão obrigados a tomar novas atitudes.

Entrevistador – Questiona como foi feita a organização na regional de Ibirubá quanto ao acampamento provisório.

Mulher sem terra 2 – Explica que organização foi feita por município (cinco municípios com acampados) – por núcleo; diz que desta forma é melhor para se reunir.

Discurso liderança MST – Diz que diante do fracasso do Plano Regional de Reforma Agrária e das últimas medidas do governo (refere-se a um decreto que não serve para eles, porque esgota tudo que possuíam para se agarrar na justiça), ocuparam a Fazenda Itati em 23/11/1987, em São Nicolau – terra de 5500 hectares de propriedade de Aldo Pinto (ex-deputado estadual) – cerca de mil famílias, sendo despejadas cinco dias depois; (corte de gravação); explica que ocupação também ocorreu em Palmeira das Missões (RS), na Fazenda do Salto. (corte de gravação)

– Falas entrecortadas –

<u>DVD 3 – duração: 2h</u>

Transportador de água para acampamento – fala sobre abordagem na estrada e impedimento de passagem de funcionários ajudantes para distribuição de água entre colonos.

Entrevistador – Apresenta Luís Carlos Leal, Secretário de Saúde do município; questiona-o sobre o que está sendo feito em relação ao acampamento.

Luís Carlos Leal (Secretário de Saúde de São Nicolau/RS) – Diz que Secretaria de Saúde e de Ação Social busca dar uma assistência primordial: instalação de posto médico de emergência, entrega de 300 kg leite em pó, um fardo de farinha de milho, um fardo de arroz e 400 embalagens de sal para reidratação oral; explica que afora isso trazem três mil litros de água na parte da manhã e mais três à tarde; diz que pensam em ativar poço artesiano para colocar bomba e trazer água com mangueira até a localidade do acampamento; explica que quantidade de alimentos deve servir para uma semana; diz que estão recebendo mais alimentos remetidos pelo Departamento de Saúde Pública do Estado; fala sobre dificuldade de transporte e que Defesa Civil deslocará caminhões para esses alimentos para São Nicolau; comenta disponibilidade de uma farmácia básica para o acampamento;

Entrevistador – Apresenta médico da prefeitura, Guido, e pergunta quais os principais casos no acampamento.

Médico (Guido) – Diz que ainda não teve muito contato estreito com situação do acampamento, diz que observou os "elementos humanos"; explica possibilidade de desidratação na população – dispepsias por contaminação, alimentação a base de leite por falta de outros alimentos; responde que outros riscos são de contaminação por ocupação de área reduzida e produção de lixo no local; diz que prefeitura esta disposta a colaborar para dar situação mínima; comenta sobre atendimentos que realiza na cidade e enfermeiros para auxílio no acampamento; diz que pode haver surtos epidêmicos, porque as condições de subsistência são mínimas; fala sobre necessidade de dar assistência mínima: hidratação, conselhos para mães de famílias, soro; afirma que próprios colonos podem e devem auxiliá-lo em seu trabalho.

Capítulo 2 / 00:08:37 – DVD deixa de rodar

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Assentamento 25 de maio (CE, 1990)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Comemoração de um ano do Assentamento 25 de Maio (CE), antiga ocupação da Fazenda São Joaquim (CE).
DATA: 25/05/1990
LOCAL: Ceará
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.assce	01h47min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Acampamento rural
Assentamento rural
Assentamento 25 de Maio (CE)
Campanha Frente Ceará Popular
Canindé (CE)
Ceará
Ciro Ferreira Gomes (governador Ceará)
CPT – Comissão Pastoral da Terra
DCE/UFC – Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Ceará
Fazenda Jucurutu (CE)
Fazenda São Joaquim (CE)
Governo Collor (1990-1992)
João Alfredo (político/CE)
José Adauto Bezerra (político)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Paulo de Tarso Lustosa da Costa (político/CE)
Produção agrícola
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
Tasso Jereissati (governador CE)
Trabalhadores rurais

SUMÁRIO:

- **Imagens: cartazes: "Campo e cidade unidos. Burguesia destruída" e "Reforma agrária. Essa luta é nossa"; música de fundo sobre vida em comunidade; barracos; bandeira MST; panorama do terreno e construções; perfil população: crianças, mães, bebês de colo; pessoas reunidas dentro de galpão; grupo cantando músicas religiosas e MST;**

Colono 1 (homem) – Fala sobre comemoração de um ano de existência do MST no Ceará – um ano de conquista e resistência no estado: três assentamentos e um acampamento; fala sobre data do dia 25 de maio – inicio do assentamento; afirma que só conseguem alguma coisa através da ocupação; diz que estão todos firmes e que apesar do problema de seca conseguiram produzir; defende luta no intuito de garantir que a terra seja para o alimento deles e de seus filhos e não para o latifúndio.

Colono 2 (homem) – Afirma que celebração é um marco na história do estado do Ceará e do Brasil; fala sobre a vitória do Assentamento 25 de Maio (CE), antigo acampamento da Fazenda São Joaquim (CE); comenta sentimento da força de trabalho e da coragem do Movimento; cita dificuldades encontradas: três secas, chuva, corte de recursos do novo presidente e falta de presença do governo do Ceará, que promete recursos e não aparece concretamente; diz que compete a eles manter os braços erguidos; fala sobre laboratório com metodologia do Movimento Sem Terra: capacitação e organização dos trabalhadores na cooperação agrícola; fala sobre os companheiros metalúrgicos e bancários que somam essa luta; explicita número de

trabalhadores inscritos para capacitação; acredita no aumento do movimento e na presença deste até os anos 1990 nas quatro regiões.

Colono 3 (homem) – Anuncia início da missa de celebração pela conquista da terra;

- **Imagens: celebração de missa – discurso sobre projeto de Jesus na terra; abertura de pedidos pela comunidade na missa; ônibus com cartaz de deputado federal do PT; bandeira do MST; anúncio do almoço comunitário depois da missa;**

- **Discursos sobre: vitória da primeira etapa dos sem terra no Ceará com ajuda das forças progressivas, e do deputado Deodoro Santana; lema "Ocupar, Resistir, Produzir"; afirmação de que trabalhador sem medo faz reforma agrária e a greve;**

João Alfredo (político/CE) – Cita origem dos assentados do Assentamento 25 de Maio: municípios do Sertão Central; fala sobre início da campanha da "Frente Ceará Popular": solidariedade e apoio na comemoração da vitória arrancada há um ano que conquistou a antiga Fazenda São Joaquim; defende campanha pelo apoio do governo do estado no assentamento – compromisso com os trabalhadores rurais; diz que campanha da "Frente Ceará Popular" dará apoio a todas as ocupações dos trabalhadores no estado do Ceará; fala sobre consciência de que os governos passados não tem compromisso com a reforma agrária, que destinaram crédito para grandes proprietários rurais, que não apuraram a morte dos trabalhadores rurais na luta pela terra; afirma que à frente do Ministério da Reforma Agrária está um pecuarista, ligado à UDR; cita vitória dos latifundiários na Constituinte contra os trabalhadores rurais e a eleição de Fernando Collor de Mello; afirma que latifundiários não percebem a organização dos trabalhadores rurais que conquistarão a reforma agrária que não veio pela lei e pela Constituição – meta da "Frente Ceará Popular"; cita vitórias conquistadas pelos trabalhadores rurais do Ceará; afirma que o governo da "Frente Ceará Popular" nunca mandará a polícia repreender os trabalhadores que lutam pela terra; afirma apoio para conseguir o assentamento de ocupações e destino de recursos para o pequeno produtor rural sem terra; diz saber que a reforma agrária é um problema federal; diz que os inimigos possuem duas candidaturas: o do atual governo do estado, Tasso Jereissati, e outra candidatura ligada aos coronéis e de José Adauto Bezerra; fala sobre falta de recursos de sua campanha e pede ajuda aos trabalhadores como cabos eleitorais.

(corte de gravação)

Colono 1 (mulher) – Agradece apoio da organização não governamental Visão Mundial; convida representante do DCE da UFC para falar.

Representante DCE/UFC – explica apoio dado pelo DCE da UFC; acreditam que essa luta não deve parar no campo; luta não é somente pelas eleições, mas na integração das classes que sofrem a exploração do sistema capitalista; defende uma sociedade socialista.

Colono 1 (mulher) – Convida representante da CPT para falar; apresenta representante da ABRA;

(corte de gravação)

Colono 1 (mulher) – Diz que dia é especial pela comemoração de um ano de luta do MST no Ceará; fala sobre realização de quatro ocupações e importância da ocupação da Fazenda São Joaquim em 25 de maio 1989; cita outros assentamento e ocupações que representam salto quantitativo e qualitativo da organização dos sem terra no estado do Ceará; explica possibilidade do desenvolvimento da agroindústria e das cooperativas nos assentamentos; diz que cresceram o quadro de militância do MST e número de sindicatos que apóiam o MST; afirma que luta pela terra não envolve somente o homem do campo; fala sobre conquista da reforma agrária radical e controlada pelos trabalhadores; critica Ministro da Reforma Agrária do período e política do presidente Sarney; fala sobre realizações alcançadas pelo assentamento: laboratório de campo, implementação de cooperativa, produtividade (milho, feijão, cabeça de gado e caprino); explica que as famílias trabalham coletivamente e possuem seu pedaço individual de terra; comenta ocupação da Fazenda Jacurutu, no município de Canindé (CE).

Colono 3 (homem) – Cita dificuldades encontradas pelo assentamento por causa do governo federal; pede às autoridades um novo plano de assistência aos assentamentos nos setores da educação, da saúde e condições de produção; cita lema do MST.

Colono 4 (homem) – Diz ser analfabeto, mas que sabe mais ou menos falar; opina sobre ação do Movimento; diz que quando chegou ao assentamento não tinha nada, desempregado, diz que hoje é liberto pelo peixe, pela água e pela terra que tem para produzir; acredita que ele e sua família estão bem.

Colono 5 (homem) – Confirma a opinião do companheiro; comenta necessidade de recursos para produzir.

- **Imagens: músico e colonos cantando.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Assentamentos Região Sul

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Reportagens sobre situação de assentamentos e formação de associações prestadoras de serviços e assistência técnica para mecanização da produção e melhoria da qualidade de vida na região sul do país.
DATA: Década de 1980
LOCAL: Santa Catarina e Rio Grande do Sul
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Som trêmulo

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.regsul	0h42min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Aberlado Luz (SC)
Acampamento rural
ACARESC - Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina
Adere – Associação para o Desenvolvimento Rural (Estrela, RS)
APSAT – Associação Prestadora de Serviços e Assistência Técnica
Assentamento de Aparecida (SC)
Assentamento de Sangue Azul (SC)
Assentamento rural
Bom Retiro do Sul (RS)
Catanduvas (SC)
Emater – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Estrela (RS)
Faxinal dos Guedes (SC)
Fraiburgo (SC)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Itaiópolis (SC)
Matos Costa (SC)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Reforma agrária
Rio Grande do Sul
Santa Catarina
São Miguel do Oeste (SC)
Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul
Teotônia (RS)
Trabalhadores rurais
Vale do Rio Itaquari (RS)

SUMÁRIO:

Reportagem 1 (duração 0:00:01 a 0:09:25)

- **Imagens: caminhões em estrada de terra; ônibus e trabalhadores rurais sem terra;**

Jornalista – Conta que em maio do ano anterior, cerca de duas mil famílias de trabalhadores rurais sem terra ocuparam áreas no oeste do estado de Santa Catarina; diz que o governo do estado conseguiu três áreas para instalação dessas famílias e que acampamentos foram levantados nos municípios de Aberlado Luz (SC), Faxinal dos Guedes (SC) e São Miguel do Oeste (SC) para a espera das terras definitivas; fala sobre acampamentos em Faxinal dos Guedes – quatro acampamentos, 600 famílias (cerca de três mil pessoas) e suas condições de vida; mostra imagens de um dos acampamentos; apresenta João Maria Chaves dos Santos.

João Maria Chaves dos Santos (colono sem terra) – Diz que 5 de maio representa data muito marcante, pois após 10 meses de acampamento vão partir para uma terra; fala das dificuldades vividas nesse processo; diz que terão uma nova perspectiva de vida: produzir alimento suficiente para eles e para vender.

- **Imagens: violeiro e crianças cantando.**

Jornalista – Conta que no dia 5 de maio, quase um ano depois da invasão de terras, colonos foram transferidos para áreas desapropriadas pelo Incra nos municípios de Matos Costa (SC), Fraiburgo (SC), Catanduvas (SC)e Itaiópolis (SC); primeiro dia: saída de 114 mil famílias das 170 que vão ocupar a terra no município de Matos Costa; explica que uma frota de oito caminhões e três ônibus faz o transporte das famílias.

João Maria Chaves dos Santos (colono sem terra) – Diz que estão se sentindo um pouco mais tranqüilos porque sabem que já vão "descarregar" na terra para trabalhar; afirma que estão conscientes de que a luta tem que continuar porque estão sendo transferidos de um acampamento para outro e luta agora é por aquilo que se diz assentamento (casa, escola, saúde, alimentação); diz que durante os dez meses de acampamento se "ralaram" e que o assentamento está ocorrendo através da luta.

Jornalista – Questiona se pessoas que estão no ônibus tem ideia do que vão encontrar quando chegarem ao novo acampamento.

João Maria Chaves dos Santos (colono sem terra) – Diz que pessoas sabem que terão que descarregar o acampamento, estender a lona e se "enfiar embaixo" e dormir; confirma que vai começar tudo de novo: armação de acampamento; diz que chegada do inverno é uma preocupação, mas que quem estava entre "a faca e a parede" tem que enfrentar a luta para perspectivas de dias melhores; diz que estiveram dias "brabos" de acampamento, mas que vitórias que acontecem ao pouco representam uma alegria.

Imagens: violeiro, mulheres e crianças cantando (corte de gravação)

<u>Reportagem 2 (duração 0:09:27 a 0:29:30)</u>

Vídeo: APSAT-RS / Adere – Estrela / "15 anos facilitando o trabalho"
Ano de produção: 1986
Realização: ACARESC Vídeo e Emater-SC

- **Imagens: terreno sendo trabalhado; danças tradicionais da região;**

Jornalista – Localiza o Vale do Rio Taquari, que corta o Rio Grande do Sul, compreendendo faixa de terra férteis de cerca de 150km de extensão; conta que em 1824, subindo o Rio Taquari, chegava o Vapor São Miguel trazendo as primeiras famílias de colonizadores alemães, que fundaram o município de Estrela (RS); afirma que imigrantes trouxeram para a região seu modelo de produção: propriedades pequenas com área média de 10 hectares, diversificação de atividades e mão-de-obra familiar; diz que modelo pouco mudou; fala sobre destaque do Vale do Itaquarina produção de grãos e bacia leiteira; comenta sobre avanço da tecnologia agrícola; fala que em levantamento feito no início dos anos 1970, 90% dos produtores ainda utilizavam apenas a tração animal; em 1970 houve queda da produção leiteira, pela ausência de bons pastos e limitação da mão-de-obra; afirma que se voltar para a mecanização coletiva foi o caminho escolhido para inverter a situação; diz que em 1971 implantou-se o APSAT; conta que APSAT no município de Estrela (RS) recebeu o nome de Adere; diz que Estrela (RS) possui população de

35mil habitantes, dos quais 17 mil vivem na zona rural, divididos em 2.400 pequenas propriedades; fala sobre os 15 anos de existência da Adere e vínculo com o Plano de Desenvolvimento Agrícola do estado do Rio Grande do Sul.

Entrevistado 1 (funcionário Adere) – Fala sobre convocação de assembleia em 29 de maio de 1971 para formação de uma associação de mecanização na lavoura; explica ser uma associação de pequenos produtores sem fins lucrativos para melhorar a vida do homem no campo.

Jornalista – Questiona como se deu a expansão do Programa para todo o estado, passando a ter uma coordenação central ligada à Secretaria da Agricultura.

Entrevistado 1 (funcionário Adere) – Conta que em 1975, a Secretaria da Agricultura do Estado implantou o programa APSAT e procurou formar outras associações; diz que a ideia surgiu em Estrela (RS) e expandiu para o estado –contando no momento da gravação com 35 associações, coordenadas pela Emater no estado do Rio Grande do Sul.

Jornalista – Explica pontos em comum entre as associações: sociedades civis sem fins lucrativos, estatuto e regimento interno, decisões tomadas em assembleias gerais e decididas pelo voto direto de cada associado e objetivo principal de colocar à disposição do pequeno produtor um sistema associativo de compra, uso e manutenção de máquinas para aumentar a produção, renda e bem-estar das famílias; afirma que a associação de Estrela atende a 180 associados espalhados pelo municípios de Estrela (RS), Bom Retiro (RS) e Lajeado (RS) – área de 3.500 hectares; explica que para atingir esse nível a Adere teve que se organizar profissionalmente: construção de parque de máquinas em área de 9.200m² com três galpões, nove tratores, quatro automotrizes e cerca de 80 implementos agrícolas (arados, distribuidores de esterco, encilhadeiras, grades, rotativas, conjuntos de enfenação); fala sobre construção de uma oficina completa com dois mecânicos especializados e manutenção das máquinas.

Entrevistado 2 (funcionário Adere) – Fala sobre manutenção das máquinas e mão-de-obra qualificada.

Jornalista – Afirma que mecanização na propriedade possibilita avanço no sistema de produção, melhores condições de trabalho e ganho de tempo; mostra propriedade de 14 hectares a 200km de Estrela, apresenta pequeno proprietário, um dos sócios fundadores da Adere.

Lauro Weber (pequeno proprietário rural) – Diz que rendimento aumentou com a associação; fala sobre oportunidades surgidas posteriormente à criação da Adere (aumento da pecuária leiteira, produção de 220litros por mês, criação de dois aviários com capacidade para 13mil frangos).

Jornalista – Mostra propriedade no município de Teotônia (RS) com 25 hectares e seu proprietário, sócio da Adere desde 1991.

Hans Grabin (pequeno proprietário rural) – Fala sobre garantia de produção ainda que em período de doença através da Adere – prioridade do serviço às pessoas que estão adoentadas; opina sobre qualidade do serviço da associação.

Jornalista – Apresenta propriedade da família de Fieghembal no município de Bom Retiro do Sul (RS) de 24 hectares – diversificação de atividades e produção; diz que família domina e aplica alto grau de tecnologia – produção de soja, melancia, abóbora e 160litros de leite por dia.

Representante família Fieghembal (pequeno produtor rural) – Explica motivo de terem se associado à Adere: acesso a maquinário; conta que melhorias na propriedade o estimularam a permanecer no campo.

Jornalista – Afirma que as APSATs estão ajudam a ampliar as áreas mecanizadas na região do Rio Grande do Sul; diz que crise no município de Estrela nos anos 1970 foi vencida – disponibilização de mão-de-obra e aumento da produção; mostra plano quinquenal de investimento da Adere.

Presidente da Adere – Fala sobre acúmulo de patrimônio nos primeiros 15 anos da Adere; fala sobre envergadura dos projetos previstos no plano quinquenal da Adere;

Entrevistado 1 (funcionário Adere) – Fala sobre problemas encontrados em uma associação: recursos para renovação e reforma do parque de máquinas, não ultrapassar o número de associados em relação à capacidade de trabalho da associação, raios de distâncias entre propriedades e associação.

<u>Reportagem 3 (duração 0:29:32 a 0:42:06)</u>

- **Imagens: Depoimentos de colonos sobre situação de trabalho; situação do terreno;**

Jornalista – Fala sobre acordo firmado entre o Incra e o MST em junho de 1985 no município de Anchieta, extremo oeste do Estado – desapropriação de 495 hectares até então improdutiva para dois projetos de assentamento, Sangue Azul e Aparecida; fala sobre Assentamento de Sangue Azul (SC)– 13 famílias em lotes em média de 15 hectares, acampadas anteriormente em Bandeirantes de São Miguel do Oeste (SC); pergunta a agricultor como está a situação das famílias.

Agricultor 1 (Seu Maxmil) – Diz que ainda não está boa, que não há infraestrutura; fala do que as pessoas possuem em suas propriedades e dos investimentos feitos com verba do Procera; explica como funciona trabalho na terra – roça individual e coletiva.

Jornalista – Comenta sobre preparativos para a próxima safra.

Agricultor 2 – Diz que está preparando solo para plantar feijão, milho; responde que produção anterior não foi muito boa, pouca colheita.

Jornalista – Fala sobre situação do solo e questiona dificuldade de trabalhar nele.

Agricultor 2 – Afirma ser muito difícil trabalhar nesse solo; explica processo de preparação da terra.

Agricultor 1 (Seu Maxmil) – Fala sobre necessidades de investimentos na produção, produtividade, venda de produto; diz que produção não foi bem vendida porque apodreceu muito milho na lavoura devido às condições de abastecimento e transporte.

Agricultor 2 – Fala que precisam de um silo, de um moinho.

Jornalista – Diz que além da falta de local para guardar a produção, existem outras dificuldades – entrevistada fala sobre falta de escola.

Agricultor 1 (Seu Maxmil) – Responde sobre como foram construídas as casas e sobre as diferenças de instalações para morar.

Jornalista – Afirma que "recursos" é uma palavra chave; explicita que agricultores consideram suas situações ainda deficientes.

Agricultor 2 – Conta que receberam somente uma parcela dos recursos e como o utilizaram; diz que estão esperando mais, mas que está meio difícil.

Jornalista – Apresenta Assentamento de Aparecida (SC) e afirma que situação é semelhante ao Assentamento de Sangue Azul (SC); diz que 280 hectares do imóvel foram divididos para 18 famílias – 14 hectares de área para cada; fala sobre falta de escola para 17 crianças.

Agricultor 3 – Diz que de mais imediato o que se precisa é uma escola para crianças e adultos serem alfabetizados; responde sobre percurso feito para se chegar até a cidade; explica porque situação das estradas é "braba", responde que estão até muito contentes com ajuda dos técnicos que estiveram no assentamento; conta que estão iniciando uma associação para comercializar melhor os produtos; diz que no município tem muita exploração.

Técnico – Fala sobre organização e união das famílias dos dois assentamentos para criação de um armazém comunitário; diz que papel principal que seria dar assistência técnica envolve todo assessoramento na parte de organização das famílias para sobreviver à atual crise da agricultura.

Jornalista – Afirma que, se por um lado, existem dificuldades, por outro também existe a esperança; diz que maior problema já foi vencido: conquista da terra.

Agricultor 3 – Fala sobre situação de vida no período de acampamento.

Agricultor 1 (Seu Maxmil) – Explica porque não é suficiente colocar o trabalhador rural em cima da terra.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Bloqueio Rodovia Federal (RS, 1987)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Bloqueio na BR-386 como parte de uma manifestação de pequenos agricultores do STR de Sarandi (RS) e do STR de Ronda Alta (RS).
DATA: 31/03/1987
LOCAL: Sarandi (RS)
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: O ano não consta no vídeo. Foi localizado na internet. Trata-se da manifestação onde morreu Roseli Nunes da Silva, assentada da Anonni. Sua história está narrada no vídeo "Terra para Rose", de Tetê Moraes.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.bloqrs	01h20min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Adão Pretto (deputado PT)
Agricultores
Colono
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Governo Sarney (1985-1989)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Pequeno agricultor
Política agrária
Reforma Agrária
Rio Grande do Sul
Romeu Schmidt (presidente STR de Sarandi)
Sindicalismo
STR de Ronda Alta (RS)
STR de Sarandi (RS)
Trabalhador rural sem terra

SUMÁRIO:

- **Imagens: movimento na estrada; placas rodoviárias; cartaz sobre bloqueio na rodovia.**
- **Entrevista:**

Jornalista - Identifica local em que se encontra: posto Papagaio, a cerca de 1200m do local do acidente; apresenta motorista que passou pelo caminhão que se acidentou na barreira dos agricultores; questiona a que velocidade o caminhoneiro estava e se nessa velocidade, vendo a barreira, teria condições de parar o caminhão.

Caminhoneiro: Diz que não pode dizer que o viu passar; conta que caminhão acidentado o ultrapassou quando chegou ao posto "Ipiranguinha"; afirma que caminhoneiro devia estar em torno de uns 70km/h e que dificilmente conseguiria parar; diz que polícia o avisou que mais abaixo havia um bloqueio e que, por isso, continuasse o trajeto devagar.

- **Imagens: local da barreira; bandeira da CUT; discurso – manifestante:**

Manifestante 1 (homem) – Questiona presença dos deputados na luta ao lado dos agricultores; diz que deputado que não fica ao lado do agricultor não deveria ter mais o direito de falar em nome do agricultor na Assembléia; cita companheiros de luta; diz que devem observar quem nos momentos difíceis está junto deles; afirma que a escravidão de um povo vai até os limites que um povo permite: quando um povo toma consciência que tem direito de ser livre, as coisas acontecem.

Avisos dados aos manifestantes: Escolha para coordenador das votações da assembléia; presença de médico atrás do caminhão para quem tiver algum problema de saúde ou que não esteja se sentindo bem.

- **Imagens: agricultores reunidos em manifestação; placa de localização da rodovia; sanfoneiro e trovadores.**

- **Entrevistas:**

Jornalista – Introduz com a data (31 de março) e a mobilização dos agricultores em todo estado do Rio Grande do Sul; apresenta Adão Pretto (deputado PT) presente em Sarandi durante o acidente ocorrido pela manhã no bloqueio das estradas na BR-386;

Adão Pretto – Diz que começaram em Porto Alegre; localiza o dia 05 de março como o começo da manifestação: bloqueios de estrada, apoio dos bancos e sindicatos mais combativos do estado – aviso ao governo de como seriam os dias 30-31 se não tomasse uma providência; diz que um grupo foi para Brasília conversar com o Ministro da Agricultura; cita sindicatos que estiveram em Brasília; coloca posição do PT na Assembléia Legislativa – questiona presença dos deputados na luta dos agricultores no dia 31/03; afirma que deputados ausentes não teriam mais o direito de falar em agricultor na Assembléia; diz que tiveram uma audiência com o Governador do Estado e com o Secretário da Segurança, onde levaram a preocupação do que poderia acontecer hoje e a justificativa para a manifestação; afirma que solicitaram ao Secretário da Segurança que não colocasse a polícia em cima dos agricultores; diz que este não se comprometeu e que apenas falou que a polícia estaria presente para segurança dos agricultores.

Jornalista – Questiona o significado para os agricultores da morte de três pessoas durante o acidente.

Adão Pretto – Opina que foi chocante, que poderiam ter morrido 50 pessoas; afirma que, para agricultores conscientes, o acidente deu mais coragem para continuar na luta - por respeito aos que morreram, porque esses também lutariam se estivessem vivos; responde jornalista sobre posicionamento no retorno à Porto Alegre: denúncia do acidente, cobrança aos deputados ausentes e apoio aos agricultores aconteça o que acontecer.

Jornalista – Questiona posição do PT frente a essa mobilização e providências a serem tomadas.

(corte de gravação)

Jornalista – Apresenta Romeu Schmidt (presidente STR de Sarandi); pergunta sobre a preparação dos pequenos agricultores para a paralisação em Sarandi.

Romeu Schmidt – Diz que houve uma assembléia com os agricultores: pedido de cautela com o trânsito, com bebidas de álcool e tentativa de evitar maiores problemas de violência; afirma presença da comissão de saúde e de segurança para casos mais urgentes; contato feito com a polícia rodoviária no dia anterior (30/03), localizada a 1 km acima de onde ocorreu o acidente para colaborar na sinalização do trânsito; diz que haviam se responsabilizado em colocar cartazes para motoristas a fim de evitar maiores problemas; diz que estava a alguns metros do acidente e que na tentativa de socorrer as vítimas não possui informação sobre a sinalização policial e se houve imprudência por parte do motorista; afirma que não possui nada de concreto para falar a respeito sobre o acidente.

Jornalista – Questiona o significado do acidente, como sindicalista, em um dia de bloqueio.

Romeu Schmidt – Diz que lamenta que mais três tenham tombado em busca da justiça para o trabalhador rural; explica que houve uma assembléia em que se decidiu continuar o bloqueio

por tempo indeterminado; diz que próximos passos serão decididos por agricultores presentes no protesto; calcula presença de 2.500 a 3.000 pessoas; explica que muitas deixaram o local porque eram companheiros das vítimas; cita município de origem dos agricultores que fazem parte desse bloqueio.

(corte de gravação)

- **Imagem discursos – manifestantes:**

Manifestante 2 (homem) – Afirma que não negociam por telefone; conta que Romeu Schmidt e presidente do STR de Ronda Alta falaram por telefone com comandante; afirma que não é a coordenação que vai negociar, é o comandante com o povo.

Manifestante 3 (homem) – Afirma que o poder econômico, que é o exército, tenta impedir que o trabalhador se organize; afirma que os trabalhadores do campo e da cidade unidos são capazes de combater essa força do poder econômico; fala para esperarem que o comandante venha negociar com eles.

(corte de gravação)

- **Apresentação de sanfoneiro e cantador;**
- **Entrevistas:**

Jornalista – Questiona motivo do bloqueio;

Colono[1] 1 (homem) – Explica que estão acompanhando companheiros que estão levando a política agrícola para frente, para melhorar situação na colônia.

Jornalista – Pergunta de onde vêm e situação no local; pergunta quantos hectares possuem e quanto plantaram naquele ano; questiona se houve financiamento para plantação.

Colono 2 (homem) – Responde vir de Ronda Alta e que povo morre de fome na roça; responde que possui 10 hectares e que plantou tudo sem financiamento; diz que financiamento Agro nunca existiu – "só pro ladrão".

Jornalista – Pergunta motivo de estarem ali, de onde são, quanto possuem de terra e quanto plantaram; questiona se vão ficar até o final do bloqueio.

Colono 3 (homem) – Explica que política agrária é errada para o colono; diz que é de Sarandi e possui 25hectares; conta que fez empréstimo para plantar e acha que vai ter que entregar suas terras; afirma que vai ficar até o fim do bloqueio.

Colono 4 (homem) – Diz que estão ali porque possuem o direito deles de conseguir alguma coisa, que estão falidos; conta que precisam entregar tudo ao banco e que o resto o Banco do Brasil está tirando deles; diz que ainda não perdeu terra porque está brigando e já brigou no Banco do Brasil; conta que os chamou de sem-vergonha para cima, que são um time organizado para tirar a terra e os filhos deles; afirma que os pobres estão na rua perdendo a vida; questiona responsável pela morte de companheiros na rodovia.

---

[1] Diferenciação entre manifestante e colono feita somente para facilitar descrição do vídeo.

Colono 5 (homem) – Questiona se o direito do agricultor de receber o custo real da produção e mais 30% de lucro em cima disso está sendo respeitado; afirma que se a burguesia está transgredindo essa lei, ela está dando o direito deles de fazer o mesmo; diz que sabe que estão interrompendo o direito de ir e vir da Constituição, mas porque foram ensinados por essa Nova República "falsa" que recebeu os seus votos; afirma que se mantém na manifestação até quando for necessário em honra aos companheiros mortos e mesmo que derrame o próprio sangue; defende que seu sangue não é seu, mas do povo; afirma que o mesmo deveria ser feito pela Nova República; identifica-se: nome, origem, quantidade de terra; explica e defende a reforma agrária; questiona quem possui a terra que não está sendo dividida; afirma que atribui a responsabilidade pelo acidente ao governo que é insensível ao pequeno agricultor; afirma que o governo colocou um preço mínimo ao agricultor e que eles não recebem por ele; questiona se o governo está tomando alguma providência; defende que os agitadores do povo são os que não pagam a ele e não os manifestantes, a Igreja, os sindicatos, o PT, o PMDB, a CUT, mas o governo da Nova República; (corte na gravação); defende indenização das famílias prejudicadas tanto nos membros perdidos como nas máquinas quebradas.

- **Discurso – manifestantes:**

Manifestante 4 (homem) – Relembra motivo da permanência dos agricultores; afirma que decisão de protesto contra política agrícola do governo, que não existe para os pequenos agricultores, foi puxada pelo movimento sindical de toda região sul do país (5 estados do sul); relembra protesto do dia 05 como alerta ao governo que apresentou reivindicações; diz que ainda não houve resposta concreta e, por isso, mobilização continua; explica motivo de apreensão sobre o acidente.

(corte de gravação)

- **Entrevistas:**

Colono 6 (mulher) – Responde que estão no local desde oito horas pela reivindicação do trabalhador; fala sobre principais reivindicações; diz que fizeram empréstimo e responde que talvez não consigam pagar; diz não saber explicar o quanto fizeram de empréstimo.

Colono 7 (mulher) – Diz que acha boa a mobilização; responde que é de Ronda Alta; diz que tem 25hectares de terra, que trabalha em conjunto com três sócios.

Colono 8 (mulher) – Identifica-se como irmã da entrevistada anterior, diz que trabalham juntas; diz que os preços dos produtos comprados pelos colonos aumentam enquanto que os que são vendidos abaixam; fala que vai permanecer no local enquanto for preciso, até o governo tomar posição; diz que ela possui pão para comer, mas que algumas famílias não tem nem para as crianças comerem.

Jornalista – Questiona se há alguma luta específica da mulher ou se estão somente apoiando os maridos.

Colono 8 (mulher) – Responde que é pelos dois, do contrário, não estaria no local.

- **Discurso – manifestante:**

Manifestante 5 (homem) – Afirma que povo continua por tempo indeterminado, mas que de tarde haveria nova assembléia; diz que foi avisado que em hipótese alguma uma rodovia poderia ficar bloqueada, mas que o povo decidiu fazer, apesar de saber que era proibido.

Manifestante 6 (mulher) – Cita mulher morta em acidente e fala sobre exemplo dado por ela enquanto mulher dentro do movimento; afirma que mulher não deve somente trabalhar em casa; se dirige a todas as companheiras e jovens afirmando "que nós não devemos ficar paradas, que nós morremos igual"; cita Margarida Alves como outro exemplo de luta para as mulheres; afirma que a luta é o caminho; pede que o sangue derramado pela companheira seja fruto para um amanhã.

- **Imagens: ambulância passando; trechos de falas de manifestantes; closes no rosto de colonos; cartazes reivindicatórios; sanfoneiro e trovadores; trovador recita versos que compôs; bandeiras MST e CUT.**

- **Entrevista:**

Jornalista – Apresenta Diva Brum, participante da comitiva regional da Organização da Mulher da Roça, questiona o que representa o bloqueio na estrada; pergunta como se deu a participação das mulheres no bloqueio.

Diva Brum – Responde que representa a força, a organização, dos agricultores; diz que a organização de mulheres não que fazer uma organização só de mulheres, mas sim com toda a família, porque a organização está na força da união; opina que participação das mulheres no bloqueio foi boa, apesar de ser triste pela perda da companheira Roseli Celeste Nunes da Silva; diz que se sentiram tristes, mas também corajosas; cita fala de Roseli: "prefiro derramar o meu sangue, mas defender os nossos direitos"; explica que com essas palavras Rose repetiu as palavras de Margarida Alves; cita fala de Margarida Alves: "não fujo na luta"; coloca que presença das mulheres no dia do bloqueio significa o mesmo, que não fogem da luta, e que através da organização vão lutar por seus direitos.

Jornalista – Pergunta se a Organização da Mulher da Roça tirou alguma proposta.

Diva Brum – Explica que a Organização esteve discutindo quais seriam seus primeiros passos, explica que proposta é de não parar, que este bloqueio não deveria parar hoje, mas que uma vez que deve parar, pretendem tomar outras iniciativas para que as autoridades resolvam os problemas.

- **Discurso de manifestantes:**

Manifestante 7 (homem) – Apresenta propostas dos agricultores: 1) moratória fixa; 2) juros de 10% ao ano sem correção monetária; 3) preços mínimos e fixos colocados por trabalhadores; 4) preço mínimo da soja e do milho, respectivamente, 290 e 190; 5) dez anos de carência sem juros e correção monetária; 6) permanência do caminhão no local até que os crimes sejam explicados; observa que o problema do caminhão e dos tratores envolvidos no acidente é uma questão judicial e que a polícia deve recolher no pátio; opina que, infelizmente, os agricultores não possuem força de atuação nesse campo, porque depende de uma decisão judicial e de um inquérito da polícia e do juiz; 7) boicote ao pagamento dos bancos; 8) dois anos sem juros e correção monetária para os que têm a terra em hipoteca; 9) presença de uma comissão de inquérito para perícia do caminhão e outra para acompanhar as famílias dos acidentados e das despesas das máquinas; 10) política agrícola diferenciada para os pequenos agricultores; 11) continuar a reivindicação até as últimas conseqüências; 12) agricultura alternativa para o minifúndio; 13) (colocada por Romeu Schmidt) criação de uma comissão para audiência com o

superintendente estadual do Banco do Brasil para discutir as cobranças de correções monetárias; explica que como sindicalistas acreditam que não há mais nada a se fazer, então a proposta é para se discutir se as correções monetárias são legais ou ilegais; 14) inclusão de um financiamento de calcário sem cobrança de juros para os pequenos agricultores – impossibilidade de trabalho com o desgaste do solo e os juros em cima do calcário.

Romeu Schmidt – Explica motivo para a audiência com o superintendente do Banco do Brasil: ilegalidade da cobrança da correção monetária – tirar a limpo situação.

Manifestante 8 (mulher) – Afirma que luta da Organização das Mulheres não é independente da dos homens; conta sobre reunião das mulheres de toda regional do grande Sarandi, dos municípios que se fazem presentes no local; coloca propostas das mulheres: 1) continuar o bloqueio até atendimento das reivindicações; 2) mutirão de trabalho para as famílias prejudicadas no acidente.
(corte de gravação)

Manifestante 9 (homem) – Propõe transformar todas as propostas em uma única para levar a toda região sul do país;

- **Trechos de discurso de Romeu Schmidt – ida aos enterros em apoio e solidariedade às famílias que perderam parentes; transformar movimento em ato público ou continuar no local no dia seguinte; apoio de toda região sul do país na greve entre os dias primeiro e 10 de maio.**
- **Imagens: trechos de discursos; colonos reunidos; presença de comandante militar para discutir situação do bloqueio.**
- **Romeu Schmidt fala sobre diálogo com comandante militar: liberação da rodovia; não realização de outros bloqueios de rodovias federais; explica que militares colocaram que de forma alguma se podia impedir o trânsito em uma rodovia federal e que se houvesse a liberação desta não haveria nenhuma medida por parte do exército; diz que conversa, enquanto sindicalista, foi tranqüila com o comandante; coloca que povo também já havia se decidido em não mais permanecer no local, mas de retornar às suas casas e ir aos enterros no dia seguinte.**
- **Imagens: Colonos cantando, enxadas e chapéus levantados, bandeira da CUT, ambulância, tratores quebrados, liberação da rodovia pelos colonos.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Comemoração Assentamento Holandês (RS, 1988)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Dia-a-dia no Assentamento Holandês e Comemoração de um ano de assentamento.
DATA: 30/04/1988; 08/05/1988
LOCAL: Rio Grande do Sul
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: O Assentamento Holandês foi composto por 35 famílias originárias do acampamento da Fazenda Annoni (RS).

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE / TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.asshol	0h57min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Assentamento Holandês (RS)
Assentamento rural
Colono
Fazenda Annoni (RS)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
José Gomes da Silva (engenheiro agrônomo)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Produção agrícola
Reforma agrária
Sarandi (RS)
Trabalhador rural

SUMÁRIO:

Gravação: 30/04/1988 – dia-a-dia no Assentamento Holandês

- **Imagens: panorama do terreno da fazenda; estrada de terra; crianças brincando; tratores; plantação; trabalhadores rurais; gado no pasto; galpões; mulheres trabalhando na preparação do campo; interior residência: cozinha, sala; interior escola: professora, crianças estudando; mulheres confeccionando trabalhos artesanais; documentos: carta endereçada ao Banco do Brasil de Sarandi, notas fiscais, autorização para desmatamento.**

Gravação: 08/05/1988 – Encontro em comemoração a um ano de assentamento

Colono (mulher) – Recorda os dois anos que estiveram no acampamento na Fazenda Annoni (RS); apoio recebido por companheiros e Movimento para superar dificuldades vivenciadas; fala sobre 4 de maio de 1987, quando 35 famílias foram contempladas com terra, sendo dois grupos de 17 famílias e uma individual; relembra chegada ao local; criação de uma equipe de negociação para ir ao Incra buscar financiamento para a plantação de trigo; trabalho em conjunto: homens com o trabalho da lavoura, mulheres trabalhos domésticos, cultivo de horta comunitária e apoio na lavoura; explica que ainda não possuem casa para morar e que vivem em barracos e no armazém; conta que prioridade foi investimento na lavoura: compra de máquinas; diz que comemoração por um ano de assentamento é dedicada aos companheiros que apóiam suas lutas; diz que não deixaram de ajudar os companheiros sem terra e pede o apoio a eles.

Padre – Fala sobre importância do trabalho, da fé em Deus e a vivência da religiosidade; inicia celebração religiosa em comemoração ao um ano de assentamento.

- **Imagens: preparação de comida – carnes ao fogo; cantadores e sanfoneiro; discurso de sem terra; bandeira do MST.**

Colono (mulher) – Conta que colheram 11.400 sacas de trigo; mostra pão produzido.

- **Imagens: continuação da celebração religiosa; distribuição do pão produzido; gritos de guerra; refeitório – famílias e convidados reunidos; bandeira MST; cartazes sobre encontro.**

Colono 1 (homem) – Recorda dia em que receberam a notícia da entrega da terra; fala sobre organização das 35 famílias nomeadas pelo Incra para ocupar gleba de terra de 720 hectares; explica escolha feita pela prioridade em investir na produção e busca por investimentos; explicita produção: 260 sacas de aveia (plantio de inverno), 500kg de amendoim, 300 suínos, 800 cabeças de gado;

(corte de gravação)

Colono 2 (homem) – Agradece a presença dos companheiros na festa de comemoração da conquista da terra; explica que conquista compreende a ação das entidades de apoio, ao sindicato, aos companheiros sem terra de Annoni e aos que estão se organizando; diz que assentados estão produzindo para levar a luta para frente; fala que pessoas questionam porque estão ocupando outras áreas; questiona se a terra é suficiente, se não é preciso lutar por uma política agrícola; questiona onde estão as autoridades que eles convidaram para a comemoração; afirma que acampados podem contar com a presença deles para defesa da causa de todos os companheiros; explica ser necessário continuar na luta.

José Gomes da Silva (engenheiro agrônomo) – Diz que tomou iniciativa de participar da comemoração para manifestar a satisfação, como engenheiro agrônomo, com a solução encontrada por conta própria e inteligência dos colonos para a questão da terra dessa região; defende que é preciso encontrar formas de assentamento que dêem uma resposta econômica ao problema da terra no Brasil; afirma que essa resposta é encontrada no Assentamento Holandês; afirma que esse é o tipo de assentamento que transforma o pequeno proprietário em um agricultor; diz que "pequeno", não significa "miserável"; defende o assentamento coletivo.

(corte de gravação)

- **Imagens: Colono questiona ausência dos prefeitos de Ronda Alta (RS), Sarandi (RS), entre outros.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Curso básico itinerante

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Encontro no Centro de Formação do MST no Assentamento Filhos de Tepé no Rio Grande do Sul.
DATA: 2003
LOCAL: Assentamento Filhos de Tepé, RS
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.cbasit	01h17min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Para acesso a documentos sobre a linha pedagógica e educacional do MST, ver: MSPP/ns.MST.ed

DESCRITORES:

Coletivo Nacional de Formação – MST
ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Setor de formação (MST)
Trabalhador rural sem terra

SUMÁRIO:

- **Imagens (área externa): cantos; declamação de texto sobre prática militante para construção de novas trocas sociais (busca dos sem terra para ocupar espaços na sociedade que lhes são negados, relação direta entre teoria revolucionária e prática revolucionária, construção coletiva e vivência socialista, encontro para formação política e riqueza cultural); participantes são convidados a entrar no prédio de formação do MST (imagens entrecortadas);**

- **Imagens (área externa): participantes caminham e empunham bandeiras; declamação de textos sobre dominação exercida sobre trabalhadores rurais e minorias no Brasil, Guatemala, México, entre outros; citação de nomes de líderes revolucionários mortos e afirmação da sobrevivência de seus ideais revolucionários; gritos de guerra.**

Representante do coletivo nacional de formação (MST) – Defende ideal de construção de uma pátria socialista; defende a construção de um movimento nacional: conhecimento da diversidade entre os estados, similaridade de sonho; fala sobre importância de fortalecer o movimento nacional; defende um Brasil socialista/ comunista; explica mudanças aplicadas no curso básico itinerante; afirma que diversidade é um elemento de unidade e não de exclusão; explica importância do curso: fortalecimento da concepção pedagógica da formação no Movimento; fala sobre tarefa enquanto militantes durante o curso: aprendizagem sobre realidade concreta do Rio Grande do Sul, construção de novos homens e mulheres através de uma revolução cultural da solidariedade, da amizade e do amor; fala sobre relações humanas que serão estabelecidas durante o curso; apresenta companheiros de diferentes estados do país que trabalharão em conjunto durante o curso.

- **Imagens (área externa): gritos de guerra; imagens entrecortadas de atividades em grupo; hasteamento das bandeiras do Brasil e do MST; cantos.**

- **Imagens (área interna): imagens de palestras entrecortadas; gritos de guerra; atividades em grupo; crianças; declamação de poemas; apresentação de *místicas*; explanações sobre vida e luta de Che Guevara (*mística* em área externa).**

- **Imagens (área externa): apresentações públicas sobre luta pela terra; bandeiras do MST; caminhadas; declamação de poemas; roda de capoeira; danças; gritos de guerra; cantos; cartaz "Liberdade a Zé Rainha".**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Debate sobre reforma agrária (SC, 1988)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: TV Popular; Canal 1 – Debate sobre a reforma agrária com representantes do MST, PT, PMDB, UDR, CPT e TFP.
DATA: 04/08/1988
LOCAL: Chapecó, SC
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Erro no DVD1 aos 0:09:13 (trava). Não fica claro se o debate é uma encenação de trabalhadores rurais e representantes do PT ou de um real debate entre entidades e partidos distintos. Tudo indica ser uma dramatização.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.debsc	DVD1 – 02h DVD2 – 01h10min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Concentração fundiária
CPT – Comissão Pastoral da Terra
Luta pela terra
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
TFP – Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade
UDR – União Democrática Ruralista

SUMÁRIO:

DVD1 – duração: 2h
Apresentadora – Apresenta tema do debate (reforma agrária) e participantes da mesa: Luís (representante MST), Marinho (representante PT), Sebastião (representante PMDB), Odi (representante UDR), Romário (representante CPT) e Milico (representante da TFP), apresenta regras do debate.

Luís (representante MST) – Explica atuação do MST: organização concreta dos trabalhadores; apresenta discussões realizadas pelo movimento; fala sobre desenvolvimento do movimento dentro da sociedade.

Marino (representante PT) – Fala sobre reforma agrária e o posicionamento do PT sobre política agrária no Brasil; comenta sobre apoio do partido ao MST e trabalhadores rurais sem terra.

Sebastião (representante PMDB) – Apresenta proposta do PMDB sobre a reforma agrária; afirma e explica qual apoio é dado à reforma agrária pelo PMDB.

Odi (representante UDR) – Fala sobre preocupação agrária da UDR: preocupação com toda questão que envolve o produtor rural; apresenta opinião da UDR a respeito da propriedade rural e da questão fundiária brasileira.

Romário (representante CPT) – Opina sobre questão da reforma agrária e situação fundiária no Brasil: concentração de terra e improdutividade.

Milico (representante TFP) – Coloca opinião da TFP a respeito da reforma agrária: ação comunista.

- Erro em 0:09:13 -

DVD2 – duração: 1h10min

- **Imagens: bandeira do PT; discussão e apresentação de ideias entre pequenos produtores, trabalhadores rurais sem terra e representantes do PT sobre divisão dos**

latifúndios para transformação em terras produtivas; apresentação das propostas do PT (limite da propriedade e política para a pequena produção); importância de votos em políticos que defendam a reforma agrária (voto enquanto "arma"); dificuldade do município de Chapecó com a classe trabalhadora; defesa da organização dos trabalhadores e derrubada da prefeitura através das eleições; realidade do município de Chapecó; defesa do PT e de sua proposta da participação popular no partido; preocupação e prioridade dada aos trabalhadores pelo PT; dificuldades encontradas na produção agrícola; ausência de assistência médica aos agricultores; defesa da criação de conselhos populares para combater a ausência da participação popular no Brasil; importância das eleições populares; defesa da maior atuação da mulher na política; defesa pelo fim ao latifúndio; improdutividade no município de Chapecó; defesa das ocupações de terra e da mobilização dos trabalhadores e luta pela reforma agrária; relação entre latifúndio improdutivo e situação da população no município de São Paulo; ocupações, barreiras e atuação dos sem terra; discussão proposta pelo PT em 1985 e reafirmação dessas discussões nas eleições de 1988; responsabilidade de resgate da possibilidade de se acreditar em uma cidade através do PT; migração de famílias do campo para a cidade; exploração de trabalhadores por multinacionais na cidade; defesa da permanência dos trabalhadores no campo; repressão sofrida pelos trabalhadores; participação dos trabalhadores na política; defesa da eleição de políticos do PT para construção de um projeto político da classe trabalhadora; problema dos financiamentos e dívidas de trabalhadores rurais com bancos; proposta do PT de desapropriação de terras; capacidade produtiva do Brasil; defesa da reforma agrária; crítica ao PMDB, situação dos trabalhadores e defesa por votos ao PT.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Dez anos de Luta pela Terra (RS, 1989)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Vídeos comemorativos pelos 10 anos da Luta pela Terra.
DATA: 07-09/09/1989
LOCAL: Encruzilhada Natalino (Sarandi, RS)
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: 03 DVDs, sendo que o terceiro para de rodar aos 7min10s.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.luterra	DVD1 – 00h46min DVD2 – 01h28min DVD3 – 01h58min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Destaque para o impresso "10 anos da retomada da luta – conquista e resistência" produzido para o evento e encontrado em: MSPP/ns.MST.a
Ver também: entrevista CPT – Comissão Pastoral da Terra (mspp/en.IG.trans.cpt) realizada no início do Projeto "Dez Anos de Luta pela Terra – 1969/1979"

DESCRITORES:

Arnildo Fritzen (padre)
Assentamento rural
CPT – Comissão Pastoral da Terra
Ditadura militar (1964-1985)
Eleições presidenciais (1989)
Encruzilhada Natalino (Sarandi, RS)
Fazenda Bela Vista (PA)
Itaitu (PA)
João Machado dos Santos (liderança camponesa)
João Machado dos Santos (fundador Master)
João Wanderley Roberto Militão (músico)
Latifúndio
Leonel de Moura Brizola (governador RS)
Luís Aguajio (representante MCP)
Luta pela terra
Master – Movimento dos Agricultores Sem Terra
MCP – Movimento Campesino Paraguaio
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Nova República
Pará
Paraguai
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
Repressão política
Rio Grande do Sul
Trabalhador rural
Transamazônica
UDR – União Democrática Ruralist
Valdir Ganzer (deputado estadual PA/PT)
Violência no campo

SUMÁRIO:

DVD1 – duração: 46min

- **Imagens: barracas de lona em construção; grupo de pessoas comendo reunidas; tratores; bandeira MST; grupo de pessoas cantando reunidas; faixa "Assentamento Brilhante recebe-os com carinho"; bandeira PT; faixa "Nossa luta é para garantir a luta dos trabalhadores"; faixa "Assentamento Novo Sarandi (Holandês) nossa organização traz a vitória"; faixa "Sem reforma agrária não há democracia – MST", entre outras; músicos; panorama do terreno; homens construindo estrutura de madeira; cartaz pedindo voto de jovens para Lula; cartaz "10 anos da retomada da luta Conquista e Resistência na terra"; cartazes: eleição de Lula, organização da mulher na luta pela terra (CUT); missa campal: caminhada em grupo até monumento, levando cruz em madeira, referência à candidatura de Lula durante sermão, cantos, apresentação de símbolos do Movimento sem Terra, máquinas de trabalho benzidas por padre.**

DVD2 – duração: 1h28min
1ª entrevista / data: 08/08/1989

Entrevistador – fala sobre dados oficiais de famílias sem terra; apresenta o gaúcho Valdir Ganzer que migrou com a família para o sul do Pará em 1972 para fazer parte de um projeto de colonização.

Valdir Ganzer (deputado estadual PA/PT) – Conta que em 1972 foram para o Pará em torno de 300 famílias sulistas, onde encontraram famílias que vieram de outros estados; fala sobre região em que foram morar: poucos paraenses, cultura diversificada; diz que na época possuíam 25 hectares de terra em Iraí (RS); era uma família com 11 irmãos; fala sobre propaganda do governo sobre a Transamazônica, aberta pelo presidente Médici; cita lema "Amazônia: terra sem homem para homem sem terra"; explica motivos para irem para o Pará; conta que foram morar entre Itaituba (PA), Altamira (PA) e Santarém (PA) em situação inversa ao que o governo tinha prometido; afirma que foram usados pelo Incra e pelo governo; diz que até então não possuíam consciência política e sindical, mas que perceberam que precisavam se organizar para enfrentar essa realidade.

Entrevistador – Pergunta sobre desafio do engajamento em movimentos populares que o levou a ser deputado estadual pelo PT em 1986.

Valdir Ganzer (deputado estadual PA/PT) – Fala sobre importância da memória da luta pessoal de cada um; conta que atuou em meados dos anos 1970 na Pastoral da Juventude; cita atuação do irmão Avelino na Pastoral da Juventude; conta que de 1979 a 1980 ganharam o sindicato de Santarém; fala sobre ampliação do número de delegacias regionais; cita filme "Lamparina", que trata da história sindical deles; explica porque trabalho sindical se voltou para a luta dos posseiros, pela defesa do pescado, comenta sobre outro conjunto de lutas desenvolvido na região (saúde, transporte, entre outros); explica porque perceberam a necessidade de também atuar na política; fala sobre fundação do PT em 1981/82.

Entrevistador – Afirma que luta do deputado se dá em uma das regiões com maiores índices de violência contra trabalhadores rurais no país; pergunta quem está combatendo a organização do povo no estado do Pará.

Valdir Ganzer (deputado estadual PA/PT) – Afirma que inimigos principais são dois: latifúndio articulado à UDR; fala sobre áreas de grandes latifúndios no Brasil e articulação dos fazendeiros contra a permanência de trabalhadores na terra; afirma que outro inimigo é o governo: utilização da força policial; comenta sobre confrontos entre trabalhadores rurais e pistoleiros contratados por fazendeiros; conta que atuação da Sudam favorece aos latifundiários; fala sobre dificuldades de enfrentar esse "complô"; diz que trabalhadores rurais e MST são acusados de serem violentos, mas que quem inicia a violência é o latifúndio; explica caso de conflito da Fazenda Bela Vista (PA); conta o que viu quando esteve na Fazenda Bela Vista (PA); fala sobre necessidade de organização para mudar a realidade.

Entrevistador – Afirma que deputado é originário de uma região que exporta minério para o exterior; pergunta como o deputado vê a evasão de riquezas do Brasil.

Valdir Ganzer (deputado estadual PA/PT) – Diz que a Amazônia passou a ser uma região estratégica no ponto de vista internacional; afirma que existem as maiores minas de ferro, manganês e bauxita na Amazônia; cita Projeto Carajás e exploração da madeira na região; afirma que Brasil precisa perceber importância da Amazônia; diz que quem está lá precisa lutar contra o latifúndio que está desmatando e a favor de um governo capaz de impedir a evasão de riquezas do Brasil; faz comparação entre o preço da banana e o do ferro; afirma que governo entrega de graça as riquezas que são do Brasil; defende a utilização das riquezas do Brasil em função da melhoria de vida dos brasileiros, e não de grupos minoritários que majoritariamente dominam a economia; critica dívida externa; fala sobre valor do trabalhador para transformar as riquezas do país.

Entrevistador – Diz que deputado teve colegas de Parlamento que "tombaram" vítimas da violência; pergunta como o deputado vê a atuação policial e judicial na apuração dos crimes no Pará.

Valdir Ganzer (deputado estadual PA/PT) – Fala sobre conivência da atuação policial e judicial nos crimes; afirma que latifúndio, Judiciário e Executivo trabalham harmonicamente; diz que existem exceções, mas que a funcionalidade da máquina "é um complô muito bem montado"; cita companheiros mortos sem punições dos autores dos crimes; inclui também na discussão a violência do próprio garimpo – exemplifica com caso do município de Itaituba (PA); diz que junto da riqueza do garimpo tem o plantio a refinaria e o tráfico da cocaína; explica que o ouro é usado para limpar o dinheiro da cocaína; fala sobre violência e comenta situação política em Itaituba (PA).

Entrevistador – Pergunta como o deputado avalia a atuação do MST.

Valdir Ganzer (deputado estadual PA/PT) – Opina sobre crescimento e exemplo dado pelo MST; diz que o MST se soma a outras lutas políticas; fala sobre trabalho desenvolvido por MST: ocupação, acompanhamento de assentados e capacidade produtiva; cita exemplo de fazenda ocupada em Ronda Alta (RS); afirma que fazendas ocupadas provam a possibilidade da reforma agrária no Brasil; dá mensagem a companheiros do sul do país: lugar para viver e fazer reforma agrária é no sul, terra no norte é fraca, não existe apoio político; explica importância da reforma agrária para a sociedade; defende organização sindical, popular e política.

Entrevistador – Reapresenta Valdir Ganzer e conclui entrevista.

2ª Entrevista

- **Imagens: música sobre luta pela terra;**

Entrevistador – Fala sobre composição da música apresentada (autoria/data/contexto de produção); fala sobre João Machado dos Santos – João Sem Terra; pergunta a João Machado dos Santos como era a luta pela terra nos anos de 1964;

João Machado dos Santos (liderança camponesa/fundador Master) – Responde afirmando que movimento do sem terra foi massacrado por regime militar se tornando clandestino; diz que no início dos anos de 1960 havia muita violência no campo pela repressão; conta sobre prisões e torturas em 1963 no DOPS; conta que em 17 de janeiro de 1964 foram criar a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais no Rio de Janeiro; fala sobre entrada na clandestinidade;

fala sobre vivência durante e posterior à revolução de 1964: caminhada pelo interior do país, retirada de nova documentação, contato com agente do SNI.

Entrevistador – Fala sobre mudança de identidade e drible de agentes do SNI; comenta disfarces para fugir da repressão e pede para João Sem Terra contar suas histórias.

João Machado dos Santos (liderança camponesa / fundador Master) – Conta que várias vezes teve que passar pela repressão; diz que se vestiu de padre, freira, mulher; conta sobre situações em que despistou agentes federais.

Entrevistador – Fala sobre atuação política de João Sem Terra e pergunta o que o motivou a ocupar terras no Master.

João Machado dos Santos (liderança camponesa / fundador Master) – Conta que desde 1955 tentavam organizar os agricultores; cita período de criação do Master: primeiro presidente, primeiras ações, ocupação em Sarandi, fala sobre Brizola e PDT.

Entrevistador – Fala sobre governador Brizola e pergunta opinião dada por Brizola a respeito de João Sem Terra.

João Machado dos Santos (liderança camponesa / fundador Master) – Conta que Brizola disse que não o conhecia; opina sobre depoimento de Brizola; fala sobre contato que teve com Brizola em 1961.

Entrevistador – Afirma que governador Brizola é conhecido por não valorizar os movimentos populares, principalmente os da questão agrária; pergunta se entende que o governador também não dava valor aos movimentos de luta pela terra durante a década de 1960.

João Machado dos Santos (liderança camponesa / fundador Master) – Diz que Brizola dava valor até certo limite: posicionamento de direita do político; comenta aliança do Master com o PCB; faz desafio à Rede Globo: debate com Brizola.

Entrevistador – Pergunta como percebe a organização do MST.

João Machado dos Santos (liderança camponesa / fundador Master) – Fala sobre desenvolvimento e conscientização do MST e sobre proporção entre famílias sem terra e assentados; afirma que programas de barragens do governo aumenta o número de sem terra – questiona ação do governo sobre reforma agrária; defende maior articulação do MST; fala sobre ação da UDR e assassinatos cometidos pela organização.

Entrevistador – Reapresenta João Machado dos Santos e conclui entrevista.

3ª Entrevista

- **Imagens: música tocada em viola;**

Entrevistador – Apresenta músico cearense "Pingo" – João Wanderley Roberto Militão, compositor de músicas sobre a luta pela terra no Nordeste; lê ficha técnica de disco do músico;

fala sobre tentativa do músico em permanecer autêntico e não se vincular à indústria fonográfica; pergunta como é cantar as angústias, as lutas e vitórias do povo nordestino.

João Wanderley Roberto Militão (músico) – Diz que trabalho faz parte de um processo de inquietação com a realidade brasileira e nordestina; fala sobre convivência com as contradições da sociedade; diz que, em relação aos movimentos populares, ele e companheiros buscam resgatar a história dessas pessoas para "jogar fora" declarações da burguesia de que o povo brasileiro é covarde e mostrar as vitórias conquistadas.

Entrevistador – Pergunta o que o motivou a cantar a luta do povo nos episódios do cangaço e de Antônio Conselheiro em Canudos.

João Wanderley Roberto Militão (músico) – Conta que seu primeiro contato com a história de Canudos foi com um grupo de teatro; comenta episódio de Canudos; diz que periodicamente se apresenta para o povo de Canudos e que lá nada mudou: manutenção do latifúndio, improdutividade, perseguições; fala sobre Canudos como exemplo para ser cantado; cita experiência em Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (Crato, CE); afirma que as escolas não discutem Canudos e que música é uma forma de apresentar essa história; afirma ser necessário cantar a vida regional.

Entrevistador – Pergunta o que o levou a participar da comemoração no Rio Grande do Sul dos 10 anos de Luta pela Terra.

João Wanderley Roberto Militão (músico) – Afirma que seu trabalho é voltado para pessoas que estão envolvidas no processo de luta pela terra – associação de seu trabalho aos movimentos populares, partidos políticos, sindicatos; diz que conheceu MST em São Paulo e manteve do contato com o Movimento; fala sobre sua atuação política através da música no Ceará e em outras regiões; justifica motivo de sua presença na comemoração.

- **Imagens: música cantada por João Wanderley Roberto Militão;**

Entrevistador – Reapresenta João Wanderley Roberto Militão e conclui entrevista.

4ª Entrevista

Entrevistador – Fala sobre presença de representantes da América Latina no evento; apresenta Luís Aguajio, do Movimento Campesino Paraguaio (MCP); pergunta quais são os números dos camponeses sem terra no Paraguai.

Luís Aguajio (representante MCP) – Apresenta-se; fala sobre criação do MCP na década de 1980 e fundação de ramificações do Movimento; afirma haver 350 mil campesinos sem terra, 300 mil pequenos produtores que não recebem assistência técnica, 300 mil mulheres que não recebem assistência médica durante a gravidez e o parto, 750 mil crianças analfabetas e semi-analfabetas e 800 mil jovens se prostituindo no Paraguai.

Entrevistador – Pergunta sobre importância da articulação do Paraguai com camponeses de outros países da América Latina.

Luís Aguajio (representante MCP) – Responde que sim, que não existem fronteiras para o capitalismo; afirma que a unidade entre países latino-americanos fará lograr os objetivos; responde sobre principais lutas dos movimentos campesinos do Paraguai: ocupação de terras, manifestações, caminhadas; fala sobre perseguição policial, para-policial (Guarda Nacional Republicana) e militar aos campesinos;

Entrevistador – Pergunta sobre existência de denúncias a fazer.

Luís Aguajio (representante MCP) – Faz crítica ao governo paraguaio que impede o crescimento do país; fala sobre impostos cobrados no país.

5ª Entrevista

Entrevistador – Apresenta o padre Arnildo Fritzen, que acompanha desde 1978 a luta do MST no Rio Grande do Sul; pergunta quando se deu o envolvimento com movimentos populares, principalmente os vinculados à questão da terra.

Arnildo Fritzen (padre / membro CPT) – Fala sobre chegada à região em 1967 e envolvimento com grupos vinculados a questão da terra; conta que em 1978 presenciou a expulsão dos posseiros de áreas indígenas Nonoai (RS) e Planalto (RS) e sentiu necessidade de fazer alguma coisa a favor de cerca de 2 mil famílias; conta que cederam igrejas para ocupação dessas famílias – prática assistencial, ainda faltava consciência política; 1979 foi o momento em que passou a haver discussão sobre o que se poderia fazer.

Entrevistador – Cita Conferência Latino-americana dos Bispos que optavam pela luta a favor dos pobres ocorrida em Puebla (México) em 1979; pergunta se sentiu que desafio de sua luta ia de encontro com a opção pelos pobres no continente.

Arnildo Fritzen (padre / membro CPT) – Conta que sentiam que a única opção como sacerdote era assumir a causa desses pobres posseiros expulsos; diz que essa opção da Igreja deu mais força à luta; responde quem são os adversários da libertação dos oprimidos: fala da criação da UDR como reação da direita (latifúndio e burguesia) à articulação dos trabalhadores rurais diante de sua situação; diz que na região predomina o caudilhismo (maior agressividade aos trabalhadores rurais).

Entrevistador – Diz que adversários do padre o acusam de ser comunista, inclusive de ir contra os princípios da Bíblia; pergunta com quem está a verdade.

Arnildo Fritzen (padre / membro CPT) – Diz que acusação de ser comunista é uma honra, porque o comunismo entendido por seus adversários é o de buscar a divisão da terra; afirma que essa acusação é profundamente evangélica e humana; conclui que faz muita questão que o chamem de comunista, já que a divisão da terra é a causa principal assumida.

Entrevistador – Pergunta que tipo de assistência específica o padre presta aos trabalhadores.

Arnildo Fritzen (padre / membro CPT) – Conta que em 1979, durante a organização dos posseiros e dos sem terra, possuíam papel principal de conduzir a organização dos trabalhadores, assim como de dotá-los do conhecimento de seus direitos; diz que com o início

da Nova República houve um avanço dos trabalhadores em conduzirem o processo e uma mudança no seu papel: alguém que ajuda a sustentar a mística, a fé; responde pergunta sobre atuação da Igreja no campo social: afirma que Igreja no verdadeiro sentido da palavra "somos todos nós"; afirma que não há distinção entre o clero e o povo; defende a atuação da fé para a libertação do povo quando o direito à vida e à justiça é ferido; defende compromisso sagrado com a vida humana; diz que o padre, o bispo têm que ser companheiros dos que sofrem – missão fundamental para salvar vida;

Entrevistador – Fala sobre faixa "Deus fez a terra e o Diabo fez a cerca"; pergunta qual o posicionamento do padre diante da existência dos latifúndios.

Arnildo Fritzen (padre / membro CPT) – Concorda com afirmação da frase; afirma que Deus colocou tudo à disposição de todos e que os homens guiados pelos interesses da ganância resolveram fazer a obra do demônio, acumular a riqueza e matar a vida.

Entrevistador – Conta que padre sofreu atentado na paróquia; pergunta se, sendo visado por membros da UDR, não tem medo de morrer por causa da opção feita pela luta dos movimentos populares.

Arnildo Fritzen (padre / membro CPT) – Diz que tem medo de morrer porque é humano, que gostaria de viver como toda criatura; diz que compreendendo melhor como é organizada a sociedade, que o latifúndio e a burguesia farão de tudo para não perder seus privilégios, que se trata em dar a sua vida mesmo; afirma que sua vida deve ser doada mesmo, com toda simplicidade e alegria; fala sobre proposta de Jesus Cristo em dar de fato a vida e a força interior para que os outros possam viver;

Entrevistador – Pergunta ao padre sua avaliação dos 10 Anos de Luta pela Terra.

Arnildo Fritzen (padre / membro CPT) – Afirma ser a Bíblia continuada e escrita: vida do povo de Deus, do deserto e da escravidão do Egito, que começa a mudar a sociedade concentradora capitalista; afirma haver grande aprendizado sobre o compromisso cristão através do MST e dos expulsos da terra; explica que MST fez os próprios trabalhadores avançarem.

Entrevistador – Reapresenta padre e conclui entrevista.

<u>DVD3 – duração: 1h58min / data: 07/09/1989</u>

- **Imagens: cartaz dos "10 anos de retomada da luta, conquista e resistência na terra"; lema "Ocupar, resistir, produzir"; missa campal: acompanhamento musical dos cantos, sermão sobre os 10 anos de luta, apresentação dos celebrantes da missa.**

(DVD para de rodar aos 07min10s)

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Encontro de Jovens MST

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Encontro de Jovens do MST da região Sul (I, 1989).
DATA: 1989
LOCAL: Caçador, SC
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.encjov2	DVD1 – 02h DVD2 – 02h	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Há também no acervo outro vídeo sobre encontro de jovens, filhos de assentados, em Santa Catarina. Ver em: MSPP/av.NS.man.encjov1

DESCRITORES:

Adão Pretto (Deputado Federal/PT)
Educação popular
Eleições presidenciais (1989)
Encontro de Jovens do MST da região Sul (SC, I, 1989)
Fazenda Caldato (SC)
Luís Inácio da Silva (presidenciável)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Paraná
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
Rio Grande do Sul
Santa Catarina
Setor de Formação (MST)
Trabalhador rural sem terra

SUMÁRIO:

DVD 1 – duração: 2h

- **Imagens: bandeira MST; cartaz "Queremos uma política agrícola que realmente atenda os interesses dos trabalhadores"; área externa sendo preparada para espaço de discussão; área de acampamento; bandeira PT; cartazes Lula para presidente; socialização entre jovens e construção do acampamento.**

Apresentador – Abre gravação para entrevistas: encontro de jovens no Centro de Formação do MST em Santa Catarina, no município de Caçador; apresenta companheiro Gilberto da Coordenação de Jovens; pergunta como surgiu a ideia do encontro.

Gilberto (Coordenação de Jovens) – explica que realizar encontros é uma prioridade do MST da região Sul; fala sobre importância de trabalhar com os jovens; fala sobre objetivos do encontro: prosseguimento aos encontros estaduais, envolvimento dos jovens no período de eleições, envolvimento político dos jovens; explica que são 60 jovens do Rio Grande do Sul participando; fala sobre expectativas dos jovens no evento.

Apresentador – Pergunta a TeonindoSerino (Coordenação de Jovens) de onde surgiu a ideia do encontro de jovens.

TeonindoSerino – Explica que surgiu em encontro da equipe de formação da região sul; fala sobre motivações para o encontro: situação dos jovens sem terra e eleições presidenciais; diz que são 160 representantes do Paraná no evento.

Apresentador – Pergunta a Lorenzi (Coordenação de Jovens) de onde surgiu a ideia do encontro de jovens.

Lorenzi– Conta que ideia surgiu a partir de encontro da equipe de formação; fala sobre necessidade de integração dos jovens na luta pela terra na região sul; diz que chegaram 100 jovens do estado de Santa Catarina; fala sobre programação do encontro (debates, períodos de lazer, passeata).

- **Imagens: jovens reunidos em área externa para debates; apresentação de grupo musical; abertura do evento: explanação sobre programação, apresentação dos objetivos, chamada de companheiros para formação da mesa de discussão; gritos de guerra.**

Gilmar (representante MST nacional) – Fala sobre significado do Encontro: capacidade organizativa do Movimento e do Setor de Formação; comenta sobre força do Movimento e momento conjuntural; fala sobre desafio de fazer da luta uma bandeira e busca pela reforma agrária; fala sobre repressão no campo, exemplifica com situação vivida na Fazenda Caldato (SC); comenta sobre situação política brasileira: interesses econômicos, surgimento do PT.

Debatedora 1 – Opina sobre importância do encontro.

Debatedor 1 – Fala sobre coragem dos jovens em estar no encontro; fala sobre importância do envolvimento dos jovens na luta.

Debatedor 2 – Fala sobre importância da integração dos estados do Sul; comenta sobre repressão e violência no campo e significado da união dos companheiros.

Debatedor 3 – Fala sobre envolvimento dos trabalhadores nas eleições (corte de gravação).

- **Imagens: cantos; informações e recados dados aos jovens; almoço coletivo; socialização entre jovens (cantos, futebol).**

Debatedor 4 – (área interna para debates) Fala sobre importância de questionar o motivo do Encontro, o motivo de estarem dentro do MST e a luta pela terra; inicia discurso sobre como os sem terra chegaram à sua situação de vida – fala sobre história do Brasil desde o "descobrimento" por portugueses até situação em que vivem; afirma que lutas de povos (indígenas, negros) no Brasil, assim como a deles, é fruto da expansão capitalista no campo; fala sobre interesses da burguesia e situação dos camponeses no momento; afirma que pequenos proprietários estão desaparecendo; comenta sobre cooperação agrícola; (corte de gravação); diz que modernização da produção quebrou discurso de que a reforma agrária era uma necessidade para os capitalistas; afirma que distribuição da terra é uma necessidade social; fala sobre período da Nova República: discurso do governo pró reforma agrária; afirma que reforma agrária só será feita pelos trabalhadores: necessidade de modificação da estrutura agrária (forma de distribuição da terra) e não apenas contenção dos conflitos sociais; fala sobre importância da mão de obra dos camponeses, importância da integração na luta e do papel dos jovens: ideia do trabalho coletivo tem mais eco entre os jovens; comenta sobre movimentos sociais antes de 1964 (Ligas Camponesas, Master-Movimento dos Agricultores sem Terra) e envolvimento Francisco Julião, do PTB e de Leonel Brizola; explica nascimento do MST e modificações ocorridas na luta pela terra; afirma que luta pela terra não termina quando companheiro consegue seu pedaço de terra; comenta sobre estrutura interna do MST; fala sobre importância dos jovens na luta: capacidade de conquistar outros segmentos da sociedade para se envolver e se manter na luta; acredita que é a geração desses jovens que vai tomar o poder e organizar o socialismo; (corte de gravação).

- **Imagens: gritos de guerra; cantos; abertura para perguntas.**

Debatedor 4 – Responde sobre desinteresse dos países ricos em apoiar a reforma agrária no Brasil; fala sobre exploração e repressão realizada pelos países desenvolvidos sobre o Brasil e países da América Latina; afirma que distribuir terra é distribuir poder; fala sobre apoio dos países ricos à ditadura militar; comenta sobre reação popular à ditadura militar; conta sobre primeiras eleições diretas; fala sobre composição dos três poderes no Brasil e utilização pela burguesia dessa divisão dos poderes; comenta sobre proibição de desapropriação de empresa rural e a modernização do campo; fala sobre conscientização política, formação política e educação; afirma que luta pela terra é a raiz do capitalismo – maior repressão aos movimentos sociais no campo em relação a outros movimentos; diz que governo não fala em reforma agrária, mas em democratização do campo e colonização; explica dificuldade de realização da reforma agrária caso seja Lula eleito; diz que PT acredita e defende que a reforma agrária só sairá através das mãos dos trabalhadores rurais; coloca diferenças entre PT e Brizola no que se refere a acampamentos e conquista da terra pelos trabalhadores; conta que conscientização política se deu a partir de trabalhadores que já faziam ocupações; fala sobre surgimento do MST; discute tema sobre cooperativismo e suas vantagens; defende o socialismo.

<u>DVD2 – duração: 2h</u>

- **Imagens: finalização da palestra contida no DVD1; orientações para atividade seguinte – discussão em grupos sobre como está o movimento em cada estado e quais devem ser as ações futuras; área externa: jovens reunidos em grupos de discussão; bandeiras PT e MST.**

Apresentador – Apresenta companheiro Mazete (jovem assentado) e pergunta sobre importância do encontro entre jovens de diferentes estados do sul.

Mazete (jovem assentado) – Explica que não se sabia se os jovens atuavam da mesma forma; diz que nas discussões foi percebido que as realidades são parecidas; diz que jovens estão com vontade de aprender e que estão achando muito válido o trabalho; fala sobre importância do jovem na luta pela terra: afirma que são os que mais se preocupam em fazer a reforma agrária, exemplifica com atuação dos jovens nos acampamentos.

Apresentador – Apresenta companheiro Fritz (acampado em Palma Sola/SC) e pergunta sobre importância do encontro entre jovens de diferentes estados do sul.

Fritz (acampado em Palma Sola/SC) – Diz que são acampados há pouco tempo em Palma Sola e que é importante buscar experiências de outros estados; afirma que existem muitas semelhanças da luta nos estados; comenta sobre avanço do capitalismo que impede a resistência do pequeno produtor na terra – busca pela terra e pelo direito de ter uma vida mais digna; responde sobre importância do Encontro: contato direto com outros companheiros, troca de experiências, avaliação sobre caminho ideal para seguir; responde sobre influência de jovens nas ocupações: jovens estão tomando liderança na luta, dispostos a continuar na luta e a partilhar experiências; afirma que resistência dos jovens evitou despejos e mudança na conjuntura a nível nacional.

Apresentador – Apresenta companheiro Breno (Paraná) e pergunta sobre importância do encontro entre jovens de diferentes estados do sul.

Breno (Paraná) – Diz que troca possibilita maiores subsídios para a luta – "injetação de ânimo"; fala sobre aumento da importância dos jovens no MST; fala sobre percepção dos jovens de que única saída é ir ocupar a terra; diz que quase a maioria das ocupações é feita por jovens.

- **Imagens: momento de lazer à noite – apresentação de grupos musicais, declamação de poesias, prosas e piadas, apresentação teatral sobre o que é a educação popular e sua importância; gritos de guerra.**

- **Imagens: bandeira PT; bandeira MST; área interna de debate: exposição das próximas atividades do encontro; abertura para questões colocadas durante discussões em grupo; debatedor 4 retorna para responder às questões colocadas;**

Debatedor 4 – Fala sobre importância da coletividade; critica aqueles que se afastaram do movimento; explica que ser movimento é estar em luta permanente; fala sobre facilidade do jovem em se envolver e trabalhar na luta acampando; afirma que o jovem acomodado é dez vezes pior do que os "velhos" acomodados; fala sobre importância dos jovens em contribuir para modificar as crianças nos acampamentos na conscientização da luta; (corte na fala).

- **Imagens: cartaz com rosto de Lula – "o Brasil vai mudar de cara"; cantos.**

Adão Pretto (Deputado Federal/PT) – Conta história de sua família – aquisição de terra por seu pai e divisão entre os irmãos; comenta sobre seu casamento e disposição para trabalhar; afirma que não é vontade de Deus ter tanta gente sem terra; fala sobre trabalho na terra; faz metáfora com objetos de trabalho do agricultor: facão que abre a picada é a fé, a foice para cortar as árvores é o sindicato e o machado é o partido político; fala sobre necessidade dos militantes do MST em se envolverem com a política; fala sobre início do Partido dos Trabalhadores e sua eleição para deputado; conta críticas e chacotas feitas à sua eleição; comenta sobre ações desenvolvidas como deputado; afirma que agricultores tendo oportunidade sabem o que querem, assim como a burguesia sabe o que quer; afirma que Brasil está mal governado – "Brasil sempre esteve bom para a burguesia"; afirma que burguesia não é burra, que sempre esteve no poder através do voto do povo; fala sobre falsa multiplicação de partidos para "confundir" e dividir o povo politicamente; exemplifica com a remuneração dos deputados e "briga" na Assembleia pelo fim da aposentadoria dos deputados – conta que partidos se aliaram para impedir fim da aposentadoria; exemplifica com outras manobras dos partidos políticos que buscam somente os interesses da burguesia; comenta sobre eleições presidenciais: candidaturas lançadas (Ronaldo Caiado, Fernando Collor, Lula, Guilherme Afif Domingos, entre outros), representação das categorias e manobra para dividir o povo; pede apoio à eleição de Lula; afirma que burguesia deve estar preocupada com ocupações e possível eleição de Lula; opina sobre ações que Lula deve realizar entrando no poder: distribuição da terra e políticas agrícolas; explica que para o povo ter liberdade é necessário que ele tenha dinheiro; defende a reforma agrária e um limite mínimo para os salários – explica e exemplifica porque só o PT é capaz de lutar pelos dois; explica porque defende a suspensão do pagamento da dívida externa; defende a prisão "dos ladrões de colarinho branco" e a soltura de colonos que lutam para sustentar suas famílias; fala sobre avanço de consciência do povo; abre para perguntas.

(corte de gravação)

- **Imagens: apresentação de grupo musical;**

Debatedor 5 – Resgata memória dos companheiros Ermínio Gonçalves dos Santos e Olívio Albane que deram a vida pela luta; cita confronto de Palma Sola (SC); comenta sobre união organizada dos trabalhadores e atuação do PT; afirma a exploração da classe trabalhadora pela burguesia; reafirma união dos demais partidos contra os trabalhadores; (corte de gravação).

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Encontro dos Educadores de Pernambuco / Encontro Regional Nordeste dos Educadores da Reforma Agrária

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Encontro dos Educadores de Pernambuco (XI, 2003) e Encontro Regional Nordeste dos Educadores da Reforma Agrária (I, 2003).
DATA: 25-30/05/2003
LOCAL: Caruaru, PE
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.encne	0h31min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Para acesso a documentos sobre a linha pedagógica e educacional do MST, ver: MSPP/ns.MST.ed

DESCRITORES:

Ademar Bogo (Coletivo Nacional de Formação do MST)
Bahia
Cássia Maria Feitosa (Setor de Educação MST/SE)
Ceará
Edgar Kolling (Coletivo Nacional de Educação do MST)
Encontro dos Educadores de Pernambuco (XI, 2003)
Encontro Regional Nordeste dos Educadores da Reforma Agrária (I, 2003)
Governo Lula (2003-2006)
Jaime Amorim (Coordenador Estadual MST/PE)
José Aderico (Educador popular)
Júlio Filho (Coletivo de Educação do MST/BA)
Lúcia do Nascimento (Educadora popular)
Marcos Gerhke (Coletivo de Educação do MST)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Nordeste
Paraíba
Paulo Freire (educador)
Pedagogia do MST
Pedagogia libertadora (Paulo Freire)
Pernambuco
Reforma agrária
Rio Grande do Norte
Sem terrinha (MST)
Sergipe
Setor de Educação (MST)
Setor de Formação (MST)
Trabalhador rural

SUMÁRIO:

- **Imagens: Abertura do vídeo com frase de Paulo Freire, "Para educar é necessário conhecer o contorno social e geográfico dos educandos".**

Locutor – Realização do XI Encontro dos Educadores de PE e I Encontro Regional Nordeste dos Educadores da Reforma Agrária no Centro de Formação Paulo Freire de Caruaru (PE) nos dias 25 a 30 de maio com a presença de educadores da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe; estiveram presentes cerca de 400 educadores da área de assentamento e acampamento do MST.

Educadora 1 – Fala sobre Paulo Freire e a construção de uma educação libertadora.

Locutor – Importância do I Encontro do Nordeste: identificação de Pernambuco enquanto região, diversidade cultural entre os estados; fala sobre Sônia Meire (professora UFSE) e trabalho sobre paradigmas da educação do campo; imagens do discurso de Sônia Meire.

Sônia Meire (professora UFSE) – Fala sobre sua palestra: abordagem dos paradigmas em ação nos projetos de educação no campo – paradigmas de uma política compensatória e paradigmas que trazem o campo como espaço de vida e não apenas como espaço econômico; fala a respeito da discussão de uma educação que possibilite a emancipação das pessoas no campo.

- **Imagens: apresentação dos educadores de diferentes estados.**

Locutor – Estado da Paraíba introduziu tema com a mística, retratando a construção da identidade pela escola; imagens de atividades no encontro; fala sobre tema trabalhado por Edgar Kolling (Coletivo Nacional de Educação MST): construção da identidade sem terra, conceito de identidade como noção pertencimento a uma organização; imagens da palestra de Edgar Kolling.

Edgar Kolling (Coletivo Nacional de Educação do MST) – Diz que sempre que reúnem educadores, organizam um espaço para que as pessoas façam uma troca das experiências e práticas pedagógicas; afirma que acaba sendo um espaço de aprofundamento pedagógico e político; fala sobre importância do trabalho que desenvolve: noção de pertencimento em uma organização, força e enraizamento na história do país e do Movimento.

- **Imagens: reuniões de grupos de trabalho; noite cultural: apresentação do grupo de xaxado "Cabras de Lampião".**

Locutor – Estado do Pará trouxe em sua mística elementos como: indignação, a solidariedade, a vida e o cuidado; imagens de atividades no encontro; fala sobre tema apresentado por Ademar Bogo: mística e valores, uma perspectiva cultural, traçou um paralelo de como o sistema capitalista degenera a educação e o ser humano nas suas relações sociais; imagens da palestra de Ademar Bogo.

Ademar Bogo (Coletivo Nacional de Formação do MST) – Fala sobre importância do Encontro: reunião dos professores da região nordeste para discutir problemas enfrentados na escola, questões culturais (identidade e valores); afirma que reforma agrária não é apenas a conquista da terra, mas também a modificação interna dos seres humanos e implementação de novos valores.

- **Imagens: mística dos sem terrinha; lançamento do livro de Ademar Bogo, "Arquitetos de sonhos"; apresentação das cantoras Socorro Lira e Hirá Caldeira; mística do estado de Sergipe.**

Locutor – Fala sobre tema de Marcos Gerhke: planejamento, resgate das experiências vividas por Pernambuco, Sergipe, Ceará e Bahia baseado nos elementos das exposições desses estados; imagem das exposições dos estados e da palestra de Marcos Gerhke.

Marcos Gerhke (Coletivo de Educação do MST) – Afirma que todo processo vivido no Encontro se torna educativo e referência para a construção da pedagogia do Movimento; fala sobre trabalho que coordena: questão do planejamento – resgate das experiências vividas para construir uma referência própria ou identificar o significado dessas experiências na pedagogia do MST.

- **Imagens: noite cultural: companhias de dança "Pernas pra Circular"; mística do estado da Bahia.**

Locutor – Explica que na noite cultural cada estado levou uma apresentação que retratasse sua cultura.

- **Imagens: mística do Rio Grande do Norte.**

Locutor – Fala sobre tema de Jaime Amorim (Coordenador Estadual MST/PE): debate sobre análise da estrutura da composição política no campo após a eleição de Lula e o papel do MST; imagem da palestra de Jaime Amorim; fala sobre mística de encerramento.

- **Imagens: mística de encerramento do encontro; palestrantes ao longo do encontro.**

Solange (Coletivo de Educação do MST/BA) – Importância do Encontro: reunião de todos os estados do nordeste (regional nordeste I), discussão das linhas de educação dessa região; fala sobre temas trabalhados ao longo do Encontro.

José Aderico (educador popular) – Fala sobre trabalho que desenvolve: faixa etária envolvida, tentativa de trazer a realidade vivida para a educação, construir uma identidade sem terra.

Lúcia do Nascimento (educadora popular) – Conta que trabalham com a questão econômica, social e cultural do assentamento; diz que todos são responsáveis para assumir o comando e o educador é um mediador de conhecimentos.

Cássia Maria Feitosa (Setor de Educação MST/SE) – Afirma que MST possui pedagogia própria; diz que encontro é um momento especial para reflexão das práticas e, posteriormente, implantação da pedagogia desenvolvida – transformação da educação em educação libertadora.

Júlio Filho (Coletivo de Educação do MST/BA) – Fala sobre reorganização dos coletivos através das experiências de estados do Nordeste e fortalecimento da pedagogia do MST.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Encontro dos filhos de assentados

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Encontro dos jovens, filhos de assentados, pertencentes aos três estados do Sul.
DATA: 1989 (provável, a partir das referências do vídeo)
LOCAL: Santa Catarina
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Erro de etiqueta no DVD.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.encjov1	02h	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Há também no acervo outro vídeo sobre encontro de jovens, filhos de assentados, em Santa Catarina. Ver em: MSPP/av.NS.man.encjov2
Sobre ocupação em Palma Sola (SC), ver também: planilha "*Violência no campo (Década de 1980)*" - MSPP/man.NS.av.violcampo

DESCRITORES:

Adão Pretto (deputado estadual RS/PT)
Campo Erê (SC)
Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Eleições presidenciais (1989)
Fazenda Caldato (Palma Sola, SC)
Frente Brasil Popular
Governo Sarney (1985-1989)
Luiz Inácio Lula da Silva (sindicalista)
Luta pela terra
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Nova República
Palma Sola (SC)
Paraná
Pedro Tonelli (deputado estadual PT/PR)
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
Rio Grande do Sul
Santa Catarina
Trabalhador rural sem terra
Wilson Santi (presidente PT/SC)

SUMÁRIO:

Wilson Santi (presidente PT/SC) – Fala sobre luta pela terra e eleição de políticos com propostas que a apoiam a luta; defende compromisso de classe; critica governo Sarney: fala sobre farsa do Plano Cruzado; afirma que PT foi o único que não foi do Colégio Eleitoral e que não legitimou o governo Sarney; afirma que trabalhadores irão fazer a democracia; comenta sobre congresso da Contag: presença de Sarney e Ministro da Reforma Agrária; defende ocupações como forma de acelerar a reforma agrária; afirma que trabalhadores possuem coerência para denunciar "máfia" política e fazer propostas; diz que quando se toma consciência de classe, de que lado se está e quando se dá conta da violência no campo, a burguesia se amedronta; afirma que medo não é da pessoa do Lula, mas da organização independente dos trabalhadores, representadana figura de Lula; dá exemplos sobre o que coloca temor na burguesia; cita farsas que ocorrem nas eleições; fala sobre responsabilidades nas eleições: construção de uma nova sociedade, avanço do MST, da construção da CUT, do movimento sindical no campo e na cidade e do movimento popular – disputa entre projeto da burguesia e projeto da classe trabalhadora; defende luta combinada no campo e na cidade, no movimento e nas greves – luta do dia-a-dia deve ser a luta pela revolução; defende radicalização do movimento; fala sobre necessidade de diálogo com companheiros que estão desavisados sobre luta política; afirma que trabalhadores que não estão envolvidos e com conhecimento da luta política estão traindo a luta do trabalhador e os companheiros que foram mortos em conflito; diz que existem companheiros que esqueceram o sofrimento e de que existem quase dez milhões de sem terra no Brasil; afirma que campanha do Lula está sendo financiada pelos próprios trabalhadores; diz que é necessário passar importância das eleições para companheiros que ainda não despertaram para

essa questão; afirma que reforma agrária vai ser feita com Constituição ou sem, goste ou não a burguesia – compromisso de classe e de honra dos trabalhadores; afirma que única candidatura que tem moral é a de Lula; critica pagamento da dívida externa – posiciona-se contra o pagamento da dívida e a favor da criação de um fundo de investimento para áreas sociais no Brasil; defende organização de um grupo de países devedores; relaciona questão da distribuição de renda com o aumento dos salários; fala sobre proposta do congresso: defender a luta combinada de um governo democrático com a eleição do Lula com a luta social, popular no campo e na cidade e com o socialismo; conclama companheiros a se incorporarem nessa tarefa; defende o desmascaramento de todos os candidatos da direita (Maluf, Collor, Brizola, entre outros); comenta crescimento do MST e presença do PT nessa luta; acredita na ida ao segundo turno com Lula; fala sobre pesquisa a respeito das eleições e potencial de candidatura de Lula; afirma que se Lula ganhar as eleições vai ser necessário aumentar o número de ocupações e greves para garantir ele consiga aplicar as propostas sociais; afirma ser uma tarefa revolucionária eleger um operário para Presidência da República.

- **Imagens: grito de guerra por Lula presidente; bandeira MST; bandeira PT.**

Palestrante 1 - Fala sobre momentos que estão sendo vivenciados: possibilidade de escolher o governante máximo do país e as primeiras eleições diretas; critica governo militar; cita propostas do governo Tancredo Neves/Sarney e resultados desse governo para os trabalhadores; fala sobre eleições e necessidade de participação política (corte de gravação).

Entrevistador – Apresenta o companheiro Darcy Maschio (Direção Estadual MST/RS); pergunta sobre importância do Encontro dos três estados do sul dos jovens filhos de assentados.

Darcy Maschio (Direção Estadual MST/RS) – Responde que importância está na reunião de jovens de estados diferentes que tem uma situação similar; diz que jovens buscam uma razão concreta para dedicar suas vidas; afirma que é uma forma de mostrar que o jovem tem uma função que compete especialmente a ele: alternativas de vida dos jovens; afirma que o encontro é uma possibilidade de refletir a situação dos jovens (sonhos e realidade).

Entrevistador – Fala sobre excedente da mão de obra; pergunta qual é a proposta de organização dos jovens na produção.

Darcy Maschio (Direção Estadual ST/RS) – Fala sobre criação de grupos coletivos, pequenas empresas de trabalhadores rurais, onde o jovem vai poder trabalhar e receber por seu trabalho; fala sobre aspectos positivos do trabalho coletivo: maior rendimento, manutenção da mão de obra no campo; cooperação agrícola como alternativa para os jovens filhos de assentados ou sem terra; fala sobre possibilidade de agricultores receber também pelo lucro da produção; comenta sobre trabalho coletivo: envolvimento social e econômico do jovem.

Entrevistador – Apresenta Adão Pretto (deputado estadual RS/PT); pergunta importância do encontro dos três estados do sul.

Adão Pretto (Deputado Estadual RS/PT) – Fala sobre organização dos jovens sem terra e perfil dos jovens que estão no encontro; jovem como grande vítima da situação agrária; explica que proprietários que criticam o movimento sem terra não percebem que fazem parte de um processo de marginalização desses jovens; fala sobre desemprego e disputa de vagas de emprego; diz que trabalhar parece ter se tornado um crime no país; responde sobre importância

do encontro na campanha do Lula para presidente: 80% do eleitorado doLula é jovem; afirma que ainda há muitos jovens com 16, 18 anos que ainda não são eleitores; fala sobre possibilidades ao se eleger um trabalhador nas eleições.

Entrevistado – Pergunta qual o compromisso com os assentados e pequenos proprietários como deputado estadual do RS.

Adão Pretto (Deputado Estadual RS/PT) – Explica que não pediram para serem eleitos, mas que foram escolhidos pelos companheiros; fala sobre "jeito diferente de fazer política": discussão com a "companheirada"; conta que para os pequenos proprietários já conseguiram o projeto do seguro agrícola, projeto de recuperação do solo da pequena propriedade (ambos entraram na Constituinte); conta que sempre estiveram ao lado dos agricultores sem terra nas ocupações e nos despejos; diz que eles têm conhecimento das ocupações (locais e datas).

Entrevistador – Apresenta Pedro Tonelli (Deputado Estadual PT/PR); pergunta importância do encontro de jovens dos três estados do sul;

Pedro Tonelle (Deputado Estadual PT/PR) – Só haverá mudanças quando toda a sociedade trabalhadora se organizar, se mobilizar e buscar aquilo que quer; afirma que não é possível esperar que alguém resolva o problema da população trabalhadora do país; opina sobre importância do Encontro de Jovens que ocorre: organização e reflexão da classe trabalhadora – envolvimento dos jovens nesse processo; responde sobre importância do Encontro dos Jovens na eleição de Lula: momento importante na história do país, possibilidade do povo brasileiro escolher seu governante máximo, 22 candidaturas, um candidato classista; fala sobre defesa do candidato e das forças que buscam mudanças necessárias; fala sobre momento fundamental para os jovens: participação de campanhas políticas.

Entrevistador – Pergunta, se como deputado estadual do PR, qual o compromisso com os assentados e pequenos proprietários;

Pedro Tonelle (Deputado Estadual PT/PR) – Cita compromisso do partido com a classe trabalhadora e explica que os assentados, sem terra e pequenos proprietários foram a base fundamental que o elegeu; diz que além do compromisso partidário existe um compromisso com os rurais; afirma que nos três anos de mandato o pouco que se conseguiu só foi possível através da mobilização e da organização; afirma que só com discurso não se muda nada – necessidade da luta social no dia-a-dia;

- **Imagens: bandeira PT; bandeira MST; barracas de lona; sociabilização entre jovens (jogo de futebol, cantos, entre outros).**

Liderança MST – Explica o que é o núcleo do MST, sua organização, atuação e propostas; explica que lideranças do MST não podem ser coordenadores do núcleo para não haver sobrecarga de tarefas; fala sobre manual que coloca quem pode e não pode participar do núcleo; diz que a direção nacional do MST entende que os jovens devem ser a prioridade para organizar o núcleo do MST; fala sobre construção do socialismo no Brasil; afirma que no capitalismo a reforma agrária vai ter sempre a lógica "latifúndio e sem terra, peão e patrão" – necessidade de uma mudança geral e concreta; fala sobre organização de núcleos na região sul e tarefa organizativa (cortes ao longo da fala).

- **Imagens: reuniões em grupo para formação de núcleos; manual do núcleo de coordenadores do MST; bandeira MST.**

Entrevistador – Apresenta Wilson Santi (Presidente PT/SC); pergunta importância do Encontro.

Wilson Santi (Presidente PT/SC) – Fala sobre importância do Encontro: primeiro encontro de jovens dos estados do sul, esperança do fortalecimento do MST, aspectos políticos (integração, trocas de experiências, conteúdo político das discussões – organização interna, papel do jovem enquanto trabalhador, formação política); acredita na contribuição dos jovens no retorno às suas cidades; acredita no fortalecimento do movimento apesar dos ataques e da UDR.

Entrevistador - Pergunta sobre importância do encontro para a candidatura de Lula.

Wilson Santi (Presidente PT/SC) – Responde que candidatura de Lula é forjada na luta das classes trabalhadoras, nascida do movimento sindical, do movimento popular, do enfrentamento com as classes dominantes, e tem objetivos de transformação da sociedade; afirma que encontro da juventude contribui para a campanha do Lula através do fortalecimento da luta de classes; acredita no segundo turno das eleições; fala sobre capacidade dos trabalhadores em governar o país: produção das riquezas do país e capacidades políticas, materiais e concretas para abrir caminho para a construção do socialismo no Brasil.

Entrevistador – Pergunta como garantir a participação dos jovens no processo político da organização dos trabalhadores.

Wilson Santi (Presidente PT/SC) – Diz que jovens tem um sentimento de revolta dentro de si principalmente nesse momento de crise da classe trabalhadora; entendem que a juventude trabalhadora tem um sentimento de contestação e de querer mudanças imediatas; afirma que mensagem para a juventude é a de que é preciso ir para a luta – apelo à participação na vida política e partidária; diz que PT está com proposta concreta de organização da juventude enquanto classe trabalhadora (corte na gravação).

Entrevistador – Apresenta Chicão, da Direção Nacional do MST; pergunta sobre importância do encontro.

Chicão (Direção Nacional MST) – Afirma que encontro é muito significativo para a articulação da juventude dentro dos três estados do sul na luta pela reforma agrária – busca por um avanço mais amplo na política da reforma agrária; afirma que juventude é a força motora do MST e o futuro da luta pela terra.

Entrevistador – Pergunta importância dos núcleos do MST.

Chicão (Direção Nacional MST) – Diz que objetivo é organizar na base os trabalhadores rurais sem terra que lutam pela reforma agrária, buscar uma atualização que faça com que se tenha maior participação e formação de novas lideranças; diz que já existe nos três estados do sul uma organização dos núcleos: 25 núcleos em Santa Catarina, 40 no Paraná e mais de 30 no Rio Grande do Sul; comenta previsão de aumento.

Entrevistador – Pergunta qual é a perspectiva desses núcleos para o MST.

Chicão (Direção Nacional MST) – Responde ser a busca por uma organização mais eficiente, para implementar com mais rapidez decisões e discussões do MST – nova formação e organização mais ágil e mais revolucionária ao MST; fala sobre manual utilizado pelos coordenadores dos núcleos.

- **Imagens: barracas; bandeira MST; grupo reunido dentro de barraca.**

Entrevistador – Apresenta companheiros de Palma Sola (SC) reunidos no interior de uma barraca; pergunta qual a conjuntura que antecedeu a ocupação de terra.

Fritz (acampado/Palma Sola, SC) – Afirma que se organizam há muito tempo; conta que em 1987 tentaram ocupar duas áreas no oeste Catarinense: Campo Erê e Palma Sola; explica situação vivida em Campo Erê e em Palma Sola: pressão policial, pressão da UDR; fala sobre fortalecimento da UDR em 1987.

Entrevistador – Pergunta qual é o tamanho e a situação da Fazenda Caldato (Palma Sola, SC).

Paulo (acampado/Palma Sola, SC) – Fala sobre terra que compreende a Fazenda Caldato (Palma Sola, SC).

Manoel (acampado/Palma Sola, SC) – Fala sobre qualidade da terra da Fazenda Caldato (corte de gravação).

Entrevistador – Pergunta quantas famílias ocuparam a Fazenda Caldato e disposição dessas famílias.

Wilson (acampado/Palma Sola, SC) – Conta que cerca de 750 famílias ocuparam em 12 de junho de 1987 a fazenda; acredita que sem terra tem que partir para a ocupação, porque a reforma agrária está parada no Brasil; diz que estão inclusive fazendo roça no local.

Entrevistador – Pergunta sobre acordo firmado com Incra para essas famílias.

Maria (acampada/PalmaSola, SC) – Fala sobre acordo de acampamento provisório de 60 dias, deslocamento de companheiros para Florianópolis para negociação com o Incra e retorno da ocupação da área do Caldato.

Entrevistador – Pergunta sobre agressões sofridas por parte da polícia.

Alceu (acampado / Palma Sola, SC) – Conta que devido ao acordo firmado com Incra a conjuntura dentro do acampamento estava calma; fala sobre ataque surpresa da PM no dia 16 de junto; comenta resistência dos companheiros ao confronto e despejo.

Trabalhador rural sem terra 1 (acampado/Palma Sola, SC) – Fala sobre confronto com PM sua resistência, ferimentos e internação em hospital.

Vilmar (acampado/Palma Sola, SC) – Diz que diante do confronto houve em torno de 72 companheiros feridos, um companheiro "tombado" e seis presos, além de liminares de prisão preventiva de 12 companheiros; comenta articulação da UDR: presença de elementos não fardados que portavam armas durante o confronto (grupos paramilitares).

Entrevistador – Pergunta quem são os responsáveis diretos por essa violência e a violência no campo no Brasil.

Manoel (acampado/Palma Sola, SC) – Fala sobre luta de classes no sistema capitalista; fala sobre posicionamento da burguesia e grupos que a formam; comenta atuação da UDR e associação a grupos paramilitares; comenta atuação dos partidos políticos na Assembleia Constituinte; comenta atuação dos governos a nível estadual e federal.

Entrevistador – Pergunta que ações serão assumidas após um mês de prisão desses companheiros.

Jonas (acampado/Palma Sola, SC) – Fala sobre manifestos realizados: dentro do acampamento, no dia 17 de setembro, e no município em que companheiros estão presos, no dia 06 de outubro; diz que tiveram o apoio da Frente Brasil Popular, da Igreja Progressista, da Pastoral da Juventude; apresenta últimas notícias que tiveram dos companheiros presos.

Entrevistador – Pergunta repercussão a nível nacional e resultados conquistados junto ao governo no processo da reforma agrária.

Vilmar (acampado / Palma Sola, SC) – Conta que no último encontro do MST foi definido uma política de "ocupar, resistir e produzir"; diz que a partir da ocupação em Palma Sola (SC) e das negociações abertas entre autoridades competentes pela reforma agrária se começou um trabalho dos companheiros acampados em todo estado de conscientização: realização de plenárias dentro de universidades, igrejas; envolvimento da opinião pública no assunto; comenta ocupação no Palácio do Governo e despejo violento no dia 25 de julho; conta que governo não assumiu os atos violentos em Palma Sola e no Palácio do Governo; afirma que só conseguiram de concreto o lema "ocupar, resistir, produzir"; fala sobre papel da resistência na luta pela reforma agrária, rompimento da barreira policial para chegada de apoio de companheiros da CUT, MST, PT e trabalhadores urbanos; fala sobre posicionamento do governo estadual e federal, e articulação com a UDR – estreitamento das negociações; explica que através da resistência conseguiram decreto de desapropriação de 6.834 hectares de terra em Santa Catarina; afirma que esse número é mínimo; explica proposta do MST: assentamento provisório durante 60 dias em Palma Sola (SC) enquanto houvesse o levantamento de terras pelo Incra para fins de assentamento definitivo de 1700 famílias; explica que necessidade é de, no mínimo, 15mil hectares de terra – contrapõe ao tamanho de terras proposto em decreto; afirma que só os resta ocupar terras para garantir a efetivação do decreto.

Entrevistador – Pergunta onde o grupo se encontra e qual a perspectiva adiante.

Maria Inês (acampada/Palma Sola, SC) – Fala sobre ocupação após tentativa de despejo e derrubada de mata para produzir; afirma que se não houver desapropriação irão retomar o acampamento no local.

- **Imagens: gritos de guerra.**

Trabalhador rural sem terra 1 (acampado/Palma Sola, SC) – Diz que tiveram que se sujeitar a explodir a mão e correr risco de vida, porque a violência estava muito grande; afirma que policiais estavam massacrando e jogando bomba entre mulheres e crianças; explica que

fraturou gravemente e quase perdeu a mão; diz que está com a mão aleijada, mas que não perdeu a vontade de lutar, que se tornou mais um motivo para ir em frente; defende que luta dos trabalhadores é justa – lutar para trabalhar, por melhores preços e pela reforma agrária; diz que veem a necessidade de cada vez mais lutar, mesmo que aconteça de perder a própria vida.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo – Conferência da Terra: pelo Plano Nacional de Reforma Agrária.
DATA: 21/11/2003
LOCAL: Brasília, DF
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.fnrf	01h20min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Para acesso a documentos do *Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo*, ver: MSPP/asorg.CAMF.fnra.u

DESCRITORES:

Antônio Palocci (Ministro da fazenda)
Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
Dom Tomás Balduíno (bispo católico)
Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo
Governo Lula (2003-2006)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
João Pedro Stedille (representante MST)
Luiz Inácio Lula da Silva (presidente)
Luta pela terra
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
MF – Ministério da Fazenda
Manoel de Serra (Presidente Contag)
Miguel Rosseto (Ministro do MDA)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PNRA – Plano Nacional De Reforma Agrária (II, 2003)
Política externa
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária

SUMÁRIO:

Palestrante – Fala sobre necessidade e possibilidade de assentar um milhão (povo sem terra, terra em abundância e recursos para serem redimensionados) e da esperança de vencer o medo do latifúndio e das elites; diz que trabalhadores estão determinados a lutar pela reforma agrária; diz ser necessário também a determinação, coragem e honradez dos trabalhadores que estão no governo para mudar a política econômica, enfrentar o superávit primário; dá mensagem á Lula: participantes reunidos trazem força para construir um processo de mobilização da sociedade, povo em luta.

- **Imagens: gritos de guerra; participantes no ato; mesa composta por palestrantes.**

Manoel de Serra (Presidente Contag) – Afirma continuidade da reforma agrária que inclui além da terra, as políticas públicas de educação, saúde, moradia, assistência técnica e agroindustrialização – dignidade para vida; diz que acreditam que reforma agrária será capaz de ser feita com o povo lutador organizado, além de um governo que entenda de gente, de reforma agrária e que queira enfrentar o processo da desigualdade social no país; explica que elegeram o governo que possui esse compromisso; afirma que ações de 2003 foram limitadas e precisam avançar; pede que governo apresente propostas concretas de metas e ações; fala sobre lançamento do Plano Safra e discurso de Lula na época; fala sobre números de assentamento de famílias como metas, contrapõe a governo anterior; questiona como é que vai ser feita a reforma agrária com qualidade; explica posicionamento da Contag e dos movimentos sociais com o governo Lula.

João Pedro Stédille (Representante MST e Via Campesina) – Afirma que cada vez que MST chega a Brasília e chama Lula de "companheiro" a classe dominante "treme de raiva"; diz ser a

primeira vez na história do Brasil que o povo pode dizer "companheiro-presidente"; diz que povo não veio para escutar promessas, mas para conhecê-lo, porque possui o sentimento que Lula é um "companheiro"; dá recados de companheiros à Lula: apresenta notícias boas da política e sensibilidade do presidente; fala sobre confiança na reforma agrária; fala sobre geração de emprego através de investimentos na agricultura familiar.

Dom Tomás Balduíno (bispo católico) – Faz referência ao massacre de Eldorado dos Carajás; diz que povo da terra espera a reforma agrária; explica porque é uma benção o encontro dos povos da terra com o homem ungido para dirigir os destinos do país; explica mudança esperada pela população brasileira; dá recado à Lula: tratar com cuidado o Incra; afirma que terra é mais do que terra, que terra é dignidade.

Miguel Rosseto (Ministro do MDA) – Comenta debates ao longo da conferência; fala sobre necessidade de mudança do campo no país – geração de empregos e de paz; afirma que não existe política agrária sem política agrícola; comenta sobre avanços na política para o campo e compromissos realizados; diz que sabem que tudo que foi feito é insuficiente; fala sobre início de um II Plano de Reforma Agrária; comenta discussão com movimentos sociais sobre reforma agrária que estão buscando; explica que modelo de reforma agrária que estão buscando; diz fazer parte do governo respeitar os assentados, qualificar e reestruturar os companheiros; explica modelos de assentamentos; explica política agrícola que estão desenvolvendo; diz que no Incra existem mais de 200mil hectares de terra cuja origem se desconhece; fala sobre necessidade de regularização de terra de grupos vítimas de violência: ribeirinhos, posseiros, quilombolas, indígenas; fala sobre abertura de debate para discussão dos pontos que orientarão o governo Lula; assegura assentamento de 200mil acampados; defende compromisso do governo com a reforma agrária; diz que foi autorizado pelo presidente para falar que serão ousados nos números de assentados no primeiro mandato de Lula – meta de mais de 530mil famílias.

- **Imagens: gritos de guerra; canto - música do Movimento; bandeiras MST e Contag.**

Luiz Inácio Lula da Silva (Presidente da República) – Explica motivo de sua presença na Conferência: não poderia deixar de participar no primeiro ano de seu mandato; explica que mudou sua condição: antes, candidato à Presidência da República; explica que foi eleito para cumprir as muitas coisas que defendeu a vida inteira; defende atuação de Antônio Palocci (Ministro da Fazenda), explica motivo de sua defesa; comenta especulações dos oposicionistas em sua posse; comenta críticas feitas ao sindicalismo brasileiro na época em que se sindicalizou e mudanças realizadas; fala da descrença em um partido como o PT e sua criação; opina sobre o que determina a ação política de um presidente: caráter e compromisso com o povo; afirma que conseguiram fazer em 11 meses o que poucos acreditavam ser capaz; afirma que sua eleição permitiu um projeto de relação de parcerias na América do Sul; fala sobre política externa implementada por seu governo; fala sobre lição recebida no movimento sindical – força da unidade; contextualiza criação do G3 (África do Sul, Brasil e Índia); afirma que querem ampliar sua política externa; defende a criação de uma força política alternativa para equilibrar as forças externas; fala sobre confusão gerada ao colocar o chapéu do MST; garante que reforma agrária será feita: com objetividade necessária e dentro das possibilidades; explica porque problema não é somente assentar famílias; comenta ações necessárias para os sem terra e pequenos agricultores; comenta sobre sua formação, trajetória e esperanças para o Brasil; fala sobre necessidade de troca entre o governo e o Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo; pede para que não o julguem precipitadamente, mas somente no

fim de seu governo; diz que estar ali o lembra da campanha de 1989; fala sobre viagem feita à Angola; fala sobre fazer seu trabalho com cuidado para evitar malefícios ao povo.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Inauguração sede nacional MST

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Inauguração da sede nacional do MST.
DATA: 21/10/1997
LOCAL: São Paulo
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Som e imagens iniciais ruins.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.sedesp	0h30min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Concrab – Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil
Jaime Amorim (direção nacional MST/PE)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Reforma agrária
São Paulo

SUMÁRIO:

Leitura de texto – Apresentação da nova sede do MST e da Concrab; afirmação de ser um momento de alegria por mais uma conquista.

- **Imagens: canto do hino do MST.**

Leitura de texto – Cita a terra, reforma agrária e uma sociedade mais justa; diz que MST está se organizado em 24 estados da federação; 13 anos de existência do MST – famílias conseguindo terras, organização em torno de cooperativas;

João Pedro (integrante MST) – Fala em nome da direção do movimento (corte de gravação).

- **Imagens: presentes cantam.**

Leitura de texto – Lembrança aos companheiros que "tombaram" durante a luta por um pedaço de chão.

Jaime Amorim (direção nacional MST/PE) – Fala sobre companheiros que não conseguiram acompanhar na "batalha do dia-a-dia" para ver o prédio em que vai funcionar a Secretaria Nacional; relembra nomes de companheiros mortos durante a luta; lembra história de vida de Antônio Conselheiro e relação ao MST; fala sobre papel da infraestrutura e da capacidade de autonomia na luta pela terra; diz que ter uma sede própria permite que eles discutam com outras organizações – possibilidade de criar alianças; parabeniza os companheiros que contribuíram para a sede.

Liderança MST – Explica que espaço ocupado anteriormente (desde 1984) ainda vai ser utilizado pela organização do MST; fala sobre data limite de término das obras da sede para mudança definitiva; homenageia Ernesto Che Guevara.

Leitura de texto – Falam sobre exemplo dado por Ernesto Che Guevara; convite aos companheiros para cantar a música "Companheiro Guevara".

- **Imagens: grupo cantando; bandeira com rosto de Che Guevara; homenagem a integrantes da secretaria nacional; agradecimento dos homenageados; imagens do espaço interno da sede; confraternização final da inauguração da sede.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Laboratório de Campo MST

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Laboratório de Campo do MST (I, PR).
DATA:
LOCAL: Assentamento Santo Rei,Nova Cantu, PR
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Som tremido.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.ilabcam	01h12min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Alcides Basinco (presidente STR de Nova Cantu/PA)
Assentamento rural
Assentamento Santo Rei (Nova Cantu, PR)
Clodomir Moraes (professor UnB)
Consciência social
Elton Fernandes (liderança MST nacional)
Flávio Maiote (prefeito Nova Cantu/PR)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Nova Cantu (PR)
Paraná
Reforma agrária
Trabalhador rural
UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO:

- **Imagens: ambiente externo: trabalhadores rurais reunidos; grupo rezando; cruz; homens construindo galpão: corte da madeira, montagem de telhado; ambiente interno – cozinha: homens e mulheres trabalhando, conversas e piadas contadas; ambiente externo: bandeira MST; trabalhadores reunidos; recados em alto falante; mulheres anotando dados individuais dos presentes; crianças brincando.**

Trabalhador rural – Convida autoridades presentes para compor mesa: prefeito de Nova Cantu (PR), Flávio Maiote; presidente do STR, Alcides Basinco; liderança do MST nacional, Elton Fernandes (conhecido por Mineiro); companheiro da coordenação do acampamento; professor da UnB, que vai conduzir o laboratório, Clodomir de Moraes;

- **Imagens: abertura da mesa: adultos e crianças cantam o hino nacional do Brasil;**

Liderança MST (Coordenação Acampamento) – Fala em nome da Executiva do Movimento sem Terra do Paraná e da Comissão Nacional dos Assentados, que é uma satisfação para o assentamento de Nova Cantu e de todos os assentamentos do estado do Paraná, o início de um Laboratório de Campo de 30 dias no assentamento de Nova Cantu (PA); fala sobre importância do Laboratório de Campo: discussão da organização; agradece presença das autoridades municipais (corte de gravação).

Flávio Maiote (prefeito Nova Cantu/PR) – Agradece a presença aos companheiros e dá boas vindas ao corpo técnico que irá desenvolver o laboratório de campo; fala sobre aquisição de grandes divisas: conhecimentos estão chegando de maneira prática e direta ao assentamento; homenageia os integrantes do assentamento Santo Rei (Nova Cantu/PR); relembra história de dois anos anteriores: fibra e coragem do povo do assentamento que lutou e ganhou terras antes improdutivas; diz que hoje existe um aumento na produção e que essa população hoje faz parte da comunidade cantuense; fala sobre lucros do município: aumento da arrecadação; registra o reconhecimento por essa luta democrática pela terra; diz que dentro de suas limitações a Prefeitura está à disposição do laboratório de campo; ressalta importância dos cursos práticos.

Alcides Basinco (Presidente STR de Nova Cantu/PR) – Dá apoio ao trabalho que se inicia por dar ao trabalhador rural um modo de reter conhecimento prático; fala sobre importância da iniciativa do laboratório do campo e reflexo para o trabalhador rural.

Elton Fernandes (liderança MST nacional) – Fala sobre importância do acontecimento para o MST, sobre representatividade do MST no Paraná e a luta de cinco anos que vêm realizando; diz que hoje são mais de 15 mil famílias assentadas no Brasil e mais 15 mil lutando ainda por suas terras; fala sobre problemas das famílias assentadas: fazer com que a terra improdutiva se torne produtiva; diz que setor de formação do MST operahá um ano com a ideia dos laboratórios de campo a fim de se trabalhar melhor a terra; afirma que assentamento em Nova Cantu é o primeiro a implantá-lo, que o que for feito nesses 30 dias será o exemplo para outros companheiros; fala sobre desenvolvimento de laboratórios de campo em outros estados e importância do exemplo de Nova Cantu.

- **Imagens: trabalhadores rurais cantam música pela reforma agrária.**

ClodomirMoraes (professor UnB) – Diz que curso que será ministrado é diferente: curso para pessoas que se sentem responsáveis pela vida do povo; curso para adultos a partir dos 13 anos – afirma que no campo não existe o adolescente, somente a criança e o adulto; afirma que aos 13 anos já se é capaz de produzir; diz que laboratório aceita participantes a partir dos 13 anos de idade; curso diferente: quantidade de professores, monitores, choferes – diz que todos são empregados dos assentados – ninguém vai mandar neles; afirma que são os assentados que vão dizer quais cursos, horários e locais; fala sobre importância do papel da mulher na organização da produção; diz que cursos podem vir a continuar depois do laboratório de campo; fala sobre tentativa de construir uma universidade técnica camponesa no assentamento; explica que organização dos cursos será dos próprios assentados.

- **Imagens: trabalhadores rurais reunidos e se organizando – bandeira MST; quadro negro com propostas; formação de grupos.**

Clodomir Moraes (professor UnB) – Diz que laboratório experimental (laboratório organizacional) é um exercício real, de organização de uma empresa de auto capacitação; explica propósito de acelerar a consciência organizativa do grupo para operar em termos de grande empresa – processo produtivo socialmente dividido, ampla divisão social do trabalho; explica que consciência se adquire pela existência social; afirma que laboratório resulta em uma consciência, uma existência social, do trabalho coletivo; laboratório como espécie de simulador de uma empresa; diz que laboratório começa com entrega dos insumos indivisíveis (meios para capacitação) para uso/posse provisória durante os 30 dias; fala sobre organização dos assentados e inscrição em cursos.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Manifestação Incra Sena Madureira (AC, 1990)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Filmagem sobre manifestação dos colonos de Sena Madureira (AC) sobre recursos do Procera destinados a parceleiros e posterior situação da sede do Incra de Sena Madureira após invasão e "quebra-quebra".
DATA: 17/01/1990
LOCAL: Sena Madureira, AC
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.incsm	01h18min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Acre
Acampamento rural
Basa – Banco da Amazônia
BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento
Colono
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Parceleiro
Procera – Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária (Incra)
Rio Branco (AC)
Sena Madureira (AC)

SUMÁRIO:

- **Imagens: sede do Incra; presença da Polícia Federal; grupo de pessoas deitadas de costas com as mãos sobre as cabeças; resultado da invasão da sede do Incra: "quebra-pau" teria começado por volta das 9h30 com posterior retirada dos funcionários;**

Moreira (Vereador e funcionário do órgão) – Mostra os setores dentro da sede do Incra; fala sobre o valor do material perdido; cita pessoas que devem ser incriminadas; diz que existem pessoas deitadas no chão que não tiveram culpa, mas que se deixaram levar pela confusão.

- **Imagens: objetos e documentos federais destruídos; comentários de como outras pessoas serão afetadas pela invasão; saída para o pátio: mostra tentativa de incêndio anterior ao "quebra-pau"; apresentação de um dos funcionários que ficou como refém durante invasão; continuação do panorama da situação dos setores – estado do material de trabalho do Incra (mapas topográficos, dados processados com análises geográficas, entre outros); falam sobre grupo que incentivou o "quebra-pau"; explicam co-responsabilidade do atentado pela equipe do Incra que não passou as informações necessárias, gerando o desentendimento; questionamento de desaparecimento de alguns aparelhos; pátio externo: responsáveis pelo "quebra-pau" retidos.**

Policial – Faz o reconhecimento do crime de invasão de propriedade do governo federal, destruição, vandalismo e manutenção de reféns; diz que quem age como bandido é tratado como bandido; fala que líderes da invasão já estão presos em flagrantes e que o inquérito judicial é direto com a justiça, os demais serão identificados e fichados e se houver próxima vez irão para a prisão; afirma que a lei e a ordem voltou para Sena Madureira;

- **Imagens: detidos sentados no pátio; policiais; população expectadora; situação interna e externa da sede do Incra; fotografia dos policiais federais envolvidos na detenção;**

Funcionário 1 do Incra (mulher) – Diz que não sabe porque fizeram isso; sente pela situação porque o local é a sua segunda casa; diz que está entrando pela primeira vez depois do "quebra-pau"; prefere não revelar se foi ameaçada de morte.

(corte de gravação)

- **Imagens: início do "quebra-quebra" na sede do Incra – tomadas externas e internas; presença ainda de funcionários no interior do prédio.**

Envolvido 1 – (pátio externo) questiona presença das autoridades do município de Sena Madureira para reagir; diz que não quer ser pego na rua, mas sim no local da invasão;

- **Imagens: objetos destruídos; sala com funcionários e envolvidos no "quebra-quebra":**

Funcionário 2 (homem) – Informa ao telefone situação e faz apelo pelas demandas dos agricultores envolvidos no "quebra-quebra"; avisa que não tem mais como controlar as pessoas.

Envolvido 2 – Ameaça ocorrência de mais destruições caso não haja resposta satisfatória; diz que não quer que coloquem fogo no prédio; diz que já tem lutado muito, mas que não acredita mais no fazendeiro.

Funcionário 1 (mulher) – Diz que não tem nada a declarar; explica que negociação estava ocorrendo diretamente entre as partes interessadas e que ninguém sabia em que pé estava;

- **Imagens: resultados do "quebra-quebra";**

Envolvido 3 – Mostra fotografia de quem é o responsável pela situação do trabalhador e do colono; diz que colono vive no subúrbio sendo jogado fora com as injustiças, sem assistência médica e conforto, mas que com a proteção de Deus vão melhorar sua situação;

- **Imagens: agricultores reunidos; fala de um deles sobre serem considerados "sujos"; continuação do "quebra-quebra"; tentativa de funcionários de comunicação via rádio; agricultores reunidos no pátio; questionamento de onde estão as autoridades;**

Jornalista – Fala que parceleiros estão reunidos na sede do Incra com a revolta total a respeito do dinheiro do Procera; informa que quebra começou por volta das 9h30, e que não há possibilidade de mudança enquanto não houver uma resposta positiva; diz que telefonemas estão sendo constantes para Rio Branco (AC); afirma que se não houver a resposta poderá ocorrer situações mais graves envolvendo outros órgãos.

Envolvido 4 – Avisa para quem não é "procerista" para se manter para fora do portão do pátio do Incra.

Jornalista – Diz que colheu algumas informações a respeito da revolta; fala que parceleiros se sentem ludibriados em relação ao dinheiro do Procera; apresenta Dimas, integrante da comissão, dá a voz a ele para falar sobre últimos contatos recebidos de Rio Branco e a posição que tem a dar a respeito da verba do processo.

Dimas – Diz que Rio Branco sempre negou dar uma posição sobre o Procera e que quando deu não batia com as demais autoridades envolvidas com o Procera – uma das razões para o povo ter chegado ao desespero; cita presidente da comissão estadual do Procera; diz que avisou que o clima estava "quente"; coloca que BNDES, Brasília, Basa e Incra falam coisas distintas; diz que o parceleiro tem medo de que venham as campanhas políticas, o carnaval, e que o Acre está acostumado a passar a mão no dinheiro do parceleiro; diz que não pode fazer mais nada;

avisa que posição do povo é que, se até as quatro horas da tarde não houver resposta, eles colocam fogo; fala que o Incra até agora não se posicionou e que promessa de que o dinheiro chegaria vem desde sexta-feira até quarta-feira.

Jornalista – Conclui dizendo que esses são os motivos para os parceleiros continuarem na sede do Incra, aguardando resposta do processo; diz que reféns só serão liberados depois de alguma posição; coloca importância da presença do povo da rua acompanhando a situação.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Manifestação MST (RS, 1989)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Manifestação do MST em Porto Alegre (RS) em apoio à greve de fome dos colonos na luta pelo assentamento das famílias acampadas na Fazenda Annoni e Salto do Jacuí.
DATA: 13-28/04/1989
LOCAL: Porto Alegre, RS
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: DVD3 trava em 1h31min.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.mstrs	DVD1 – 23min DVD2 – 01h22min DVD3 – 01h46min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Destaque para documento de bispos católicos relatando cerco policial ao acampamento na Fazenda Annoni. Ver em: MSpp/ns.MST.oc

DESCRITORES:

ANAI – Associação Nacional de Ação Indigenista
Caritas Brasileira (RS)
CIMI – Conselho Indigenista Missionário
CPT – Comissão Pastoral da Terra
CRJ – Comissão Regional de Jovens
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Fazenda Annoni (RS)
Funterra – Fundo de Redistribuição de Terras
Governo Sarney (1985-1989)
Luta pela terra
Marcos Palombini (secretário estadual da agricultura/RS)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Padre Otávio (coordenador CPT/RS)
Pastoral da Juventude
Pedro Simon (governador RS)
PNRA – Plano Nacional de Reforma Agrária (I, 1985)
Reforma Agrária
Rio Grande do Sul
Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Porto Alegre (RS)
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Ângelo
Trabalhador rural sem terra

SUMÁRIO:

DVD1 – duração:23min

- **Imagens: ocupação do prédio da Câmara Municipal de Porto Alegre (Palácio Aloísio Filho); cartazes pela reforma agrária; bandeira MST;**

Sem terra 1 - Apresenta grupo que ocupa prédio da Câmara Municipal de Porto Alegre; explica motivação da ocupação: jejum para demonstrar que terras obtidas pelo governo não são suficientes para assentar famílias acampadas na Fazenda Annoni e em Salto do Jacuí.

Sem terra 2 - Explica que greve de fome é mais um aviso prévio para o governador; coloca problema: necessidade de 25 mil hectares para assentamento e prazo dado ao governo para início de uma greve de fome por tempo indeterminado.

Sem terra 3 – Diz que jejum é para mostrar que não são uma turma de guerrilha, mas que querem é terra para trabalhar para tirar o próprio sustento e o sustento da sociedade.

Sem terra 4 – Explica que jejum de três dias serve para sensibilizar as autoridades no intuito de conseguirem de forma pacífica um pedaço de terra; identifica grupo que participa da ocupação: 75 colonos acampados e assentados da Fazenda Annoni e do Salto do Jacuí, além do Padre Otávio (coordenador CPT/RS); fala sobre expectativas no jejum; diz que se não houver resposta

do governo começarão uma greve de fome por tempo indeterminado; apresenta Padre Otávio; pergunta como CPT vê a greve e a luta pela terra no Rio Grande do Sul.

Padre Otavio (coordenador CPT/RS) – Diz que quando o Estado se afasta do povo, cabe à sociedade civil e à Igreja como um todo aumentar ainda mais a sua participação na luta pela reforma agrária; afirma ser necessário que trabalhadores tenham acesso o quanto antes à terra; fala sobre peso e força a serviço dos trabalhadores e dos sem terra, para fazer avançar o processo de reforma agrária no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Sem terra 4 - Apresenta Írio (estudante de Teologia/membro CPT de Santo Ângelo); pergunta o que o levou a aderir ao jejum.

Írio (estudante de teologia/membro CPT de Santo Ângelo) – Diz que MST convidou todas as entidades a participarem do jejum; explica que CPT e Instituto de Teologia acharam por bem participar; diz que participação é demonstração de apoio à luta do MST.

Sem terra 4 – Pergunta como avalia a adesão dos estudantes na luta pela terra.

Írio – diz que Instituto de Teologia surgiu como proposta alternativa ao curso dado na PUC-RS: sobre a realidade e menos acadêmico; fala sobre participação dos jovens em movimentos sociais agrários e urbanos.

Sem terra 4 – Apresenta Adelmo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Ângelo; pergunta como vê sua participação no jejum e como o sindicato vê a luta pela terra.

Adelmo (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Ângelo) – Diz que sua participação é um compromisso com os companheiros sem terra, que acompanha muito a organização do MST na região; diz que no sindicato não há acompanhamento direto, mas que há um grupo da diretoria que participa para poder discutir no sindicato e estar presente nas reuniões e planejamentos do movimento; afirma que sindicato considera a luta pela terra uma das coisas mais justa; fala sobre dados a respeito da posse de terra no Brasil – maior razão para participarem na luta pela conquista da terra;

Sem terra 4 – Pergunta como vê a atuação do governo do estado no processo da reforma agrária no Rio Grande do Sul.

Adelmo (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Ângelo) – Diz que é um verdadeiro desastre; fala sobre opinião que governo apresentava sobre ditadura e contrapõe à forma de tratamento dado aos trabalhadores rurais.

<u>DVD2 – duração: 1h22min</u>
23/04/1989

- **Imagens colhidas no Brique da Redenção (Porto Alegre/RS): exposição fotográfica da situação na Fazenda Annoni (RS); cartazes reivindicativos; bandeira do MST; interação com público passante.**

Câmera/entrevistador – Apresentação de Sérgio, diretor do Sindicato dos Bancários – sindicato que apóia o MST;

Sérgio – Afirma que o Sindicato dos Bancários apóia o MST desde o momento em que buscam a integração do trabalhador urbano com o trabalhador rural; diz que exposição de fotos possui caráter de esclarecimento para a população porto-alegrense sobre a luta do colono, do trabalhador para conquistar sua terra, contraposta ao que a imprensa burguesa expõe; tentativa de mostrar a importância do homem do campo e buscar solidariedade para essa luta que é de toda a classe trabalhadora.

Câmara/entrevistador – Apresentação de José Fortunati, do Partido dos Trabalhadores e bancário.

José Fortunati – Afirma que a mostra de fotos demonstra ao vivo e de forma concreta o que estão passando os trabalhadores rurais sem terra; diz que acredita que as fotografias por si só demonstram todo confronto que houve na fazenda, o arbítrio e a prepotência por parte daqueles que defendem o *status quo*, a manutenção dos privilégios da terra; defende presença na manifestação enquanto cidadão, representante dos bancários, mostrando a solidariedade e apoio aos companheiros que fazem greve de fome e aos que lutam de forma incessante pela reforma agrária.

24/04/1989

- **Imagens colhidas da manifestação: bandeira da CUT Missões e do MST; cartazes reivindicatórios; panorama da Praça da Matriz; apresentação de sanfoneiros e violeiros; interação entre participantes e público passante;**
- **Grevistas acampados no Sindicato dos Bancários;**

Pedro Simon (governador do estado do Rio Grande do Sul) – Afirma que o problema da reforma agrária não é um problema do estado: não possui nem os meios legais para fazer a reforma agrária, nem o dinheiro; afirma serem o dinheiro e atribuição do Governo Federal; ainda assim, estão comprando terra e distribuindo aos agricultores; diz que Marcos Palombini (Secretário Estadual da Agricultura/RS) e o bispo Dom Ivo Lorscheiter de Santa Maria (RS) estão juntos – cita apoio da Igreja para facilitar a aquisição de terras; afirma que só o governo do estado do Rio Grande do Sul compra terras para a reforma agrária; opina ser um absurdo a situação da Fazenda Annoni; diz que fez um apelo pelo fim da greve de fome, que compreende apelo como forma para o entendimento; diz que precisam buscar terras que não sejam de alto valor para agricultura; afirma que greve de fome a rigor está atrapalhando porque está inflacionando o preço da terra; responde pergunta sobre condições do governo em comprar 25 mil hectares de terras; menciona criação e uso de um fundo especial para a aquisição de terras, demanda por recursos à Assembléia; afirma que o Estado do Rio Grande do Sul tem que arrecadar mais e utilizar esses recursos de melhor forma que a atual; reafirma que, com metade da folha do funcionalismo público, resolvia o problema; responde a jornalista que a lista de terras entregues pelo movimento será encaminhada a Marcos Palombini e que acerto de custo não é uma questão fácil; cita importância de atuação do bispo Dom Ivo na situação; reafirma que não há repasse de verbas do Governo Federal e que estão tentando colocar o dinheiro do estado do governo do Rio Grande do Sul para comprar as terras.

Grevista – Afirma que continuam na greve de fome porque não há nada concreto; diz que apresentaram 39 mil hectares de terras para assentamento; expõe proposta feita ao governo: com o assentamento das 1.200 famílias acampadas na Annoni e no Salto do Jacuí, já liberariam

um companheiro da greve de fome; afirma que Marcos Palombini não possui interesse em resolver o problema concretamente; diz que Palombini acha o movimento justo, mas que não está preocupado em resolver (corte na fala).

- **Imagens colhidas da manifestação em frente ao Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Porto Alegre (RS): manifestantes cantando; gritos de guerra; cartazes; bandeira MST e CUT missões;**
- **Caminhada dos manifestantes evocando cânticos e gritos de guerra; convite de manifestante aos passantes a caminhar com eles até a Praça da Matriz para fazer parte de um ato público e culto ecumênico como ato pacífico e apoio aos que entregam a vida pela luta; continuação da caminhada até a Praça da Matriz.**

Manifestantes e sindicalistas – Defendem a solidariedade com os companheiros em greve de fome; manifestação como espaço para falar sobre a negociação em Santa Maria; afirmação de que a luta é na roça e na cidade; fortalecimento do Sindicato.

Representante da Pastoral da Juventude – Solidariedade não só aos colonos jejuando, mas aos outros que estão na luta pela reforma agrária, por salários mais justos; luta de todos os trabalhadores; repúdio ao governo que se desinteressa por essas questões.

Representante Caritas do RS – Apoio à greve de fome; repúdio ao governo pela demora da reforma agrária no Rio Grande do Sul; afirma que as 15 dioceses do estado dão apoio às manifestações do campo e da cidade para alcançar uma sociedade nova, justa e igualitária.

Manifestante – Afirma que governo que não faz a reforma agrária permite o arrocho salarial, não permite que os companheiros tenham casa própria, não permite que os trabalhadores possam ter uma vida digna, humana e justa; afirma que o governo que massacra o trabalhador do campo, massacra também o trabalhador da cidade; dis que os companheiros foram claros em dizer que a união do campo e da cidade tem que se dar através da luta pela terra, por melhores salários, por habitação; afirma que 1989 é um ano fundamental por ser época de eleições presidenciais.

Representante da ANAI e CIMI – Lembra que a luta do índio é a mesma luta do colono; afirma que é importante os colonos saberem que tem muito índio sem terra e sendo explorado; defende solidariedade aos sem terra para que estes se solidarizem pela luta indígena.

<u>DVD3 – duração:1h46min</u>
28/04/1989

- **Imagens: passeata; bandeira CRJ; bandeira MST; cantos e gritos de guerra do MST; discursos sobre: áreas para desapropriação (Fazenda Capela e Fazenda Branca), decisão de responsabilidade do Governo Federal e do Incra, violência no campo, famílias acampadas em Annoni e Salto do Jacuí; retomada da passeata; discursos sobre: críticas ao Governo Sarney, afirmação da luta da classe trabalhadora no campo e na cidade, críticas à falta de efetivação do PNRA.**

Presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre/RS – Diz que Sindicato dos Bancários é uma casa de trabalhadores; fala sobre pedido pela sede do sindicato dos bancários para local de realização do jejum e apoio à luta pela terra dos trabalhadores do campo.

- **Imagens: grupo em greve de fome no sindicato dos bancários de Porto Alegre; visita de companheiros ao grupo em jejum; trabalhadores rurais cantam música para UDR; trabalhadores esperando para visitar grupo em jejum; grupo de músicos; cantos e gritos de guerra; discurso sobre: negociação do governo com trabalhadores em greve de fome, prazo dado para compra de terras para o movimento, denúncia sobre depoimento do presidente da Assembléia Legislativa de que "colono não é povo"; caminhada até Secretaria de Agricultura – local da reunião sobre compra de terras e negociação com companheiros em jejum; chegada à Secretaria de Agricultura; bandeiras MST; discursos pela reforma agrária; salva de palmas pelos companheiros em jejum; discurso de representante da regional sindical de Santo Ângelo pela reforma agrária e uma política agrícola no Brasil; discurso de vereador do PC do B/RS sobre luta em conjunto com os trabalhadores do campo e da cidade; (corte de gravação); cantos e gritos de guerra; leitura de carta denúncia entregue aos jornais e Assembléia Legislativa sobre jejum de colonos;**

Representante CUT – Traz solidariedade aos trabalhadores; critica governo de Pedro Simon; defende assentamento dos trabalhadores no próprio estado do Rio Grande do Sul e não com seu deslocamento a outros estados; critica governo Sarney; defende unidade dos trabalhadores; cita morte de companheiros como a de Chico Mendes.

- **Imagens: cantorias; discurso sobre associação de políticos à UDR (falas entrecortadas).**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Manifestações MST 1995

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Conjunto de reportagens de redes de televisão sobre ações e ocupações do MST no Rio Grande do Sul e no Pontal do Paranapanema (SP) no ano de 1995.
DATA: 1995
LOCAL: RS e SP
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.mst1995	01h10min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Acampamento rural
Aílton Croda (liderança MST)
Antônio Ferraz (prefeito Teodoro Sampaio/SP)
Antônio Ferraz (vice-prefeito Teodoro Sampaio/SP)
Assentamento rural
Belisário dos Santos Jr. (Secretário da Justiça do Estado de São Paulo)
Brasílio de Araújo Neto (superintendente nacional Incra)
Célio Romero (vice-presidente do Sindicato Rural de Presidente Prudente/SP)
Colono
Cruz Alta (RS)
Darcy Marschio (liderança MST)
** Énio Bohnenberg (liderança MST)**
Farsul – Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul
Fazenda Boqueirão (Cruz Alta, RS)
Fazenda Santa Elina (Corumbiara, RO)
Francisco Graziano (presidente Incra)
Gérson Caminhoto (prefeito Teodoro Sampaio/SP)
Gilmar Mauro (diretor nacional do MST)
Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Jânio Guedes Silveira (superintendente Incra/RS)
José Eichenberg (Secretário da Justiça e da Segurança/RS)
José Rainha (liderança MST)
Laércio Lima (liderança MST)
Leonardo Boff (teólogo)
Mirante do Paranapanema (SP)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Ocupação de Terra
Pontal do Paranapanema (SP)
PT – Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
Régis Lopes Salles (presidente Farsul)
Rio Grande do Sul
Sérgio Borgen (frei franciscano)
Sindicato Rural de Presidente Prudente (SP)
Teodoro Sampaio (SP)
Terras devolutas
Vale dos Sinos (RS)

SUMÁRIO:

Reportagem 1 – SBT (duração 0:00:00 a 0:23:45)

Apresentadora – Diz que intenção é a de mostrar os lados que envolvem os conflitos de terra – reportagem feita ao lado dos posseiros, dos donos de terra e da polícia; 2.300 pessoas cercadas pela brigada militar em Cruz Alta (RS);

Jornalista 1 – Fala sobre treinamento de defesa dos colonos acampados; diz que Fazenda Boqueirão está cercada pela Brigada Militar e pelos fazendeiros; explica mobilização dos colonos diante do vôo de um avião militar; apresenta trigésima quarta ocupação no Rio Grande do Sul desde 1979; conta que desde fevereiro 2300 pessoas estavam acampadas na beira da estrada que liga os municípios de Cruz Alta e de Jóia (RS); 06 de setembro: ocupação da Fazenda Boqueirão a fim de pressionar as autoridades; identifica população acampada e proprietários da Fazenda Boqueirão: Hugo Hernandez e herdeiros; diz que proprietário afirma que 1000 hectares são reservados à lavoura e os 1300 hectares restantes, a gado e ovelha; comenta proteção da área ocupada pelos colonos sem terra; apresenta líder do acampamento, Aílton Croda.

Aílton Croda (liderança MST) – Diz que querem sair pacificamente, mas que o governo deve resolver o problema deles.

Jornalista 1 – Fala sobre as três barreiras construídas por 300 homens da Brigada Militar, explica que ninguém pode entrar e sair sem autorização; diz que outra equipe de jornalistas acompanha o cerco policial.

Tenente da Brigada Militar – Diz que estão tranqüilos, aguardando orientações e torcendo que haja uma solução pacífica.

Jornalista 1 – Fala sobre presença dos fazendeiros, armados, e dispostos a ficar no local até a saída dos colonos.

Roberto Zago (fazendeiro) – Diz que estão prestando apoio e solidariedade ao proprietário da Fazenda Boqueirão, pois consideram injusta a situação; afirma que produtor rural enfrenta situação adversa em relação a produção agrícola, juros excessivos, que ainda têm que lidar com movimentos políticos e ideológicos que tentam derrubar a ordem no campo.

Jornalista 1 – Conta que todos os dias os colonos se reúnem no alto da coxilha para culto realizado por frades franciscanos; diz que é a fé que mantém as famílias que vieram de 63 municípios do Rio Grande do Sul.

- **Imagens: preleção do frade franciscano aos colonos.**

Jornalista 1 – Comenta sobre avião dos fazendeiros sobrevoando a área; diz que frei já participou de 32 das 34 ocupações de terra no estado.

Sérgio Gorgen (frei franciscano) – Afirma motivo que Jesus veio a terra é para que o povo tenha vida – todo camponês precisa ter terra, sem terra não é possível ter uma vida digna.

Jornalista 1 – Diz que na coxilha os líderes dos sem terra aguardam a chegada do Superintendente do Incra do estado; explica negociação proposta pelo governo federal; conta que depois de duas horas de reunião ainda há impasse: colonos se mantém na área, prazo dado por juiz para despejo; mostra "buzinaço" realizado por fazendeiros durante a reunião;

Jânio Guedes Silveira (superintendente Incra/RS) – Diz que Incra em 1985 trabalhou no sentido de cumprir a meta do Governo Federal; explica que não estão conseguindo cumprir a meta porque os proprietários obtêm liminares na justiça que impedem a desapropriação.

Jornalista 1 – Fala sobre ida de representante dos colonos e fazendeiros à justiça.

Régis Lopes Salles (presidente Farsul) – diz que Brasil é um dos únicos países em que o proprietário precisa pedir reintegração de posse.

- **Imagens: decisão do juiz sobre ocupação; colonos acampados a noite na Fazenda Boqueirão;**

Jornalista 1 – Diz que é quase impossível dormir no acampamento – temperaura abaixo de cinco graus; explicita situação dos colonos; manhã seguinte – possibilidade de invasão da polícia no acampamento; fala sobre rotina dos colonos; apresenta o cantador Ademiro.

Ademiro (agricultor) – diz que está no local por compromisso de luta com os companheiros; explica que quando estavam em um barranco de estrada em Natalino (Ronda Alta/RS) teve apoio dos companheiros.

Jornalista 1 – Diz que na sede da fazenda Boqueirão os proprietários torcem para que a polícia entre logo em ação e retire os colonos; fala que o mais revoltado é o presidente do sindicato patronal de Cruz Alta.

Presidente do Sindicato Patronal de Cruz Alta (RS) – Opina que ação dos fazendeiros quando têm suas terras invadidas deveria ser a de cercar "esses marginais".

Jornalista 1 – Fala que ocupação da Fazenda Boqueirão é diferente: muitas mulheres e jovens; conta que mulheres saíram do campo para trabalhar nas fábricas de calçados do Vale dos Sinos (RS) a 60 km de Porto Alegre, mas que sapatos chineses mais baratos acabaram com a indústria local – 30 mil trabalhadores perderam o emprego e voltaram ao campo em busca de terra.

Maria Isabel (colono sem terra) – diz que está há sete meses no acampamento e que pretende ficar até receber as terras; afirma preferir um pedaço de terra a trabalhar de novo na indústria.

Janete Dreder (colono sem terra) – Opina também preferir o pedaço de terra.

Jornalista 1 – Fala que à tarde os colonos sem terra se encontram na coxilha para desenterrar a Constituição.

- **Imagens: leitura do advogado do MST do item da Constituição sobre dever do governo federal em desapropriar por interesse social; caminhada dos colonos até o alto do morro, cantando e rezando; bandeira do MST; chegada do comandante do 16º Batalhão da Brigada Militar para conversa com líderes dos colonos;**

Apresentadora – Pontua conteúdo do jornal depois do intervalo: decisão sobre uso da força policial para retirada dos "invasores" e o medo da violência; (corte de gravação); diz que a violência da luta pela terra já resultou em 198 conflitos entre polícia e colonos – morreram em 10

anos 979 pessoas; fala que em Cruz Alta (RS) negociações afastaram a possibilidade de violência.

Jornalista 1 – Diz que prazo para despejo das famílias terminou há 30 horas, mas que autoridades envolvidas na negociação não querem assumir a ordem de mandar a Brigada Militar entrar; fala sobre decisão dos colonos em ocupar fazendas para pressionar o governo a fazer a reforma agrária; conta que da última vez que um governo estadual cumpriu a ordem de desocupar uma fazenda houve um massacre: região de Corumbiara (RO), ocupação de 600 famílias na Fazenda Santa Elina, violência da polícia militar, morte de 11 sem terra e 9 desaparecidos.

- **Imagens de cinegrafista amador sobre massacre em Corumbiara (RO); depoimentos de sobreviventes; violência da polícia militar.**

Jornalista 1 – Fala que fantasma das mortes de Corumbiara está sobre a Fazenda Boqueirão; quartel do 16º Batalhão da Brigada Militar: espera pela chegada do Secretário da Justiça e da Segurança, José Eichenberg, responsável pelo despejo dos colonos enviado pelo governador Antônio Brito; diz que secretário tem fama de ser linha dura e não um negociador.

José Eichenberg (Secretário da Justiça e da Segurança/RS) – Afirma que foi autorizada a ida de tropas da Brigada Militar de Porto Alegre para reforçar destacamento em Cruz Alta e permitir a prestação do apoio policial requisitado pelo Poder Judiciário.

Jornalista 1 – Cita preparação de José Eichenberg com comandantes da brigada para realização da ordem de despejo; acredita que ainda há uma tentativa pacífica sobre o fim do conflito; retoma situação dos acampados; apresenta responsável pelas refeições no acampamento.

Jerônimo (colono sem terra) – Identifica alimentos dos colonos: feijão, farinha de milho, arroz.

Jornalista 1 – Questiona até quando os colonos podem resistir com pouca comida; fala sobre possibilidade de chuva; prefeitura de Cruz Alta: decisão de que colonos terão que deixar a fazenda "por bem ou por mal", presença de um dos líderes nacionais dos sem terra.

Darcy Maschio (liderança MST) – Diz que vão continuar tentando falar com o governo do estado e com o juiz para saber para onde vão levar esses agricultores no caso de despejo.

Jornalista 1 – Diz que negociação em Cruz Alta foi acompanhada pelo Superintendente Nacional do Incra em Brasília, Brasílio de Araújo Neto.

Brasílio de Araújo Neto (Superintendente Nacional do Incra) – Afirma que a reforma agrária no Brasil está sendo feita, mas que talvez o tamanho e a velocidade não atenda às expectativas.

Jornalista 1 – Fala sobre carreira profissional de Brasílio de Araújo Neto e seu posicionamento contra a reforma agrária anterior ao cargo ocupado no Incra; retoma situação do acampamento: chuva de granizo durante a madrugada, diminuição da resistência dos colonos, barragem da entrada de líderes do MST e jornalistas na Fazenda Boqueirão pela polícia, posterior possibilidade de entrada dos líderes do MST, sobrevôo de helicóptero dos comandantes da Brigada Militar, plantão dos fazendeiros no alto da coxilha.

Allon Bueno Paim (advogado) – Diz que apesar das invasões serem uma constante no sul do país, a justiça tem tomado providências e predominado o bom senso em termos de ocupações e desocupações.

Jornalista 1 – Mostra desmonte de barracas por colonos, antecipando saída pacífica; fala sobre assembléia entre colonos e decisão de saída para evitar novas mortes na luta pela terra.

Aílton Croda (liderança MST) – Diz que vão permanecer no acampamento anterior e que dentro de dois dias darão continuidade à luta; mostra preparação da saída dos colonos.

- **Depoimentos de colonos sem terra durante saída do acampamento na Fazenda Boqueirão.**

Jornalista 1 – mostra marcha dos colonos rumo à estrada, comemoração dos fazendeiros, soltando rojões na coxilha e saída dos policiais; fala sobre retorno dos sem terra à beira da estrada, onde estavam acampados desde o início do ano.

- **Imagens: marcha de retirada dos colonos;**

<u>Reportagem 2 – BAND (duração 0:23:50 a 0:25:30)</u>

Jornalista – Divulga dados: 108 fazendas invadidas por trabalhadores sem terra no Brasil, 21.697 famílias espalhadas em áreas rurais de 95 cidades, em 21 dos 27 estados da União, inclusive o Distrito Federal; relação de fazendas invadidas em cada região/estados do país; diz que líderes dos sem terra contestaram os números de assentamentos durante o governo Fernando Henrique.

Gilmar Mauro (liderança MST) – Diz que trabalhadores são fundamentalmente agrícolas, bóias-frias, meeiros, dependentes da agricultura, mas que vivem hoje nas periferias das cidades;

Apresentadora – Diz que assessoria do Incra informou que 22.142 famílias foram assentadas e que recrutar pessoas da cidade só dificulta a reforma agrária; informa que o presidente do Incra, Francisco Graziano, vai ao Congresso demonstrar a veracidade dos números; (corte de gravação)

<u>Reportagem 3 – Manchete (duração 0:25:33 a 0:26:15)</u>

Jornalista – Expõe que, segundo líderes do MST, foram assentadas pouco mais de 3 mil famílias e não 17 mil famílias como é divulgado pelo Governo; diz que movimento promete pressionar para que a reforma agrária seja mais rápida.

Énio Bohnenberg (liderança MST) – Diz que estão desenvolvendo um trabalho de conscientização do setor urbano para realização da reforma agrária – famílias que possuem vínculo com a agricultura poderão entrar no Movimento Sem Terra.

Belisário dos Santos Jr. (Secretário da Justiça do Estado de São Paulo) – opine ser irresponsável dar esperança para quem já tem atividade e moradia na cidade para que se desloque para o campo. (corte de gravação)

Reportagem 4 – TV Cultura (duração 0:26:21 a 0:32:20)

Apresentador – Expõe que os sem terra pretendem envolver os sem-teto da cidade na luta pela reforma agrária.

Jornalista 1 – Explica que na bandeira do MST o mapa do Brasil simboliza uma denúncia – país 800 milhões de hectares tem menos de 10% de área plantada; expõe dados do MST: 4 milhões e 800 mil famílias precisam ser assentadas, 101 pontos de conflito, envolvendo 22 mil famílias; expõe dados veiculados pelo Incra contrapostos ao do MST.

Gilmar Mauro (liderança MST) – Diz que estão organizando os trabalhadores do meio rural e os das periferias das cidades que possuem como atividade principal o trabalho na agricultura.

Jornalista 2 – Afirma que MST pretende também começar campanha envolvendo sindicatos de trabalhadores e a Igreja, que em "momento de trégua" do governo, as "invasões ou ocupações, como preferem chamar" vão continuar.

Gilmar Mauro (liderança MST) – Afirma que luta pela terra, acampamentos e ocupações vão continuar se o governo não desapropriar terra.

(corte de gravação)

Apresentador – Fala sobre ocupações no Pontal do Paranapanema (SP) e tática de fazer extensas plantações nas fazendas "invadidas"; diz que mesmo com a exigência da justiça na desocupação, sem terras querem se manter até fazer a colheita.

Jornalista – Explica situação fundiária no Pontal do Paranapanema (SP) e significado de terras devolutas; explica ciclo das ocupações de terras: pedido de reintegração de posse por fazendeiros, novas ocupações pelo MST; afirma que, organizado, o MST promete mais pressão e ocupações.

José Rainha (liderança MST) – Afirma que MST está organizado em 21 estados brasileiros, preparado para ocupar o latifúndio improdutivo e produzir para solucionar a fome e a miséria existente no campo brasileiro.

Jornalista – Diz que há indícios de fazendeiros se armando para enfrentar os sem terras e que a União do Sindicato Rural da região não apóia atos de violência, mas não descarta possibilidade de confrontos.

Joel Amaro Mascarenhas (sindicalista rural de Presidente Prudente/SP) – diz que quando alguém se sente esbulhado pode haver uma reação emocional.

Jornalista – Conta que fazendeiros também estão se articulando politicamente e possuem apoio na Assembléia Legislativa; explica que alguns fazendeiros entregam suas terras para a reforma agrária desde que o governo pague pelas benfeitorias nelas realizadas.

Crivaldo Coimbra (fazendeiro) – Comenta negociações com o governo.

Jornalista – Diz que o prefeito de Mirante do Paranapanema (SP) apóia MST e defende a reforma agrária.

Núbio Pinto de Medeiros (prefeito Mirante do Paranapanema/SP) – fala sobre sofrimento da população sem terra; concorda que é muito mais caro manter as pessoas nas periferias das cidades do que dar terra para população que quer produzir.

Jornalista – Expõe que delegado de Mirante do Paranapanema pediu a prisão de 14 lideranças do MST e que MST alerta que se eles forem presos o governo não tem com quem negociar; fala sobre tensão e intensificação das áreas invadidas – plantações, aumento da mobilização.

- **Imagens: discurso de líder dos sem terra sobre hectares em que estão produzindo e o reflexo deles para a sociedade. (corte de gravação)**

<u>Reportagem 5 – Rede Globo (duração 0:32:25 a 0:36:10)</u>

Apresentador – Chamada para reportagem sobre conflitos de terras no Pontal de Paranapanema (SP) do jornalista Marcelo Rezende;

Jornalista – Mostra bandeira de Che Guevara, mapa das futuras invasões, relação de municípios e prefeitos do Pontal de Paranapanema (SP), relação de lançamento de candidatos a prefeitos na eleição do ano seguinte; diz que atacar o Pontal de Paranapanema é lutar por 20 prefeituras; diz que líderes vão formar alianças com quem se afinar com o MST independente de partido; explica tática do Movimento – concentração nas áreas de conflitos; fala sobre o Movimento em Teodoro Sampaio (SP).

Gérson Caminhoto (prefeito Teodoro Sampaio/SP) – (destituído de seu cargo) opina que MST está fora de seu contexto, que quem mexe com terra deve mexer com terra e não com política.

Antônio Ferraz (prefeito Teodoro Sampaio/SP) – (ex-vice prefeito de G. Caminhoto) diz que político que se posicionar contra o MST terá dificuldades nas urnas, visto que é um desejo do povo que eles sejam assentados para que tragam progresso à região.

Jornalista – Diz que computador do MST já tem cadastrado dois mil novos eleitores e que líderes esperam outros seis mil títulos; explica que com oito mil votos os sem terra seriam decisivos na eleição de três municípios do Pontal do Paranapanema; diz que uma das táticas é trazer pessoas de outros estados; entrevista colonos sem terra sobre seus estados de origem.

Creuza Curato (sem terra candidata à prefeitura) – Explica que uma vez dentro do poder pode levar à classe pobre o que se dá para os ricos.

Apresentador – Diz que o presidente Fernando Henrique recebeu a proposta do PT para a reforma agrária; diz que presidente procura uma saída mais barata para a reforma agrária ; expõe que o presidente do Incra. Francisco Graziano, enviou técnico para o Pontal do Paranapanema para pesquisar o valor das terras das fazendas em conflito. (corte de gravação)

Reportagem 6 – TV Cultura (duração 0:36:13 a 0:46:10)

Leonardo Boff (teólogo) - Explica significado da reforma agrária e conseqüências para as cidades.

Jornalista 1 – Pede opinião a Leonardo Boff sobre cadastro de pessoas "faveladas" pelo MST;

Leonardo Boff (teólogo) – Fala sobre memória das pessoas que perderam suas raízes rurais a respeito da qualidade de vida no campo; diz que terra não é só meio de produção, mas que faz parte da identidade das pessoas.

Jornalista 2 – Questiona se governo Fernando Henrique está mostrando vontade política de realizar a reforma agrária.

Leonardo Boff (teólogo) – Responde que confia muito, especialmente com Francisco Graziano; diz temer em relação ao parlamento, onde há assento de grandes latifundiários; afirma que MST encontra-se altamente organizado, que é difamado, mas que são pessoas sérias e que representam os desesperados.

Jornalista 2 – Questiona se área do Pontal do Paranapanema é uma das mais sérias no que tange a conflitos fundiários.

Leonardo Boff (teólogo) – Diz não possuir conhecimento específico sobre a área, mas que são bem organizados não só em termos de assentar pessoas, mas de ver logo os tratores trabalhando – caráter de projeto.

Jornalista 1 – Questiona porque de forma geral a opinião pública não apóia esses movimentos.

Leonardo Boff (teólogo) – Explica cultura que considera a propriedade como o próprio corpo e contrapõe a uma cultura mais popular, da mente religiosa, de que mais importante que a terra é a vida humana e que Deus não deu escrituras de terras.

Jornalista 1 – Questiona se essa cultura não seria uma coletivização do campo;

Leonardo Boff (teólogo) – Afirma não se tratar de uma coletivização, mas dar terra a quem quer trabalhar nela.

Jornalista 2 – Pergunta se no livro, "Ecologia. Grito da Terra e Grito dos Pobres", é retratado o problema da ecologia no mundo globalizado ou mais da questão da terra no Brasil;

Leonardo Boff (teólogo) – Explica que trata da terra fundamentalmente como princípio – a terra como identidade, como super organismo vivo, os humanos como filhos da terra, e a legitimidade da posse da terra como conquista do próprio corpo e não algo externo; diz que acena para a questão brasileira, mas que trata da recuperação de uma relação com a terra; faz metáfora a partir da visão que os astronautas têm ao ver o planeta do espaço; responde questionamento a respeito de passagem do seu livro – cita Josué de Castro e sua afirmação de que maior problema da ecologia é a fome, fala sobre estatísticas de mortes por fome, afirma que ecologia não pode pensar somente no meio ambiente; confirma ameaça do meio ambiente.

Jornalista 2 – Abertura para perguntas: 1) se é a favor da educação religiosa nas escolas; 2) sua relação com a Igreja Católica e a Teologia da Libertação atualmente; (corte de gravação)

Reportagem 7 – TV Cultura (duração 0:46:14 a 0:53:05)

Apresentadora – Chamada para reportagem sobre conflitos de terras, realizada pela jornalista Teresa Cristina de Barros;

Jornalista – Conta que decisões são tomadas em reuniões que acontecem diariamente; apresenta líder do movimento no Pontal do Paranapanema, José Rainha.

Laércio Lima (liderança MST) – Explica setorização no interior do Movimento; fala sobre esquema de fiscalização de entrada e saída de pessoas no acampamento.

Jornalista – Mostra trabalho dos tratores após ocupação; fala sobre estratégia dos sem terra na ocupação de três fazendas em um só dia; conta atuação dos trabalhadores assim que tomam a terra; diz que acampamentos improvisados existem enquanto esperam a reforma agrária; afirma que maioria dos sem terra do Pontal do Paranapanema se encaixa no perfil exigido pelo Incra; colhe entrevista de colonos sem terra sobre dificuldades e sentimentos da vida no assentamento; mostra benfeitorias feitas pelos colonos em terras que ainda não estão regularizadas.

Apresentadora – Diz que presidente do Incra vai a São Paulo, preocupado com problemas do Pontal do Paranapanema e com promessa de solução para a questão; conta que Francisco Graziano (presidente Incra) quer entregar pessoalmente o lote de terra à José Rainha (liderança MST); explica que presidente do Incra assinou convênio com governo paulista para acelerar o assentamento no Pontal do Paranapanema.

Francisco Graziano (presidente Incra) – Explica proposta feita ao governo paulista – colaboração do Incra na remuneração das benfeitorias dos fazendeiros que ocupam o perímetro no Pontal do Paranapanema, que é tido como terra pública, para que terras sejam destinadas aos trabalhadores rurais.

Apresentadora – Explica determinação do Planalto Central dada a Francisco Graziano: contestação dos números de sem terra assentados divulgados pelo MST.

Apresentador – Explicita que Fernando Henrique promete ao PT fazer a reforma agrária e pede ajuda para fazer a reforma administrativa; cita primeiro encontro do presidente com as lideranças do Partido dos Trabalhadores; (corte de gravação)

Reportagem 8 – Rede Globo (duração 00:53:12 a 00:55:10)

Jornalista – Introduz reportagem afirmando que MST planejava uma ocupação surpreendente; conta que o governo estava negociando no Mirante de Paranapanema (SP) com a condição que os sem terra não invadissem outro terreno; fala sobre invasão de Sandovalina (SP), ao lado de Mirante do Paranapanema (SP) e divisa com a área de Taquaruçu (local de hidrelétrica da CESP); diz que principal alvo é a hidrelétrica de Taquaruçu – uma vez dada a reintegração de

posse ao fazendeiro, os sem terra vão atravessar a divisa e ocupar a área pertencente à CESP; mostra José Rainha explicar que a fazenda ocupada servirá para produzir; fala sobre interesse da liderança do MST nos barracões da CESP (alojamentos, restaurantes, oficinas mecânicas, salas de aula) abandonados a mais de um ano.

José Rainha (liderança MST) – Afirma que intenção é reivindicar ao Estado a transformação dos barracões em uma escola técnica para 360 jovens do assentamento em União da Vitória.

Apresentador – Expõe posicionamento de Francisco Graziano: nova ocupação não contribui para a reforma agrária; (corte de gravação)

Reportagem 9 – Rede Globo (duração 00:55:16 a 00:57:03)

Jornalista 1 – Diz que em Brasília Francisco Graziano mostrou os dados do governo sobre a reforma agrária.

Jornalista 2 – Fala sobre encontro entre representantes dos fazendeiros do Pontal do Paranapanema (SP) e do governo paulista: critérios para indenizações por terras invadidas na região.

Jornalista 1 – Divulga que Belisário dos Santos Jr. (secretário da Justiça) afirmou que as terras do governo que vêm sendo ocupadas por fazendeiros serão usadas para assentamento; diz que governo se dispõe apenas a pagar as benfeitorias ligadas à produção agrícola em um prazo de dois anos.

Célio Romero (vice-presidente do Sindicato Rural de Presidente Prudente) – Afirma que vai depender das avaliações e dos entendimentos, mas que há a previsão de que até o final do ano haja os assentamentos definitivos.

Apresentador – Conta que uma mulher assume o comando dos sem terra no Pontal do Paranapanema (SP); apresenta Deolinda Alves, mulher do chefe do Movimento, José Rainha.

Deolinda Alves (liderança MST) – Diz que esperam que o governador com o Incra assente definitivamente as famílias (corte de gravação)

Reportagem 10 – TV Cultura (duração 00:57:12 a 01h10min)

Apresentador – Diz que presidente do Incra anunciou que o órgão vai cadastrar os latifúndios em todo o país e que o governo pretende assentar 40 mil famílias até o final do ano.

Apresentadora – Diz que em São Paulo os fazendeiros com terras ocupadas acertaram valor da indenização com o Secretário de Justiça.

Belisário Santos Jr. (Secretário de Justiça/SP) – Afirma que irão indenizar somente as benfeitorias úteis e necessárias, aquelas que melhoraram a terra; expõe metas de assentamento de famílias.

Apresentador – Anuncia convidados no telejornal, Gilmar Mauro (coordenador nacional do MST) e Célio Romero (vice-presidente do Sindicato Rural de Presidente Prudente); pede para que Célio Romero comente declaração do Secretário da Justiça de São Paulo.

Célio Romero (vice-presidente do Sindicato Rural de Presidente Prudente) – Afirma que houve avanço nas negociações – demonstração do Secretário em admitir o pagamento das benfeitorias com a posterior entrega da posse; diz que esperam esse estabelecimento de regras para as indenizações.

Gilmar Mauro (diretor nacional do MST) – Afirma ser um passo importante o Secretário da Justiça se compromete em assentar mil famílias até o final do ano e mais mil famílias até meados do ano seguinte; contrapõe que solução não vai resolver o problema do Pontal do Paranapanema (SP) – número de famílias sem terra e terras ociosas do estado; acredita que o Estado poderia ser mais ousado.

Apresentadora – Questiona benfeitorias "luxuosas" que não estão dentro das indenizações; questiona se pagamento somente para as benfeitorias e não para parte da terra não deixou o Movimento insatisfeito.

Gilmar Mauro (diretor nacional do MST) – Justifica porque acredita ser este o melhor encaminhamento; fala obre superfaturamento em outras ocasiões de benfeitorias "supérfluas".

Apresentador – Questiona se é verdade que existe o cadastramento de pessoas "faveladas" da cidade no Movimento dos Sem Terra para fins de reforma agrária.

Gilmar Mauro (diretor nacional do MST) – Explica princípio do Movimento: organização dos trabalhadores; responde sobre posição do governo em não dar terra a quem não está ligado a ela: presença de famílias na cidade que trabalho está vinculado à agricultura; responde que são sem terra que vivem na cidade com dificuldades de moradia e emprego; afirma que vão organizar os trabalhadores que pretendem conquistar terra e vão lutar pela terra.

Apresentador – Questiona se é possível assentar todas essas pessoas.

Célio Romero (vice-presidente do Sindicato Rural de Presidente Prudente) – Diz que se coloca na reforma agrária toda a solução para o problema social; diz que não é possível aceitar a inserção de desempregados urbanos, atribuir a condição anterior de sua origem no campo e resgatar a condição de ex-camponês para trazê-lo de volta ao campo.

Apresentadora – Coloca pergunta de telespectador a Gilmar Mauro: o que acharia da invasão de suas terras se fosse fazendeiro.

Gilmar Mauro (diretor nacional do MST) – Diz que no Brasil existem 400 milhões de hectares de terra possíveis de desenvolver agricultura, afirma que só são utilizados 60 milhões desses hectares, o restante ou é pecuária extensiva ou áreas ociosas; afirma que existe terra suficiente para assentar todos os brasileiros sem terra (4,8 milhões de trabalhadores); diz que existe o princípio de que a população tem direito a vida, ao trabalho, e é isso que está sendo reivindicado.

Apresentador – Questiona Célio Romero sobre terras do Pontal do Paranapanema (SP).

Célio Romero (vice-presidente do Sindicato Rural de Presidente Prudente) – Diz que nem todas as terras na região são devolutas; explica o que é o 11º perímetro do Mirante de Paranapanema e que restante das terras do Pontal do Paranapanema estão em ação discriminatória para decidir o que é terra pública e terra particular; fala sobre argumentação jurídica legal das terras devolutas e questão das benfeitorias (direito dos fazendeiros);

Apresentador – questiona Gilmar Mauro se estão agindo conforme a lei.

Gilmar Mauro (diretor nacional do MST) – Acredita que sim, porque a lei diz que todo ser humano deve ter direito à vida e ao trabalho; afirma que isto está acima do direito de propriedade; diz que querem que haja com o processo de reforma agrária: emprego, desenvolvimento do meio rural; explica situação das pequenas cidades.

Célio Romero (vice-presidente do Sindicato Rural de Presidente Prudente) –Diz que interpretação subjetiva e pessoal da lei não pode ser aceita; concorda que está fora da lei que os fazendeiros se armem, mas que é previsto em lei a posse de um armamento regular para defesa do seu patrimônio e defesa física; diferencia a posse legal de armas do crime de esbulho com interpretações pessoais da lei.

Apresentador – Questiona Gilmar Mauro sobre importância do assentamento de 40 mil famílias até o final do ano.

Gilmar Mauro (diretor nacional do MST) – Diz que metas são muito tímidas, nesse ritmo se levaria mais de 50 anos para fazer a reforma agrária no Brasil; comenta crise na agricultura e saída de agricultores do campo; afirma que pela demanda social a meta é muito pequena; afirma que é um passo importante que se cumpra o assentamento das áreas de conflito no Brasil, mas que não significa que se está em um processo de reforma agrária.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Marcha Nacional pela Reforma Agrária, Emprego e Justiça (MG, 1997)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Marcha Nacional Pela Reforma Agrária, Emprego e Justiça (1997) do MST – saída de Minas Gerais em direção a Brasília.
DATA: 00/03/1987
LOCAL: Minas Gerais
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Referência escrita no DVD ao Acampamento Bairro Gorduras.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE / TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.marnac	01h33min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Belo Horizonte (MG)
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Marcha Nacional Pela Reforma Agrária, Emprego e Justiça (1997)
Minas Gerais
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Reforma agrária
Trabalhador rural sem terra

SUMÁRIO:

- **Imagens: acampamento rural à beira de estrada; barracas de lona; bandeira CUT; desmontagem de barracas; orientações passadas aos trabalhadores: uso de crachá e camiseta branca para identificação de pessoas, caminhada com ferramentas de trabalho, saída do acampamento; bandeira do estado do Rio de Janeiro; levantamento de acampamento; bandeira do Brasil; orientação para caminhada e organização do trânsito, chamada dos grupos por estado (Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo); bandeira de Minas Gerais; início da marcha; cantos e discursos ao longo da caminhada; convite à comunidade para engrossar a Marcha.**

Cinegrafista – Mostra acampamento em espaço da prefeitura no centro de Belo Horizonte (Praça da Estação); fala sobre permanência por dois dias no local para retornar à marcha até Brasília.

- **Imagens: barracas de lona; bandeira dos estados; trabalhadores comendo; sociabilidade dos trabalhadores.**

Cinegrafista – Fala sobre qualidade da organização do MST; mostra equipe de jornalista no local;

- **Imagens: sanfoneiro e trabalhadores reunidos;**

Trabalhador rural sem terra – Discute problema das privatizações, fala sobre sua história de vida; significado da reforma agrária, relação do problema rural com os problemas urbanos; diz que estão há 18 dias na Marcha; explica presença de crianças e preocupação com ano letivo.

- **Imagens: atendimento médico; grupo cantando; carro de som; organização para recomeço da caminhada; marcha dentro de Belo Horizonte; cartazes; ato público na Praça Sete em Belo Horizonte; cantos e discursos (Gilmar Machado – vice líder do PT na Assembléia Legislativa; vereador do PCdoB de Belo Horizonte).**

- **Imagem: discussão de grupo sobre direção do grupo.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Ocupação Fazenda Annoni e candidatura agricultores (RS, 1986)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Reportagem sobre ocupação da Fazenda Annoni (RS) e candidatura de dois agricultores do interior do Rio Grande do Sul para atuação pró-reforma agrária na Assembléia Legislativa.
DATA: 1986
LOCAL: Porto Alegre, RS
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.agrs	0h05min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Adão Pretto (agricultor)
Antônio Marangon (agricultor)
Colono
Fazenda Annoni (RS)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Reforma agrária
Rio Grande do Sul

SUMÁRIO:

Locutor/jornalista – Conta que 1500 famílias ocuparam a Fazenda Annoni em outubro do ano passado em Sarandi (RS); explica que fazenda foi destinada ao reassentamento de colonos em 1972, mas somente agora liberada pela justiça para ser desapropriada; maio de 1986: 38 famílias acamparam em frente à sede do Incra de Porto Alegre; julho de 1986: 300 colonos acamparam no saguão da Assembléia Legislativa em Porto Alegre.

Jornalista – Explica que para lutar pela reforma agrária justa dois agricultores se filiaram a partidos para disputar cargos eletivos em novembro, um a deputado estadual e outro a deputado federal constituinte; diz que os dois fazem campanha junto aos colonos no campo e na cidade: Adão Pretto (para deputado estadual), Antônio Marongon (para deputado federal constituinte); fala sobre repercussão da candidatura dos candidatos.

Adão Pretto – Afirma que questão da terra é uma questão política e não financeira; diz que na cidade existem 20 milhões de desempregados e na colônia 14 milhões de sem terras; fala sobre esvaziamento do interior – saída das famílias da roça para a cidade em busca de emprego.

Jornalista – Questiona colono sobre o que acha da candidatura desses agricultores.

Colono 1 – Diz que acredita que os trabalhadores não acreditam mais nos políticos da situação e que, por isso, optaram em eleger representantes da classe; opina que é um avanço da classe trabalhadora e agricultora apostar em um candidato que esteja engajado com suas lutas.

Colono 2 – Diz que vai cantar, que uma das armas que Adão Pretto possui são as suas poesias e as deles a de fazer música; cita disco "Canto da terra" feito em parceria com Antônio Gringo; canta música que trata da "mãe agricultora".

Adão Pretto – Declama poesia sobre como vê a situação do agricultor e da terra.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Palestrante Ademar Bogo (MST)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Palestra apresentada a trabalhadores rurais do MST por Ademar Bogo (Dirigente do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).
DATA: Década de 1990
LOCAL:
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.adbo	01h40min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Há também disponível no acervo entrevista com Ademar Bogo, publicada no Jornal *Valor.* Ver em: MSPP/en.LNST.cli.ab

DESCRITORES:

Ademar Bogo (dirigente MST)
Congresso Nacional do MST (Curitiba-PR, I, 1985)
Congresso Nacional do MST (Brasília, II, 1990)
Congresso Nacional do MST (Brasília, III, 1995)
Desenvolvimento agrário
Golpe civil-militar (1964)
Governo Collor (1990-1992)
Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998)
Governo Sarney (1985-1989)
Latifúndio
Luta pela Terra
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Ocupação de Terra
Organização agrária
Reforma Agrária
Trabalhador rural sem terra

SUMÁRIO:

Relaciona local da palestra com ouvintes presentes: dentro de um circo, local dos artistas, classificando os ouvintes como artistas da reforma agrária do país; objetivo da palestra: discussão sobre a arte de fazer a reforma agrária no Brasil, tratar questões que apontam para o futuro; inicia discussão: "qual a estratégia do Movimento sem Terra?"; fala sobre o significado de estratégia – pensar no futuro para fortalecer o Movimento; apresenta-se: nome, origem, atuação dentro do MST; expõe primeiro aspecto da palestra: perspectiva do MST – o que se pode alcançar para frente através da organização do movimento; segundo aspecto: organização como movimento; afirma que entre os presentes há poucos companheiros que iniciaram o movimento nos estados e diz que os ouvintes entraram no Movimento quando este já funcionava; supõe que a maioria o fez nos últimos três anos (início da década de 1990).
Fala sobre origem do MST no sul do país, sua expansão para outras regiões a partir de 1985; auto compreensão do Movimento no período: organização dos trabalhadores sem terra para que a terra seja de quem nela trabalha; análise sobre a situação em que se vivia: emigração do campo devido à modernização, trabalhador rural ocupando as cidades ou se assalariando, terras sem produzir e pessoas passando fome; objetivos da época: devolver a terra para as mãos daqueles que dependiam dela para poder viver; afirma que a terra é para quem trabalha e não para quem a utiliza para a especulação, reserva de valor, colônia de férias, represamento, ou para não produzir; comenta os critérios de seleção para receber terra; afirma que o governo nunca deu atenção e prioridade para a reforma agrária no Brasil; diz que mesmo sendo assentadas em torno de 150 mil famílias, ainda existem muitas pessoas sem terra no Brasil e muito latifúndio para ser tomado; fala da injustiça em termos de concentração de terra e população sem recursos no Brasil; afirma que não houve muito avanço porque as políticas de reforma agrária do governo sempre foram contra o trabalhador e a favor do latifúndio; contextualiza a situação política em 1985; fala da palavra de ordem do Primeiro Congresso Nacional do MST (1985, Curitiba): "sem reforma agrária não há democracia"; questiona os ouvintes sobre se concordam com essa afirmativa; conclui que não houve saída da ditadura

pois não se conseguiu democratizar o acesso à terra; reitera que a terra vive em um processo de ditadura, presa pela lei e o poder dos latifundiários; explica mudança de orientação do MST: não apenas lutar para dar terra para quem nela trabalha, mas também mostrar para a sociedade a luta pela democracia; afirma que só votar para presidente não é democracia; fala sobre necessidade de democratizar a distribuição da terra e da renda e que a educação tem que ser para todos;

1985: percepção de que era possível trabalhar outros aspectos da vida social dos trabalhadores sem terra;

1989: primeira eleição direta; explica que antes o trabalho político foi de elaboração de uma nova Constituição para o Brasil; diz que acreditaram que poderiam encaminhar a reformar agrária se elegessem muitos deputados progressistas; explica que naquele momento alguns do Movimento acreditaram que deveria deixar de lado a forma de luta de ocupação de terra e se empenhasse para eleger deputado; diz que concluíram que só a luta faz a lei, esperar que o Congresso Nacional fosse fazer uma lei para a reforma agrária seria enganar os trabalhadores; nova palavra de ordem: "reforma agrária na lei ou na marra"; contextualiza origem dessa palavra de ordem: Ligas Camponesas no nordeste; fala da realização de uma campanha que colheu um milhão e quatrocentos mil assinaturas para que a lei de reforma agrária avançasse; afirma que a reforma agrária ou viria pela lei ou viria pela luta e fala da manutenção das duas formas de atuação, campanha e luta; diz que com isso perderam o apoio de quase todas as entidades que atuavam no campo ou que tinham uma posição mais avançada; diz que Congresso Nacional aprovou uma lei que avançou por definir que a terra precisa cumprir uma função social; explica necessidade de aprovação do Rito Sumário (lei complementar);

1989: posse de Fernando Collor, combate ao MST; afirma que Fernando Collor era contra os movimentos sociais organizados;

1990: confisco dos recursos dos movimentos organizados pelo governo federal, opressão do Movimento, atuação da polícia; Segundo Congresso Nacional do MST (1990): conseguiu chegar à porta do Congresso Nacional, mobilização de outros setores da sociedade; palavra de ordem nesse período: "ocupar, resistir e produzir" (ideia de produzir desmoralizava corrente contra a reforma agrária); explicita ideia contida nessa nova palavra de ordem;

1995: Terceiro Congresso Nacional do MST; diz que sociedade foi penalizada pelo plano do Fernando Henrique Cardoso e pelo neoliberalismo – compreensão da sociedade de que o governo vai contra os interesses da população; Brasil: 32 milhões de indigentes – discute o termo (indigente) e o motivo de sua classificação, 70 milhões de brasileiros que ganham menos de dois salários mínimos – dificuldade de se manter; discute desenvolvimento do capitalismo suas conseqüências atuais e futuras: máquina de produção da pobreza; exemplifica com o número de desempregados em São Paulo; proposta dos sem terra para a sociedade e nova palavra de ordem: "reforma agrária, uma luta do povo"; reforma agrária para todos os pobres do Brasil; união de outros setores da sociedade pela luta ao acesso da terra; dois momentos propostos: 1) produzir para a sobrevivência; 2) produzir para a sociedade; afirma que a prioridade da agricultura brasileira sempre foi a exportação; proposta de uma agricultura para o povo; opina ser vergonhosa a importação de gêneros alimentícios para o Brasil com tanta terra para produzir; defende capacidade do trabalhador rural em produzir para sua própria sobrevivência e critica financiamentos que geram a perda da terra das mãos dos trabalhadores rurais; afirma que defesa pela participação da sociedade na luta é para que a própria sociedade usufrua da terra, pela repartição e produção.

Sugere formação de grupos para discutir "como transformar a reforma agrária numa luta de todos?"; afirma que 86% na sociedade brasileira está a favor da reforma agrária; 1964: golpe militar foi sustentado pela sociedade porque iria ser contra a reforma agrária; mudança de opinião da sociedade desde então; MST possui 59% de apoio da população; desafio: como a

sociedade pode contribuir, como a reforma agrária pode favorecer esse 80 milhões de pobres; afirma que o interesse não é a doação de comida, roupa, porque isso seria sugar os outros para resolver seus problemas individuais; diz que movimento não vai ser propriedade dos trabalhadores sem terra, mas da sociedade brasileira, um patrimônio dos trabalhadores brasileiros, que vai ajudar a resolver grandes problemas do Brasil.

– abertura de tempo para discussões em grupo; retorno da palestra –

Coloca importância de significar a luta pela reforma agrária como uma prática de todos; expõe que a sociedade capitalista brasileira vive duas crises fundamentais: 1) crise do crescimento econômico – produção deixa fora uma grande quantidade de produtores, falta uma alternativa governamental para fazer a economia crescer; 2) crise ideológica – queda do muro de Berlim em 1989, unificação da Alemanha, recuo mundial do socialismo, , falta de perspectiva do "amanhã", costume com a pobreza, falta de forças para transformar o que é ruim em coisa boa; acomodação da população brasileira; MST como atual força capaz de bater no plano neoliberal e para implementar uma alternativa para os problemas sociais do Brasil; afirma que, apesar do muro de Berlim ter caído, o sonho de libertação, de ter uma vida melhor, continua vivo; resume que a ideologia capitalista passou a se sobrepor à de uma sociedade igualitária, mais justa; diz que o "muro" não caiu sobre eles, que o problema é o muro da exploração.
Pontua aspectos para se trabalhar para a reforma agrária: 1) produção – alimentar o sonho de produzir para a sociedade brasileira; afirma que o capitalismo sendo feito pelo homem, pode ser derrubado para se construir uma sociedade diferente e o latifúndio pode ser transformado em terras menores para produzir. 2) proposta de desenvolvimento nacional – cita problemas resolvidos pelo Movimento que ainda não foram resolvidos nas cidades; explica que algumas prefeituras estão falidas e explica as conseqüências disso para a população; fala que através da reforma agrária, o movimento é capaz de ser um consumidor das cidades e que as compras geram impostos e benefícios para a cidade; reforma agrária como solução dos problemas urbanos; questiona dívida externa brasileira e atuação do governo; afirma que é a agricultura que vai salvar o Brasil. 3) mercado: a sociedade tem que se organizar para constituir um mercado que esteja ao alcance da população pobre; explica que, para garantir que a sociedade acredite no produto dos trabalhadores rurais, eles precisam ter boa qualidade; fala sobre pacote econômico instituído pelos EUA a partir da década de 1970: mecanização da agricultura (entrada de tratores) e envenenamento da produção; afirma que os produtos dos trabalhadores do movimento tem que ter outra lógica de produção; afirma que possuem condições de produzir seu próprio adubo e diminuir a quantidade de veneno; diz que reforma agrária é um problema de todos, que se alguém quiser comer sem veneno, precisa-se produzir sem veneno e é só a classe trabalhadora que tem condições de fazer isso. 4) educação – apoio do governo deveria ser através da educação nos assentamentos, ao invés de distribuição de cestas básicas; afirma que nos assentamentos todas as crianças estão na escola; critica situação atual da educação no Brasil; defende desenvolvimento da educação alcançado nos assentamentos. 5) saúde – comenta situação da saúde no Brasil; direito por lutar por uma situação melhor; fala sobre importância do nome do movimento, que transformou vários em uma unidade; atribuição de um nome não porque são "sem terra", mas por terem coragem de lutar, ser guerreiro; opina que essa é uma ação que a sociedade deve aprender (se não quiserem lutar por terra, que lutem pela saúde); contribuição do movimento é a luta, mostrar que se quer uma melhora no presente e não somente para as gerações futuras. 6) moradia – ocupação das favelas pelo movimento emigratório do campo; terra como possibilidade de moradia; afirma que o "sem terra" não pode morrer sem ter dito para sua família "essa casa é minha, esse lote é meu... porque eu lutei por isso". 7) solidariedade – doação da própria vida para obter resultados aos outros; defende a

ajuda a outros que passam dificuldades; cita figura histórica de Zumbi; resgate de valores que o capitalismo destruiu. 8) política – fala sobre as eleições no Brasil; necessidade de levar a política de forma séria; relaciona o papel da política com a situação da saúde, da educação.
Passa a palavra para deputado estadual (Bahia): afirma falta de compromisso do governo com a reforma agrária; se identifica como um sindicalista dentro do Parlamento; comenta necessidade da representação dos trabalhadores no Parlamento; cada um como uma célula do Movimento, um cuidando do outro; comenta pontos abordados pelo palestrante e reafirma que modelo atual do capitalismo não serve para a sociedade; fala sobre o valor dado às riquezas da natureza e sobre o interesse de alguns na miséria de outros.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Passeata MST (DF, 1995)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Passeata do MST durante o 3° Congresso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
DATA: 23-27/07/1995
LOCAL: Brasília, DF
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Imagens de Bernardo Mançano Fernandes.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE / TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.pasdf	0h29min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Brasília (DF)
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998)
Mato Grosso
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Reforma agrária
Rio Grande do Sul

SUMÁRIO:

- **Imagens: Catedral Metropolitana de Brasília; Planalto Central; passeata do MST ao longo da avenida principal de Brasília até o Planalto Central - reivindicação pela reforma agrária; gritos de guerra; bandeiras do MST, do Rio Grande do Sul, do Mato Grosso, do Brasil; encontro entre manifestantes e policiais federais; corrente feita por manifestantes entre policiais federais e o movimento; cantos de reivindicação; bandeira CUT; panorama da manifestação reunida no Planalto Central; sanfoneiro e cantos; close em cartão de protocolo do Departamento de Documentação do Palácio do Planalto; chegada de novos manifestantes ao Planalto Central.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Primeiro Congresso Estadual MST-RS (RS, 1984)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Congresso Estadual do MST em Erval Seco (I, RS).
DATA: 30/11/1984
LOCAL: Erval Seco (RS)
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Som abafado e tremido.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE / TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.congrs1984	01h30min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Acampamento rural
Adão Pretto (agricultor)
CUT – Central Única dos Trabalhadores
Erval Seco (RS)
Estatuto da Terra
Fracab – Federação Riograndense de Associações Comunitárias e Moradores de Bairros
Governo João Figueiredo (1979-1985)
Igreja Metodista (RS)
Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Pequeno produtor rural
Produção agrícola
Reforma agrária
Rio Grande do Sul
Trabalhador rural

SUMÁRIO:

- **Imagens: colonos sem terra; cruz de madeira; barracos de lona; cartazes: "Queremos morar e viver com dignidade", "Campanha de Apoio aos Acampados em Erval Seco", entre outros; discurso de abertura do encontro; apresentação de músicos.**

Músico – Diz que o artista que se compromete com a realidade, com os problemas sociais, tem dificuldades de sobrevivência; mostra disco gravado que retrata trabalhador.

Orador 1 – Fala sobre símbolo da vitória; diz que Cristo morreu na Cruz, mas ressuscitou, dando vida aos irmãos que redimiu com seu sangue; afirma que Deus não aceita a má distribuição de terra para o sofrimento de tantas pessoas; defende a irmandade e que a igualdade dos irmãos seja construída na prática e não fique apenas em códigos de direitos humanos.

- **Imagens: discursos (falas cortadas).**

Representante da Fracab – Diz que a maioria dos trabalhadores da grande Porto Alegre vive em vilas clandestinas, de áreas invadidas; explica que são trabalhadores expulsos do campo que vão para a cidade formar um grande cinturão de miséria; afirma que todo movimento comunitário do Rio Grande do Sul quer a reforma agrária; afirma e explica porque não se trata apenas de uma luta do trabalhador rural, mas também do trabalhador urbano.

Orador 2 - Fala sobre multidão presente e aproximação da reforma agrária; afirma que reforma agrária só sai com a pressão do povo, dos sindicatos, das cooperativas e entidades.

Imagens: discursos (falas cortadas), ouvintes.

Representante do Comitê de Apoio aos Sem Terra de Porto Alegre – fala sobre importância desse apoio no avanço da luta pela reforma agrária; coloca questão da luta para que a

cooperativa pertença ao pequeno produtor; defende união da luta pela cooperativa à luta dos sem terra; defende luta por preços justos de venda de produtos agrícolas; defende luta pela manutenção dos trabalhadores que estão na terra; afirma necessidade de uma solidariedade material e política aos trabalhadores sem terra.

Representante Sindical – Diz que estão fazendo um levantamento/pesquisa e tentando organizar os sem terra para criar uma grande frente a favor da modificação da estrutura fundiária (corte na fala).

Representante da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul – Afirma que não podem se colocar à margem do problema do trabalhador que busca uma terra para produzir; cita congresso da Coordenadoria de Serviços Ecumênicos de Salvador (BA); fala sobre posicionamento da Igreja Metodista.

Liderança MST – Explica organização do movimento; fala sobre formação da Comissão Estadual dos Sem Terra e representação no MST nacional; diz que aceitam o apoio das igrejas, mas que deixam claro que quem manda nos rumos dos sem terras são eles mesmos; convida companheiros a fazer parte da luta e a estendê-la para outros municípios; afirma que é a organização que vai garantir a vitória; expõe demandas do movimento; explica significado de reforma agrária; acusa roubo de recursos dos trabalhadores pelo decreto-lei n°200; (corte de imagem); fala sobre violência no campo e afirma que está não vai impedir a luta pela terra.

- **Imagens: trabalhadores rurais reunidos na área externa; apresentação de músicos – letras críticas à situação fundiária e pela defesa da reforma agrária.**

Padre – Diz que percebe que o encontro marca o inicio de uma caminhada, talvez longa, mas que será coroada de pleno êxito; afirma que quer caminhar ao lado do movimento; defende luta pela terra: justa e por direitos – apoio e incentivo; saúda a todos e fala sobre alegria de estar presente no encontro; comenta missa que será realizada.

- **Imagens: trovadores; simulação de um júri para julgamento da ação do Incra na reforma agrária (falas cortadas) – simulação da condenação do Incra: obrigação de mudança da roupagem do órgão, transformação do Incra em um colono.**

Entrevistador – Pergunta há quanto tempo começou a luta da Comissão dos Trabalhadores sem Terra e como está a nível estadual.

Agricultor (Getúlio) – Responde que a luta começou quando perceberam que não era possível continuar a trabalhar na terra de terceiros dando a metade de sua produção; conta que se reuniram em núcleos para pensar o que se podia fazer; fala sobre criação do Estatuto da Terra e sua não-aplicação depois de 20 anos.

Agricultor (Adroaldo) – Diz que começou há um ano; conta que participaram de comissões em outros municípios; diz que não é possível sustentar seus filhos trabalhando "a meia" – metade vai para o dono da terra e a outra metade fica para o Banco do Brasil para comprar adubo.

Entrevistador – Pergunta como foi a formação do acampamento em Erval Seco (RS);

Agricultor (Geraldo) – Diz que houve assembléias em municípios e visitas ao Governador, ao Secretário da Agricultura e à sede do Incra, representando cerca de 600 colonos; fala sobre demanda do assentamento desses colonos; diz que uma vez que não houve retorno pela demanda foi feita a ocupação da terra de Santo Augusto – terra do estado; conta sobre ação da polícia nessa ocupação; fala sobre reorganização do grupo com auxílio da igreja e de alguns sindicatos e formação do acampamento; afirma que o acampamento não surgiu do nada, mas para continuar a luta.

Entrevistador – Questiona informações sobre demais acampamentos do Rio Grande do Sul.

Agricultor (Geraldo) – Acredita que a luta dos sem terra no Rio Grande do Sul começou em Ronda Alta a partir de 1964; fala sobre situação dos colonos nessa região e organização para a luta; diz achar que o acampamento de Erval Seco é o segundo que existe no estado.

- **Imagens: situação do acampamento; depoimento de colono sem terra.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Protesto pelo assassinato de Chico Mendes (RS, 1988)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Passeata e protesto pelo assassinato de Chico Mendes.
DATA: 1988
LOCAL: Rio Grande do Sul
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.pascm	0h55min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Agapan - Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural
Chico Mendes (Seringueiro)
CUT – Central Única dos Trabalhadores
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PT – partido dos Trabalhadores
Questão ambiental
Reforma agrária
UDR – União Democrática Ruralista

SUMÁRIO:

Palestrante – Fala sobre crescimento da discussão a respeito da degradação ecológica e busca pela preservação do meio ambiente; fala sobre ética entre homem e natureza; fala sobre local que ocorre palestra – Igreja São José; retoma questão da ética em relação ao meio ambiente e ao planeta (corte de gravação).

- **Imagens: passeata pela morte de Chico Mendes; bandeira CUT; discursos e gritos de guerra de repúdio ao assassinato de Chico Mendes; bandeira pró reforma agrária; bandeira da Agapan; bandeira MST; performances contra UDR; referência à presença de representantes de diferentes partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais na passeata; discursos de denúncia a ações do latifúndio na figura da UDR; discurso em referência às lutas de Chico Mendes;**

Representante da Agapan – Fala sobre momento de reflexão sobre situação dos ecologistas; diz que martírio de Chico Mendes trouxe à tona a questão ecológica na mídia; fala sobre governo que ignora luta interna da luta pela Amazônia; faz recorte sobre 15 anos passados: surgimento da Agapan, ecologistas sozinhos lutando pelos interesses de todos, resistências na luta; fala sobre danos ambientais, repercussão da morte de Chico Mendes e "ecologização" da luta de outros movimentos sociais.

Representante do Movimento Comunitário – Fala sobre violência contra os trabalhadores; diz que luta não é apenas pela morte de Chico Mendes e preservação da Amazônia, mas também indignação pela conivência das autoridades públicas por essas questões.

Represente do MST– Fala sobre fatos que marcaram o movimento: violência contra os trabalhadores em Volta Redonda e morte de Chico Mendes; fala sobre percepção dos agricultores da importância do meio ambiente e luta pela terra e pela vida.

Representante da Tribuna Livre – Discurso sobre ato feito em nome de Chico Mendes; lembrança de ato feito três meses antes pela morte de três trabalhadores em Volta Redonda; fala sobre violência aos trabalhadores.

Representante da CUT – Fala sobre atuação de Chico Mendes e motivação ao seu assassinato; fala sobre reunião realizada durante enterro de Chico Mendes e bandeiras a serem levadas

adiante: continuidade da luta dos seringueiros da Amazônia e busca pelo cancelamento dos financiamentos a projetos na Amazônia que causam sua destruição.

- **Imagens: movimentação no entorno ao ato.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Registro do julgamento Eldorado de Carajás (PA)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Registro do julgamento dos envolvidos no conflito em Eldorado de Carajás (PA) realizado no Tribunal do Júri na Unama – Universidade da Amazônia.
DATA: 18/08/1999
LOCAL: Belém, PA
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.eldcar	0h53min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Luta pela terra
Massacre de Eldorado dos Carajás (PA)
Pará
Trabalhador rural sem terra
Unama – Universidade da Amazônia

SUMÁRIO:

Jurado - Pergunta porque não foi arrolado um sem terra como testemunha no processo.

Juiz – Diz que não pode responder e passa a pergunta para o promotor.

Promotor (Dr. Marco Aurélio) – Diz que, pelo Código de Processo, o Ministério Público só pode arrolar cinco testemunhas por réu para o plenário do Tribunal do Júri; explica que não tinha a pauta de julgamento, não conhecia a ordem de apresentação dos réus; comenta mudança de juiz; diz que juiz anterior, Otávio Maciel, disse que julgaria primeiro os soldados, mas que não conhecia a ordem; fala que não pode interferir, que juiz é quem preside a instrução; coloca que critério escolhido por um novo juiz foi o da denúncia; afirma que preferiu colocar os cinco, porque não sabia como combinar, concentrou essas cinco para não deixar de fora uma testemunha que achasse importante; diz que fez a leitura das peças das testemunhas que não estiveram no julgamento.

Jurado – Pede para promotor explicar onde está o espancamento de Amâncio na imagem que ele citou.

Promotor – Diz que não aparece na imagem.

Juiz – Reclama sobre barulho do público no local; diz que jurado tem todo direito de ser esclarecido.

Jurado – Pergunta sobre imagem em que aparece os sem terra atirando no início do conflito e onde estaria essa fita.

Promotor – Diz que não percebeu essa situação nas imagens.

Jurado – Diz que houve a afirmação nos discursos de acusação que não havia sem terra na primeira imagem com arma de fogo; pergunta ao promotor se ele entende que quando é disparado um projétil de uma arma, se ele sabe que sai fumaça dela pela frente ou por trás.

Juiz – Explica que resposta seria uma manifestação pessoal do promotor e que ele não pode se manifestar nesse sentido; diz que dúvidas devem ser quanto ao processo.

Jurado – Diz que gostaria de passar imagem do início do ataque e utilizar uma caneta luminosa; pede pelo som do vídeo.

- **Imagens: vídeo do confronto sendo apresentado ao público;**

Jurado – Mostra fumaça na imagem perto homem sem terra; questiona juiz e promotor se está vendo fumaça na imagem; afirma se tratar de arma de fogo.

Juiz – Explica ao jurado que ele não pode falar, que ele deve tirar as conclusões isoladas; explica que não pode fazer essas perguntas a ele (juiz).

Jurado – Questiona o promotor se ele poderia explicar a cena, que ninguém conseguiu ver, da arma sendo "detonada" na mão de um sem terra e se esse disparo não teria começado o tumulto.

Juiz – Explica que nesse caso o promotor estaria fazendo uma nova explanação.

Jurado – Pergunta ao juiz se promotor não pode dar nenhuma explicação a respeito.

Juiz – Explica que o promotor não pode expressar opinião própria; diz que jurado pode tirar dúvidas, mas que promotor não pode expressar opinião, se não a defesa também teria que se manifestar.

Promotor – Diz que jurado igualmente não pode dar opinião;

Jurado – Questiona se som dos primeiros disparos não teriam sido dos sem terra "atacando" a tropa policial que chegava ao conflito.

Promotor – Pede que pergunta seja consignada pelo juiz.

Juiz – Diz que se o promotor responder essa pergunta, a defesa também terá o direito; explica que o jurado deve tirar suas próprias conclusões.

Promotor – Pede que pergunta seja consignada em ata, que pergunta feita foi indeferida pelo juiz.

Juiz – Explica que não indeferiu, mas que colocou que o promotor não poderia manifestar essa opinião.

Promotor – Pede que essa situação seja escrita em ata.

Juiz – Pede que jurado repita a pergunta para que ela seja registrada em ata; dita para escrivão "o jurado pediu para que o promotor manifestasse sua opinião, o que foi indeferido pelo juízo, pois implicaria em reabrir espaço para tecer comentários sobre a denúncia, uma vez que os debates foram encerrados, daí o motivo do indeferimento da opinião do promotor".

Jurado – Fala sobre depoimento a respeito das pólvoras nas mãos das vitimas – autodefesa dos disparos dos policiais; questiona porque essas 19 vítimas não apresentam ferimentos nas mãos ou nos dedos; pede para que promotor acompanhe fotografias das vítimas.

Advogado – Diz para juiz instruir o jurado a colocar somente dúvidas e não preleções.

Juiz – Pede para que jurado somente tire dúvidas.

Advogado – Questiona qual é a dúvida objetivamente.

Juiz – Diz para público que se houver mais manifestações eles não poderão permanecer; pede que jurado não faça mais comentários para não influenciar demais jurados.

Jurado – Diz que dúvida é sobre tiro em vítima se defendendo, mas que, no laudo, o criminalista não afirma que tiro foi dado na mão; questiona laudo.

Juiz – Diz que quem poderia responder é o legista, mas que como não está presente ele mesmo tem que tirar suas conclusões; explica que o jurado deve julgar pelas provas dos autos.

Promotor – Pede palavra para explica que no laudo aparece "cicatriz circular" – refere-se a ferimento antigo.

Jurado – Comenta sobre fotografia de outra vítima; pergunta porque promotor demarcou quatro tiros e o criminalista diz que foram dados somente três.

Juiz – Explica que jurado deve julgar pelo que está nos autos; explica aos jurados que serão dados dois tipos de cédulas, "sim" e "não, que oficial de justiça passará com a urna e que jurado deve colocar a cédula correspondente à pergunta; fala sobre distribuição dos quesitos que serão votados e explicação detalhada para os jurados na sala secreta; diz que, para melhor compreensão dos jurados e por causa da manifestação da plateia, não irá explicar os quesitos publicamente.

- **Imagens: plateia esperando votação; retorno do juiz.**

Juiz – Diz que antes da leitura da sentença, vai prestar alguns depoimentos: 1) motivo do julgamento ocorrer na Unama – diz que foi noticiado que havia um jogo de interesses por parte do Tribunal de Justiça com a Unama – desmente e explica convênio entre o Tribunal de Justiça e a Unama (aula prática para seus alunos e infraestrutura necessária); 2) agradece a Deus por tê-lo iluminado para conduzir seus trabalhos com serenidade, agradece à força dada pela família para aceitar esse julgamento, agradece o apoio do presidente do Tribunal de Justiça e da corregedora, entre outros; 3) parabeniza os tribunos pela qualidade dos debates e maneira como se comportaram; 4) pede desculpas à assistência de acusação, ao promotor e advogados se por algum momento se excedeu; 5) agradece à Unama. Pede que não haja manifestações durante leitura da sentença; expõe acusação: prática dos crimes de homicídios qualificados; expõe defesa: negativa de autoria e insuficiência de provas; diz que houve réplica e tréplica; sentenças: insuficiência de provas para a condenação dos três réus; conclusão: as provas são insuficientes para condená-los; absolve os réus das imputações atribuídas e encerra sessão.

Imagens: reação da platéia; saída dos réus.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Reportagem sobre MST com participação de João Pedro Stédile

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Reportagem de Dirk na Fazenda Giacometi, ocupada pelo MST em 1996, sobre situação dos trabalhadores rurais sem terra no Brasil. Entrevista com João Pedro Stédile.
DATA: sem informação, provavelmente 1996 ou 1997
LOCAL: sem informação
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Há trechos do vídeo em língua estrangeira.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.mstjps	0h08min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS:

DESCRITORES:

Acampamento rural
João Pedro Stédile (dirigente MST)
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Reforma agrária
Trabalhador rural sem terra
Violência no campo

SUMÁRIO:

- **Imagens: trabalhadores rurais sem terra caminhando; reportagem sobre Cecílio de Rego Almeida; bandeira MST.**

Freira – fala sobre processo de envelhecimento das carteiras de identidade; resumo da miséria que é o projeto neoliberal; muita gente que não tem um cobertor, que não tem nada e que já não tinha nada de onde vieram.

- **Imagens: acampamento rural; barracas de lona; violência no campo.**

Depoimento 1 – Fala sobre conflito ocorrido entre policiais e trabalhadores rurais - despreparo da policia para atender o obstáculo da estrada, situação de um mau procedimento da polícia e não de um conflito pela terra.

João Pedro Stédile (dirigente MST) – Conta que nos últimos 15 anos foram assassinados no Brasil 1800 trabalhadores rurais; diz que dessa violência apenas 52 casos foram a júri, sendo oito condenados e apenas em um caso os assassinos foram para a cadeia.

- **Imagens: homem capina terreno; construção de barracas.**

Trabalhador rural sem terra 1 (homem) – Diz que é dito que se assentou 45 mil famílias, mas que foram somente 12 mil.

Trabalhador rural sem terra 2 (mulher) – Fala sobre valor do salário mínimo; diz que presidente não fez nada pelo trabalhador.

Trabalhador rural sem terra 3 (homem) – Fala sobre mudanças na situação de vida: recursos investidos nas propriedades, energia elétrica.

João Pedro Stédile (dirigente MST) – Diz que no Brasil existem 146 milhões de hectares classificados como de grandes propriedades improdutivas, sobre as quais se poderia aplicar a lei da desapropriação.

- **Imagens: vista geral de fazenda; família à beira de estrada voltando de São Paulo para o Ceará.**

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Violência no campo (SC, RS, AL, 1989)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Três blocos de reportagens sobre violência no campo no conflito entre trabalhadores rurais sem terra e a Polícia Federal.
DATA: Década de 1980
LOCAL: Santa Catarina; Rio Grande do Sul; Alagoas
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Gravação ruim.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE / TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.rep NS.violcampo1	0h33min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Sobre ocupação em Palma Sola (SC), ver também: planilha do vídeo "*Encontro dos jovens filhos de assentados dos três estados do Sul*" – MSPP/av.NS.man.encjov1
Para acesso a documentos do MST sobre denúncias e acompanhamentos de casos de violência aos sem terra, ver: MSPP/ns.MST.vio

DESCRITORES:

Acampamento rural
Alagoas
Antônio Maragon (Deputado federal/PT)
Dops - Departamento de Ordem Política e Social
Fazenda Santa Elmira (Salto do Jacuí, RS)
Frente Brasil Popular
José Fortunatti (Parlamentar)
José Paulo Bisol (senador)
Luta pela terra
Maceió (AL)
Mirad – Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Nova República
Ocupação de Terra
Palma Sola (SC)
Pedro Ivo (governador/SC)
Porto Alegre (RS)
Reforma agrária
Ricardo Lessi (delegado)
Rio grande do Sul
Salto do Jacuí (RS)
Santa Catarina
STR de Quebrangulo (AL)
Trabalhador rural sem terra
UDR – União Democrática Ruralista
Violência no campo

SUMÁRIO:

Reportagem 1- duração: 0:00:00 a 0:08:13

Chamada da reportagem: Violência contra trabalhadores sem terra em Palma Sola, oeste de Santa Catarina; confronto entre policiais e trabalhadores sem terra deixa feridos e um morto.

- **Imagens: trabalhadores rurais sem terra feridos; grupamento policial; armas; hospital; enterro de trabalhador rural sem terra; bandeira MST.**

Antônio Marangon (Deputado federal/PT) – Fala sobre violência e repressão contra povo, por seu justo direito, por ser cidadão brasileiro e filho de Deus; rateamento da terra por meia dúzia de pessoas que se utilizam da polícia para garantir seus privilégios.

Chamada da reportagem – Diz que, apesar da violência, não houve desistência da ocupação da terra; cita documento da comunidade catarinense contra a violência policial aos trabalhadores; conta que senador José Paulo Bisol, candidato a vice presidência da República, tentou dialogar com o governador de Santa Catarina, Pedro Ivo, que se negou a recebê-lo.

José Paulo Bisol (senador) – Afirma que pior violência é do Estado, porque ela é racional; diz que não vê nenhuma violência nas ocupações, porque a reforma agrária está prevista na Constituição (corte na fala).

- **Imagens: grupo de acampados dentro de barraca de lona evocando gritos de guerra;**

Trabalhador rural sem terra 1 – Diz que tiveram que se sujeitar a explodir a mão e correr risco de vida, porque a violência estava muito grande; afirma que policiais estavam massacrando e jogando bomba entre mulheres e crianças; explica que fraturou gravemente e quase perdeu a mão, mas que não perdeu a vontade de lutar, que se tornou mais um motivo para ir em frente; defende que luta dos trabalhadores é justa – lutar para trabalhar, por melhores preços e pela reforma agrária; diz que vêem a necessidade de cada vez mais lutar, mesmo que aconteça de perder a própria vida.

- **Imagens: acampamento; base policial.**

Trabalhador rural sem terra 2 - Diz que vice governador autorizou bispo a negociar a permanência da ocupação por oito dias, dando tempo para que o governador do estado comprasse terras para assentamento; contrapõe dizendo que já se sabia da ordem de despejo;

- **Imagens: policiais federais marchando; fotografias de rendição de trabalhadores rurais.**

<u>Reportagem 2 – duração: 0:08:15 a 0:20:13</u>

- **Imagens: confronto entre policiais federais e trabalhadores rurais;**

Apresentador 1 – Diz que colonos não se conformaram com decisão judicial e tentam libertar companheiros presos que haviam invadido a sede do Mirad em Porto Alegre (RS).

Jornalista 1 – Diz que é grande a repercussão na Assembléia Legislativa do confronto devido à ocupação da Fazenda Santa Elmira (Salto do Jacuí/RS) e na sede do Mirad.

José Fortunatti (Parlamentar) – Diz que processo em Porto Alegre se caracterizou de traição da policial federal com os parlamentares e o MST, porque já se havia acertado a saída dos colonos de forma ordenada, mas que antes disso a Polícia Federal invadiu a sede do Mirad, causando transtornos aos colonos; diz que resultado foi uma operação muito forte por parte da polícia militar e da polícia federal, para que essa operação servisse de exemplo.

Jornalista 1 – Comenta sobre nota de esclarecimento do MST a respeito dos acontecimentos na Fazenda Santa Elmira; fala sobre números apresentados: 5 agricultores baleados, 80 feridos (30 com ferimentos graves), 29 presos (22 em Sobradinho e 7 em Porto Alegre); diz que constataram o desaparecimento de 20 colonos.

Apresentador 2 – Diz que colonos feridos na brigada militar estão em três hospitais de Cruz Alta, não correm risco de vida e a maioria já foi liberada.
Jornalista 2 – Mostra imagens de trabalhadores internados no hospital de Cruz Alta; apresenta os casos de internação.

Apresentador 3 – Fala sobre prisão de 22 colonos por invasão de fazenda – montagem de barreiras policiais na cidade, revista de carros; explica que promotor da cidade está pedindo reforços para evitar tentativas de ataque ao presídio para libertação dos agricultores; explica prisão de 29 agricultores – invasão de agricultores em uma fazenda em Salto do Jacuí e no prédio do Mirad em Porto Alegre.

Depoimento – Explica que operação foi chefiada por coronel Araújo, com sede em Porto Alegre; diz que havia o envolvimento de policiais em diversos municípios: polícia de choque de Porto Alegre, polícia de Cruz Alta, de Passo Fundo; conta que presos afirmam terem sido torturados depois de rendidos pela Brigada Militar; cita torturas.

- **Imagens: explicação do tipo de marcas das torturas submetidas aos agricultores.**

<u>Reportagem 3 – duração: 0:20:13 a 0:32:56</u>

Entrevistador – Diz que MST enfrenta violência no campo através da UDR, grupos paramilitares, polícia civil e militar da Nova República; afirma há a ocorrência de prisões, assassinatos e torturas de vários companheiros; apresenta trabalhador rural sem terra e pergunta como foi ter sido preso e torturado, lutando pela terra.

Trabalhador rural sem terra (Ivan) – Conta que foi preso em 29 de agosto de 1989; diz que em Alagoas estavam preparando uma ocupação e mobilizando trabalhadores para a ação; conta a partir disso começaram as perseguições; lembra que no dia 29, ao sair do STR de Quebrangulo, foi rendido por policiais armados e levado para delegacia, onde foi interrogado e ameaçado; afirma que delegado o chamava de bandido e marginal e que o ameaçava de morte; fala sobre ligação desse delegado ao delegado de Viçosa, Ricardo Lessi; diz que delegado de Viçosa é conhecido por ter contatos com o Esquadrão da Morte; conta que sofreu pressão psicológica e física; narra que foi despido, colocado em um pau de arara e que chegaram a usar eletrochoque para que acordasse dos desmaios; cita outras torturas sofridas; afirma que companheiros precisam ter consciência que em uma luta, quando são pegos, eles não podem entregar seus companheiros; conta que depois das torturas foi apresentado a fazendeiros, que o ameaçaram; conta que a caminho de Viçosa foi novamente ameaçado de morte – explica situações de ameaças; fala sobre ida a Maceió e outras formas de ameaça vivenciadas; conta sobre chegada ao DOPS de Maceió e fotografias tiradas para reconhecimento dos fazendeiros da região; diz que o delegado Ricardo Lessi ofereceu passagens para fora do país para que o não denunciasse; conta que não aceitou e que respondeu que iria denunciá-lo; diz que Ricardo Lessi afirmou que situação deixou de ser um problema da justiça, mas de quem tem o dinheiro, e que onde o encontrasse, ele o mataria; conta que Ricardo Lessi afirmou que matar para ele era um divertimento.

Entrevistador – Pergunta nome completo e região.

Trabalhador rural sem terra (Genivaldo Pereira da Silva) – Apresenta-se e diz ser do nordeste, do estado de Alagoas.

Entrevistador – Diz que ocupações tem sido a maior forma de pressão dos camponeses; afirma que ocupações tem sido respondidas com violência pela UDR, grupos paramilitares, polícia civil e militar do governo da Nova República; pergunta à Genivaldo como vê essa questão.

Trabalhador rural sem terra (Genivaldo Pereira da Silva) – Explica que quando eles se organizam, os outros também fazem seus grupos; diz que polícia de Alagoas está a mando dos fazendeiros com Esquadrão da Morte programado para matar; diz que é uma perseguição: invasão de casas, prisão de pessoas, tortura, a pior coisa que se possa ter sonhado em um estado que se diz democrático da Nova República; conta que na última ocupação têm sido perseguidos desde o dia 12 de agosto; lembra que o Secretário de Segurança Pública, em nome do governo de estado, disse na televisão que o invasor de terra tinha a mesma importância que um pistoleiro e que deveria ser tratado à bala; fala sobre prisão de crianças; afirma ser tudo um verdadeiro absurdo; diz que quando se sonha com a luta de classe, quanto mais avançarem, mais os fazendeiros e a burguesia vão tentar impedir, mas que vão até o fim da luta.

DADOS DO VÍDEO:

TÍTULO: Violência no campo (2)

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Depoimento de trabalhador rural que teve pai assassinado em Conceição do Araguma (PA).
DATA: 1987
LOCAL: Conceição do Araguaia, PA
ROTEIRO: ( ) SIM ( ) NÃO
OBSERVAÇÕES: Som trêmulo

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo
SETOR: Audiovisual
CONJUNTO: Reportagens
SÉRIE: Organizações Não Sindicais

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
VÍDEO	MSPP/av.NS rep.violcampo2	0h08min	Sim	DVD
TRANSCRIÇÃO				

REMISSIVAS: Para acesso a documentos do MST sobre denúncias e acompanhamentos de casos de violência aos sem terra, ver: MSPP/ns.MST.vio

DESCRITORES:

Conceição do Araguma (PA)
Fazenda Bela Vista (PA)
Pará
Trabalhador rural
Violência no campo

SUMÁRIO:

Trabalhador rural – Mostra cruz no local onde pai foi assassinado; fala sobre assassinato: local da morte, local para onde foi levado o corpo (corte de gravação).

- **Imagens: família reunida;**

Trabalhador rural – Responde quem foi responsável pelo assassinato: Jurandir, proprietário da Fazenda Bela Vista; diz que pai não merecia: terra tinha sido comprada pelo pai porque não tinham mais terra para trabalhar; diz que morte de foi de "caceta, na maior judiação"; conta que assim que souberam foram ao local para ver o corpo; explica que "era pai", precisavam ver o corpo, mas que quando chegaram já haviam sepultado o corpo; conta que foi reconhecido somente pelas botinas; (corte de gravação); explica falta que o pai faz na família; (corte de gravação); fala sobre necessidade de intervenção da Presidência da República sobre a situação: estrada deveria ser livre para passagem de pessoas, impedimento de travessia, polícia e governador envolvidos na situação.

- **Imagens: família reunida; cruz à beira da estrada; estrada.**